

**PAULO ROBERTO SANTHIAS**

***Zzzziriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade - 1976 a 2000)***

**Florianópolis – Santa Catarina**

**2010**

**PAULO ROBERTO SANTHIAS**

**Zzzziriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis  
(memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade -  
1976 a 2000)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Banca Examinadora:**

Orientador:

\_\_\_\_\_

Doutor Luiz Felipe Falcão  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

\_\_\_\_\_

Doutor Marcos Fábio Freire Montysuma  
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro:

\_\_\_\_\_

Doutora Márcia Ramos de Oliveira  
Universidade do Estado de Santa Catarina

**Florianópolis, 26 de fevereiro de 2010.**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PAULO ROBERTO SANTHIAS**

**Zzzziriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade - 1976 a 2000)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

**Orientador:** Prof.Dr. Luiz Felipe Falcão

**FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA**

**2010**

## AGRADECIMENTO

Agradecer está entre as tarefas, aparentemente, mais fácil de redigir. Tudo bem que já temos em mente a quem agradecer algumas linhas mal traçadas na imaginação e... Bem, é difícil, sim.

Volto no tempo de quando vim morar em Florianópolis. Na primeira vez que trabalhei na cobertura do Desfile das Escolas de Samba da Capital pela televisão. Não conhecia nenhuma das escolas de samba, nem a história, nem os arranjos individuais e coletivos de cada agremiação. Quando o Consulado entrou na Passarela Nego Quirido, notei algo diferente no ar. Voltei aos meus tempos de desfile de carnaval do Rio de Janeiro e aí sim, começava a descobrir um atributo parecido com o que conheci anteriormente. Era a sonoridade, a batida, a cadência e o refrão parecido com o carioca. Meus colegas me contaram que era o Consulado, uma escola fundada por cariocas em Florianópolis e cada um foi juntado mais uma parte à história... Interessante, pensei. Mas nem de longe esperava que daquele toque de universos, fosse desaguar no trabalho que ora estou fechando.

A esses colegas faço meus agradecimentos iniciais.

Dedico palavras a avó de criação, vivi muitos anos ao lado dela, “vó Alcina”, gaúcha que se mudou para o Rio de Janeiro e que adorava ouvir a Rádio Nacional, a Rádio Tupi, os programas de auditórios e musicais que embalsamaram os nossos dias e noites... Um prazer que ficou arraigado pra sempre. Das canções de festivais, os sambas-enredos e os bailes infantis e juvenis. Depois, vieram os ensaios nas escolas de samba de Madureira, Portela e Império Serrano, lugar de onde guardo na memória batidas e batuques que tocam na cabeça da gente até hoje.

Sinceramente, tenho tido sorte nesta jornada de pesquisador iniciante do samba, embora não seja músico, letrista, compositor ou intérprete. É que conheci pessoas importantes por demais nesta caminhada e nesta idéia, sem muito sentido no começo. Mas graças as colaborações de pessoas que me ajudaram a compreender os pontos e alinhamentos a tomar.

Depois da pesquisa iniciada conheci mais pessoas. Gente de muito valor. Personalidades que relataram passagens de suas vidas, de suas contribuições dadas à agremiação e que gentilmente deram depoimentos de valor extremo nesta árdua tarefa de construir a história, o surgimento do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba até a construção do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado. A cada um apresento a minha gratidão.

A Felipe Falcão, orientador de primeira, que me estendeu a mão e guiou às trilhas, inúmeras vezes embaraçosas de um mapa de questionamentos e dúvidas. Aprendi contigo: os acontecimentos de uma escola de samba são partes inseparáveis da história da cidade. E como essa lição é relevante até para a compreensão do processo de elaborar um samba-enredo.

À professora Márcia Ramos de Oliveira pelo interesse e gentil participação, pelas sugestões a esse trabalho e pelas aulas da disciplina de História e Canção.

Ao professor Marcos Motysuma por ter aceitado participar, pelas provocações e orientações rumo à história oral, como metodologia de pesquisa vital à representação de aspectos e acontecimentos.

Aos colegas de sala de aula, logo de primeira, atraídos quando lhes falei da possibilidade de pesquisar a escola de samba, a canção e a cidade, pelas sugestões bem vindas e anotadas para o fazer do ainda projeto.

Em meio a esse observatório da caminhada, esteve sempre presente a companheira de muitas horas. À Tânia por seu apoio incansável nas horas difíceis, compreensão nos afastamentos temporários, é claro, mas necessários para a continuidade de entender o desafio deste “mundão” construído tanto na batida do martelo como na batida do surdo.

E a meu filho, Paulo Henrique, guerreiro do vestibular e companheiro nas horas em que precisei. Fã de samba...

É a melodia da vida... Foram passos ora encantadores... ora de desalento. São também tempos de onde emergiram imaginações e revelações, desenhados pela História do Tempo Presente.

Obrigado a todos que lançaram luzes a este estudo.

## RESUMO

O propósito desta dissertação é investigar a trajetória de uma iniciativa informal surgida a partir de uma reunião de amigos e/ou colegas de trabalho, a maioria oriunda do estado do Rio de Janeiro e pertencente ao quadro de funcionários da Eletrosul (Centrais Elétricas S/A): a formação do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e, dez anos depois, a transformação em Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, na cidade de Florianópolis, entre os anos de 1976 e 2000, bem como sua interação com a cidade e as tensões e conflitos que vivenciou. Trata-se de um trabalho em três capítulos. No primeiro, pesquisa-se a formação do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, que nasce do interior de uma empresa estatal, a relação estabelecida com a cidade, e as participações de sambistas, compositores e representantes das demais agremiações, entre escolas de samba e blocos interessados em manter relacionamentos amigáveis com representantes e representações do carnaval carioca e quanto à elaboração de samba-enredo até o bloco ser erguido à categoria de escola de samba. O segundo capítulo aborda a trajetória de Bloco Consulado do Samba a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, o carnaval existente no bairro Saco dos Limões, as tentativas e iniciativas de projetos de profissionalização do carnaval de Florianópolis, ainda sem planejamento estratégico e organização, mas que busca a inclusão da festa popular florianopolitana no contexto nacional e no fechamento do calendário turístico da Capital. O terceiro capítulo investiga a constituição da escola de samba em meio ao processo de criação de identidade com comunidades da Capital e a implantação de projetos sociais a fim de obter o reconhecimento como escola de samba de Florianópolis, embora não tenha surgido a partir de uma comunidade específica da Capital, mas que optou por um espaço na cidade. A pesquisa foi fundamentada em depoimentos orais, documentações do GRES Consulado, Elase, Amoca que permitiram confrontar com pesquisas e bibliografia realizadas na qual emerge uma visão nova.

Palavras chave: História, samba-enredo, cultura, cidade.

## ABSTRACT

The purpose of this thesis is to investigate the trajectory of an informal initiative suggested by a meeting of friends and coworkers, mostly from the state of Rio de Janeiro and belonging to the staff of Eletrosul (power plants A/N): the formation of Bloco Carnavalesco Consulado do Samba and, ten years after, the transformation into Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, in Florianópolis between the years of 1976 and 2000, and its interaction with the city and the stress and conflicts experienced. This Work has three chapters. The first one researches the formation of Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, that arises from a state enterprise, the relation established with the city, and the participation of sambistas, writers and representative of other associations, between the Escolas de Samba and Blocos interested in maintaining friendly relationships with representatives and representations of Rio's carnival and the development of the samba enredo until the Bloco was raised to the rank of Escola de Samba. The second chapter discusses the history of Bloco Consulado do Samba to Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, the Saco dos Limões neighborhood carnival, the attempts and initiatives of professionalization projects of carnival in Florianópolis, even without strategical planning and organization, but demands to include the local popular party in the national context and on the shutdown of the Capital's tourist calendar. The third chapter investigates the constitution of the Escola de Samba through the process of identity creation with Capital's communities and the implantation of social projects to obtain recognition as Escola de Samba in Florianópolis, although it has not arisen from a specific Capital's community, but opted for a space in the city. The research was based on oral evidence, documents of GRES Consulado, Elase, Amoca that allowed confront with researches and references which emerges a new vision.

Keywords: History, samba-enredo, culture, city.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>2</b>
<b>CAPÍTULO 1 - DO GRUPO DE AMIGOS E/OU COLEGAS DE TRABALHO À ESCOLA DE SAMBA.....</b>	<b>14</b>
1.1. Das rodas de samba ao Bloco carnavalesco.....	14
1.2. A consolidação do Bloco carnavalesco.....	20
1.3. Do Bloco Carnavalesco à Escola de Samba.....	27
<b>CAPÍTULO 2 - MODERNIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO CARNAVAL.....</b>	<b>35</b>
2.1. O projeto de turismo e o “terceiro melhor carnaval do Brasil”.....	36
2.2. O lugar do samba-enredo.....	44
2.3. Instrumentos e articulações.....	54
<b>CAPÍTULO 3 - A BUSCA POR TERRITORIALIZAÇÃO.....</b>	<b>57</b>
3.1. O Maciço do Morro da Cruz e os bairros, hoje e ontem.....	58
3.2. A FAC e lugares de samba (in)visibilizados em Florianópolis.....	66
3.3. Relações: Consulado, Sacos dos Limões e a AMOCA.....	72
3.4. Propostas de Projeto Sociais: utopia ou transformação?.....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>102</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>107</b>



**“Canta, canta minha gente**

**Deixa a tristeza pra lá**

**Canta forte, canta alto**

**Que a vida vai melhorar...”**

**Martinho da Vila**

## INTRODUÇÃO

“No decorrer da década de 1960, as escolas de samba conquistaram a hegemonia do carnaval carioca, fazendo de seus desfiles sua maior atração. Isso aconteceu com a transformação desses desfiles em espetáculos de grande apelo popular, com suas fantasias e alegorias profusamente coloridas, espetáculos que logo passariam a ser assistidos por milhões de pessoas através da televisão. Tal hegemonia também se estendeu à área musical, com os sambas-enredo substituindo os sambas e as marchinhas tradicionais, a partir de 1971.”<sup>1</sup>

Foi no final da década de 1970, que veio para Florianópolis um contingente expressivo de cariocas, desejosos em construir o futuro nesta Ilha, aparentemente, com cenário parecido com o do Rio de Janeiro. Atraídos pelas condições de empregabilidade inexistentes na capital fluminense, eles trouxeram na bagagem hábitos e costumes culturais, dos quais se sobressai o ardor pelo samba. De encontros informais nos finais de semana, com roda de samba, em pouco tempo, formou-se o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba. Dez anos mais tarde surgiu a escola de samba.

A dissertação intitulada: *Zzzziriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade 1976 a 2000)* pode abrir novas linhas de raciocínio acerca das relações e intervenções estabelecidas pelos integrantes da entidade carnavalesca com a cidade, e tenta compreender algumas dicotomias, conflitos e incertezas de relacionamentos da entidade carnavalesca para com a comunidade onde ergueu a quadra de ensaio e vice-versa, escolas de samba e representações político-sociais da cidade.

Recorro a desconfiguração da linha de tempo, para iniciar a narrativa pelo período mais atualizado, com o intuito de trazer um fragmento do nível do embate atingido e manifestado nos jornais da Capital. O ano de 2009 termina com acontecimentos polêmicos em Florianópolis, cobertos pela imprensa diariamente. Entre os tantos assuntos das capas dos jornais, consta o projeto da prefeitura de instalação da árvore de Natal, contratada a uma empresa do Sul de Santa Catarina, a PalcoSul, que, segundo as alegações das autoridades municipais, daria início antecipado à temporada de verão cujo ponto alto seria o desfile das Escolas de Samba da cidade durante o carnaval. Tal projeto, no entanto, sofreu desde o início do mês de dezembro contestações e embargos jurídicos devido a indícios de irregularidades

---

<sup>1</sup> SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira – Das origens à modernidade*. São Paulo. Editora 34. 2008. p. 437, 438.

constatados pelo Ministério Público Estadual que, em representação movida pelo Promotor de Justiça, Ricardo Paladino, pediu a suspensão do pagamento acertado entre a prefeitura e a empresa no valor total de R\$ 3.700.000 (três milhões e setecentos mil reais), conforme noticiado pelo jornal Diário Catarinense na edição on-line do dia 14 de dezembro de 2009:

Na semana passada, duas liminares foram concedidas pelo juiz Luiz Antônio Fornerolli, da Vara da Fazenda Pública de Florianópolis, determinando a imediata suspensão do contrato de R\$ 3,7 milhões firmado entre a Prefeitura e a PalcoSul Eventos Ltda, que montou a árvore.

O magistrado também determinou a suspensão dos pagamentos pendentes, assim como o seqüestro dos valores já pagos à empresa. As liminares foram em resposta a ações impetradas pelo Ministério Público e pelo vereador João Amin (PP).

O secretário de Turismo, Mário Cavallazzi, disse que os principais shows previstos na programação, como o do tenor Andrea Bocelli ficam, sim, comprometidos com a decisão da Justiça. A árvore continua funcionando, mas pode ser desligada a qualquer momento. Os shows que seriam feitos no último fim de semana foram cancelados.<sup>2</sup>

Numa outra frente, a mesma árvore de Natal que anteciparia a temporada de verão foi também alvo de questionamentos a partir da Câmara de Vereadores por meio de ação popular movida pelo vereador João Amin, do Partido Progressista e filho do ex--governador Esperidião Amin, adversário político do prefeito de Florianópolis, Dario Berger, do PMDB, que argüia suspeitas quanto ao fato de a PalcoSul ter sido contratada sem licitação e por um valor extremamente elevado.

Como resultados desses embates, o contrato foi suspenso pela Justiça, a árvore foi desmontada e o Secretário de Turismo, Cultura e Esporte, Mário Cavalazzi, pediu demissão do cargo alegando “falta de motivação”, conforme registrado no Diário Catarinense, em 4 de janeiro de 2010:

O secretário de Turismo de Florianópolis, Mário Cavallazzi, pediu demissão do cargo ao prefeito Dário Berger. Cavallazzi está no centro do caso que envolve os contratos para a montagem da Árvore de Natal na Avenida Beira-Mar Norte e o *show* do tenor Andrea Bocelli, com custo total de R\$ 6,7 milhões.

Na tentativa de fazer com que o secretário mudasse de idéia, Berger pediu a ele que conversasse com o governador Luiz Henrique da Silveira ainda nesta segunda-feira. O ex-secretário afirmou que aceitaria o convite, mas não seguiria no cargo por falta de motivação.

---

<sup>2</sup>Diário Catarinense Online. *Para MP, suspensão de contrato da árvore não impede eventos de fim de ano em Florianópolis.* Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2748394.xml>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

— Saio de cabeça erguida, ciente de que fiz o que estava ao meu alcance — disse Cavallazzi ao jornalista Rafael Martini, do blog Visor. Junto com Cavallazzi, teria saído também o secretário-executivo Homero Gomes.<sup>3</sup>

A saída de Cavallazzi não chegou, aparentemente, a afetar o chamado “Carnaval da Magia”, projeto da prefeitura que tem no desfile das Escolas de Samba o ápice da temporada de verão, porque ele, dias antes, antecipou sua saída para a diretoria da Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (LIESF). Então, o prefeito Dario Berger assumiu provisoriamente a Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, à qual está submetido o “Carnaval da Magia”, e com isso acumulou a função de Coordenador do Carnaval, fato registrado na página eletrônica da prefeitura no dia 8 de janeiro de 2010:

Na tarde desta sexta-feira (08/01), o Prefeito Municipal realizou em seu gabinete uma reunião preparatória do Carnaval 2010. Estiveram presentes os vereadores Gean Loureiro, Márcio de Souza, Azael, Norberto Stroisch e Celso Sandrini, representantes do Conselho Municipal de Turismo, Escolas de Samba e Blocos carnavalescos.

Na ocasião o Prefeito anunciou novamente que responde interinamente pela Secretaria Municipal de Turismo e que é o presidente da comissão de organização do Carnaval 2010. Comissão esta formada pelos secretários José Carlos Rauen, Adriano Zanotto, Constâncio Maciel, Carlos De Rolt, Homero Gomes, Aloysio Machado Filho, Fénelon Damiani e Gerson Basso. Berger anunciou também a realização de licitação e pregões para praticamente todos os itens necessários para a concretização do evento, que já foram publicados em Diário Oficial e acontecem nos dias 18 e 19 de janeiro.<sup>4</sup>

No entanto, como que corroborando uma crença popular segundo a qual os problemas nunca surgem sozinhos, vindos sempre acompanhados de outros por vezes ainda mais espinhosos, dezembro ainda reservou outro contratempo relacionado com a temporada de verão: a anulação do título de campeã do desfile das Escolas de Samba de 2009 obtido pelo Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado devido à constatação de que o refrão de seu samba-enredo era um plágio. A suspeita teria sido difundida, num primeiro momento, em 30 de outubro de 2009, por intermédio da repórter Ângela Bastos, do Grupo RBS, nos seguintes termos:

Um mal estar geral tomou conta do mundo do Carnaval de Florianópolis com a notícia de que a G.R.E.S. Consulado, atual campeã, usou um refrão da paulistana Vai-Vai no samba-enredo 2009 e que inclui um refrão da também paulistana Leandro de Itaquera, na obra 2010, ainda que os versos tenham ficado de fora do hino oficial.

Até então apresentado e assinado apenas por Alysson Biscoito e Thiaguinho, a obra poderá contar com a assinatura de pelo menos mais nove autores.

<sup>3</sup>ClickRBS. Disponível em: <<http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/ResultadoBusca.aspx?uf=1&tipo=categoria&texto=17&channel=46>>. Acesso em 18 de janeiro de 2010.

<sup>4</sup>Prefeitura Municipal de Florianópolis. *Carnaval da Alegria*. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=eventopagina&event=65>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

O presidente do Consulado, Salomão de Souza Filho, declarou à RBS TV que não vê motivos para fazer um novo refrão, como havia declarado antes ao DC (caso não tivesse por escrito a autorização para o uso), por entender que tanto no caso da Vai-Vai como da Leandro de Itaquera, os versos não fizeram parte do desfile oficial das escolas.

Inicialmente, Alysson Biscoito e Thiaguinho disseram que os versos haviam sido escritos por eles e que não passavam de uma coincidência. Mas um dos autores do samba disse que o refrão foi inserido a pedido do intérprete Luizinho Andanças.

De acordo com a assessoria de imprensa da escola, o departamento jurídico está estudando o caso para emitir uma posição oficial. Segunda colocada no desfile 2009 e perdendo por um ponto, a Unidos da Coloninha pede esclarecimentos.<sup>5</sup>

Nessa mesma matéria, o então Secretário Municipal Mário Cavalazzi, que naquele momento se encontrava em Brasília, lamentou a situação, mas defendeu que o resultado do desfile não fosse alterado, talvez com receio das repercussões de um desdobramento de tal porte:

Não creio que a escola deva perder o título, o que já está sacramentado e até porque os prazos de recurso estão esgotados. A questão é tirar proveito disso e a Comissão de Carnaval estabelecer penalizações para quem a partir de agora infringir questões consideradas irregulares.<sup>6</sup>

Em que pese tal posicionamento, em nove de dezembro de 2009 a mesma repórter Ângela Bastos noticiava a cassação do título do Consulado e a sagração de outra Escola de Samba, a Coloninha, que havia ficado em segundo lugar no desfile, como a autêntica campeã de 2009:

Agora é oficial: Já está com presidentes das Escolas de Samba de Florianópolis a decisão do Conselho Deliberativo da Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (Liesf) sobre o Processo Administrativo nº 001/2009 que trata da denúncia de descumprimento de ineditismo no samba-enredo 2009 (refrão) da G.R.E.S. Consulado. Veja as decisões:

Desclassificação da G.R.E.S. Consulado por infração ao artigo 3ª, parágrafo único, do Regulamento do Desfile das Escolas de Samba de Florianópolis, aplicado ainda advertência. A classificação do Desfile das Escolas de Samba 2009 fica assim:

- 1º lugar - Unidos da Coloninha
- 2º lugar- Embaixada Copa Lord
- 3º lugar - Protegidos da Princesa
- 4º lugar - União da Ilha da Magia
- 5º lugar - G.R.E.S. Consulado (DESCCLASSIFICADA)

Além da desclassificação, foi sugerida aplicação da pena de advertência prevista no artigo 9º, alínea 'e', do Estatuto Social da Liesf, e finalmente, condena-se a Consulado a devolver os valores recebidos a título de premiação e o troféu que lhe foi concedido. Isso deve ocorrer em um prazo de 30 dias.<sup>7</sup>

<sup>5</sup>BASTOS, Ângela. *Suspeita de plágio gera polêmica no Carnaval de Florianópolis*. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/sc/cracknempensar/19,0,2701748,Suspeita-de-plagio-gera-polemica-no-Carnaval-de-Florianopolis.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

<sup>6</sup>Idem, ibidem.

<sup>7</sup>Hagah. Disponível em: <<http://www.hagah.com.br/jsp/default.jsp?uf=1&pg=1&coldir=1&section=Blogs&template=4062.dwt&source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&blog=583&tipo=1&post=255130>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2010.

Assim, praticamente às vésperas do Carnaval de 2010, a imprensa dedicou-se à divulgar a perda do título da campeã do ano de 2009, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, conforme o fez, por exemplo, o jornal *Diário Catarinense*:

O processo contra a escola foi aberto a pedido das outras quatro agremiações da Capital, que denunciaram o uso de versos já utilizados pela paulistana Vai-Vai. Essa prática fere o item do ineditismo, estabelecido pelo regulamento da Liesf.<sup>8</sup>

Considerando que, em décadas passadas, as Escolas de Samba de Florianópolis desfilavam com sambas-enredo apresentados pelas Escolas de Samba do Rio de Janeiro no ano anterior (por exemplo, é notório que o primeiro desfile da Embaixada Copa Lord, em 1955, logo após sua fundação e que lhe deu o título de campeã, foi feito com o samba-enredo de 1954 da carioca Império Serrano, denominado “Exaltação a Tiradentes”), essa reviravolta no resultado do desfile de 2009 é indicativa de que mudanças significativas aconteceram no cenário citadino. Em realidade, toda essa situação faz parte da problemática proporcionada pelas intensas transformações urbanas ocorridas em Florianópolis nas últimas décadas, que a transformaram em uma cidade mais cosmopolita e complexa, e pelas tentativas de várias de suas lideranças políticas e empresariais no sentido de extrair dividendos de investimentos aplicados tanto a partir da chamada indústria do turismo e do lazer, quanto com base na incorporação imobiliária e na construção civil mediante variados empreendimentos. Em outras palavras, Escolas de Samba em disputas acirradas, fluxo turístico nas temporadas de verão e carnaval coordenado pelas autoridades municipais, dentre outros fatores, são elementos interligados que produziram e foram produzidos pelas transformações urbanas recentes que aconteceram em Florianópolis.

Tomando em particular o fenômeno das Escolas de Samba, como manifestação de cultura urbana iniciada no final da década de 1920 no Rio de Janeiro, quando ainda “sem o prestígio que teriam no futuro, 19 Escolas de Samba participaram do pioneiro desfile de 1932”<sup>9</sup>, e que, posteriormente, se generalizou em outras partes do país, como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, surge na capital do Estado de Santa Catarina, em 18 de outubro de 1948, quando foi fundado o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Protegidos da Princesa. Naqueles idos, a existência de agremiações com essas características era bastante efêmera, com o carnaval de rua se resumindo às grandes sociedades que reuniam as parcelas mais abastadas da população e aos grupos de foliões que tentavam formar algo semelhante aos cordões e Blocos existentes em cidades maiores como Rio de Janeiro e São Paulo. A

---

<sup>8</sup> *Diário Catarinense*, Florianópolis, 2ª. edição, da sexta-feira, 29 de janeiro de 2010.

<sup>9</sup> DINIZ, André. *Almanaque do Samba*. A história do Samba. O que ouvir. O que ler. Onde curtir. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006, p.92.

Protegidos, por exemplo, foi criada a partir de rodas de samba num bar do centro de Florianópolis improvisadas, sobretudo, por marinheiros oriundos de outras cidades e que haviam sido transferidos para Santa Catarina, sendo que poucos anos depois, no início da década de 1950, ficou literalmente desativada. A própria Copa Lord, por seu turno, também surgiu a partir de encontros num outro bar do centro de Florianópolis realizados por jovens brancos e negros que costumavam jogar futebol na Escola Industrial, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica, e quando venceu seu primeiro desfile, em 1955, disputou com as Escolas de Samba Unidos do Tico-Tico e Alvim Barbosa e com o Bloco carnavalesco da Escola de Aprendizes Marinheiros, os Filhos de Netuno, sendo que o primeiro concurso oficial na cidade só ocorreu em 1961.

Nos primórdios do processo de profissionalização do carnaval e das próprias Escolas de Samba, existiram na cidade várias agremiações desse teor (além das que permaneceram até hoje, como Embaixada Copa Lord, Protegidos da Princesa e Unidos da Coloninha, apareceram as seguintes: Alvim Barbosa, Filhos do Continente, Império do Samba, Lufa-Lufa, Unidos do Continente e Unidos do Tico-Tico) e blocos de carnaval, alguns deles formados por trabalhadores de empresas públicas e privadas como o Em Cima da Hora, da ASTEL-TELESC (Associação dos Servidores da Telecomunicações de Santa Catarina), o Energia Radiante, da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina), o Pinta e Borda, da Fábrica de Rendas Hoepcke e o SOS – Samba, Ordem e Saúde – dos servidores da Saúde Pública, que faz até hoje a abertura do Carnaval de Florianópolis, no chamado Enterro da Tristeza realizado na quinta-feira que antecede a festa popular. E, juntando-se a eles, surgiu aquele que iria se converter mais adiante em Escola de Samba e que é o objeto deste trabalho, o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, originado das rodas de samba em que se divertiam empregados de uma empresa pública, a ELETROSUL Centrais Elétricas.

A partir da segunda metade da década de 1970, porém, as Escolas de Samba e o próprio carnaval foram se transformando em Florianópolis, com o aporte crescente de recursos públicos e privados, a inserção num calendário de eventos turísticos, a construção de espaços para sediar ensaios e outras atividades cotidianas de cada Escola e para abrigar os desfiles (a Passarela do Samba Nego Quirido, construída a partir de 1988 e inaugurada em 1989), a efetivação de um planejamento anual de atividades e mesmo a criação de um mercado de trabalho mais estável para os sambistas. Todavia, são muito poucos os documentos escritos relativos aos primeiros esboços desse processo, seja devido à informalidade que caracterizava essas práticas no seu início, seja em razão delas agruparem

em grande parte pessoas simples, oriundas de camadas populares e muitas delas forasteiras, que despertavam mais suspeição que admiração por parte da imprensa local, dos letrados citadinos e das próprias autoridades públicas.

Esta precariedade, decerto, dificulta uma pesquisa acerca da criação e ulterior desenvolvimento das Escolas de Samba de Florianópolis, mas não constitui um impeditivo intransponível. E, como acontece com outros objetos de pesquisa que envolve camadas populares, o recurso à metodologia da História Oral pode contribuir em muito para sanar, ao menos parcialmente, as lacunas deixadas pela documentação escrita. Referendando isso, o historiador norte-americano Paul Thompson, por exemplo, um reconhecido defensor da evidência oral como parte da pesquisa histórica, destaca sua importância e a coteja com as inovações trazidas pela modernização: “chegamos à era do telefone e do gravador: uma mudança de métodos de comunicação que, a seu tempo, acarretarão alteração tão importante no caráter da história quando fizeram, no passado, o manuscrito, a imprensa e o arquivo.”<sup>10</sup>

Por seu turno, o historiador italiano Alessandro Portelli chama a atenção para as possibilidades enriquecedoras da pesquisa com fontes orais no sentido de que ela pode ampliar o leque de interpretações disponíveis para o estudioso. Como ilustração disso, em seu artigo “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”, ele mostra como a execução de 115 moradores dessa pequena cidade por militares alemães na Segunda Guerra Mundial, em resposta ao ataque da resistência italiana dias antes, impregnou a memória de seus habitantes:

[Existe] por um lado, uma memória “oficial”, que comemora o massacre como um episódio da Resistência e compara as vítimas a mártires da liberdade; e, por outro lado, uma memória criada e preservada pelos sobreviventes, viúvas e filhos, focada quase que exclusivamente no seu luto, nas perdas pessoais e coletivas. Essa memória não só nega qualquer ligação com a Resistência, como também culpa seus membros de causarem, com um ataque irresponsável, a retaliação alemã: *apud MC*: “Hoje, toda a culpa recai sobre os alemães... Mas nós culpamos os membros da Resistência, porque, se não tivessem feito o que fizeram, aquilo não teria acontecido. Eles mataram em retaliação.”<sup>11</sup>

Assim, há uma complexa e intrincada conexão entre memória, representação e fato, que muitas vezes não está presente na documentação escrita. Como afirma de maneira perspicaz Jacques Le Goff, “como o passado não é história, mas seu objeto, também a

<sup>10</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992., p. 84.

<sup>11</sup> PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Organizadoras). *Usos e abusos da História Oral*. (8ª Edição). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006. p. 105.



memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica”.<sup>12</sup>

De acordo com isso, pretende-se aqui recorrer à História Oral para conhecer e interpretar a criação e a trajetória do Bloco Consulado e, em seguida, da Escola de Samba que o sucede. Mais ainda, devido à minha formação e atuação em Jornalismo, vou procurar aproximar aspectos próprios dessa área profissional com a História, uma vez que uma das produções mais celebradas do Jornalismo é a denominada “grande reportagem”, resultante de procedimentos investigativos que recorrem com frequência aos depoimentos para formular uma representação do fato e das versões do fato.

Essa aproximação entre Jornalismo e História é problematizada por Jean-Pierre Rioux na perspectiva de uma História do Tempo Presente, uma vez que ele considera que “jornalistas seriamente documentados” seriam capazes de elaborar textos (reportagem investigativa, interpretativa, grande reportagem), com propósitos de compreensão e interpretação do acontecimento.<sup>13</sup> Para tanto, caberia se afastar de um tipo de prática jornalística que se presume totalmente objetiva, isenta de outros interesses que não a transmissão de uma informação, e pensar na reportagem como um processo de “apreensão, seleção de dados, interpretação e tratamento, dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico informativo”.<sup>14</sup> E isso é ainda mais relevante quando se pensa na grande-reportagem, denominada por pesquisadores, professores de jornalismo e jornalistas renomados, como Alberto Dines, de reportagem investigativa.

O jornalismo investigativo não é apenas jornalismo de sensações ou de escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência. Ao praticá-lo, necessariamente, não se obriga a postura de denúncia. Ele pode comportar uma atitude grave, estudiosa e, sobretudo, responsável. E desde que o jornalista adote um princípio filosófico de que qualquer questão oferece duas perspectivas – uma pró e outra contra – e entenda que a boa reportagem é justamente aquela que consegue apresentá-la com equidistância, manter-se-á a objetividade e um bom padrão ético.<sup>15</sup>

Em outra abordagem, Wilson Gomes, professor titular de Teoria da Comunicação da Universidade Federal da Bahia, agrega:

<sup>12</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória* (5ª edição). Campinas: UNICAMP, 2003, p.49.

<sup>13</sup> RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo, In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.120. Essa aproximação não é certamente nova, mas vem despertando cada vez mais atenção: sobre isso ver também: MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo*. Identidades brasileiras. São Paulo. Ed. Paulus. 2006.

<sup>14</sup> RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo. Ática, 1995.p.509.

<sup>15</sup> DINES, Alberto. *O papel do jornal* (4ª Edição.) São Paulo: Summus, 1986 p. 92.

O jornalismo, como todas as instituições, possui um discurso cujo propósito é afirmar a sua legitimidade social. Um discurso social é um conjunto de falas, locuções, textos, sentenças em circulação onde se postulam e reafirmam visões de mundo, valores, teses, apreciações acerca de temas ou núcleos de temas relevantes para a sociedade ou para um setor social específico. Não é propriamente teoria, sobretudo porque não desenvolve mecanismos de provas e demonstrações semelhantes às empregadas no discurso científico, embora frequentemente ganhe forma de teses ainda mais apodícticas do que as da ciência.<sup>16</sup>

Por sua vez, Nilson Lage, professor (aposentado) do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e jornalista experiente dos tempos do regime militar no Brasil, acrescenta:

Pode-se também entender jornalismo investigativo – pelo menos parte dele – como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido. O resultado do trabalho é a produção de textos extensos que eventualmente não cabem em veículos jornalísticos convencionais. Costumam ser publicados, então, na forma de livros ou documentários em vídeo. Livres de inunções, os repórteres se permitem explorar linhas de raciocínio divergentes e chegar a conclusões que, se não verdadeiras, pelo menos inquietam os bem-pensantes.<sup>17</sup>

A produção jornalística acontece no espaço público com a intenção de construir uma representação do acontecimento para propiciar sua informação e compreensão, constituindo, pois, uma espécie de tradução. Como afirma Luiz Gonzaga Motta, profissional experiente do Jornal do Brasil das décadas de 1960 e 1970 e professor da Universidade de Brasília:

Se entendermos as notícias como narrativas, compreenderemos que elas nunca refletem a realidade, referem-se ao diferente e ao particular que representam... Embora as notícias não sejam ficção, são histórias sobre a realidade, não a realidade em si. Portanto, notícias são também novos fatos, metafatos e metanotícias.<sup>18</sup>

É nessa dimensão de uma interface da História do Tempo Presente com a grande-reportagem, entendida esta última como “novos fatos, metafatos e metanotícias”, portanto, como interpretação do acontecimento, que o presente trabalho pretende se incluir e se desenvolver, e para tanto os depoimentos, em especial os de pessoas comuns, tornam-se indispensáveis, quer pela raridade das informações escritas, quer pela intenção de captar sensibilidades e sociabilidades muito difusas. Depoimentos, pois, obtidos sem dúvida a partir

<sup>16</sup> GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses*. Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis. Editora Insular. 2009.p. 67.

<sup>17</sup> LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro – São Paulo. Record. 2001, p. 138 e 139. Essas observações de Lage são complementadas por Eduardo Meditsch, também professor do Curso de Jornalismo da UFSC, que enfatiza a diferença entre reprodução e mera transmissão de informações: “O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. (...) A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social... (MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* Florianópolis. UFSC. 1997, p.3).

<sup>18</sup> MOTTA, Luiz G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal*. Brasília: UNB, 2002, p. 317.

de roteiros semiestruturados, mas que buscam compartilhar experiências, ao contrário do que o fazem as entrevistas que visam apenas colher informações concisas.<sup>19</sup>

Por outro lado, cabe sublinhar que pesquisar uma instituição como a Escola de Samba Consulado implica situá-la no espaço da cidade, no território do urbano, como algo próprio da experiência urbana contemporânea. Afinal, trata-se de uma ocorrência em Florianópolis, em que trabalhadores assalariados e muitos deles pouco especializados da ELETROSUL, migrados do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e de outros Estados, bem como outros nascidos em Florianópolis e imediações, em meados da década de 1970, formaram o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e, dez anos depois, transformaram a entidade em Escola de Samba, ou mais precisamente no Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado.<sup>20</sup> Em outros termos, essa pesquisa procura interpretar os modos pelos quais um conjunto de atividades informais como as rodas de samba entre amigos e/ou colegas de trabalho ganhou escala e foi se transformando até chegar a uma Escola de Samba, provocando paixões as mais diversas como a dedicação e o arrebatamento de seus integrantes, por um lado, e por outro lado a discriminação e o estigma (“escola de branco”, “escola de rico”, “escola de estrangeiros”). Mais: como Escola de Samba, é atribuída ao Consulado uma grande responsabilidade no incremento da profissionalização dos festejos carnavalescos na cidade, bem como um pioneirismo na criação de projetos sociais envolvendo os moradores do bairro em que se situa sua sede, tecendo, enfim, outras tantas teias com o ambiente urbano em que se localiza.

Nesse sentido, a transformação das rodas de samba em bloco carnavalesco, e mais adiante desse último em Escola de Samba, corresponde também às transformações da cidade, num processo que amplifica, torna mais complexo e é influenciado por tais transformações da cidade. E para compreender no maior número possível de dimensões esse processo, este trabalho irá aproveitar igualmente as sugestões do sociólogo alemão Georg Simmel acerca do estudo das grandes cidades e das relações instituídas em seu interior:

As relações e oportunidades do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo: mediante a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão

---

<sup>19</sup> Sobre isso, ver o conhecido ensaio “O Narrador”, de Walter Benjamin, em: BENJAMIN, Walter. Vol. 1 (Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura). São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

<sup>20</sup> A criação de uma escola de samba formada por migrantes cariocas já havia ocorrido em Brasília, no dia 21 de outubro de 1961, com a fundação da Associação Recreativa e Cultural Unidos do Cruzeiro, no bairro com o mesmo nome. Conforme <<http://www.aruc.com.br/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2009.

complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável.<sup>21</sup>

No capítulo primeiro deste trabalho, a intenção é estudar a formação do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e, em seguida, a sua transformação em Escola de Samba, em Florianópolis, entre 1976 e 2000. Para tanto, pesquisou-se o contexto histórico, social, político e econômico da cidade no que se refere ao carnaval e sua renovação no período em apreço, com destaque para o processo de interação de sambistas do Bloco e, posteriormente, da Escola de Samba, com outros personagens da cidade, fossem eles sambistas ou não, a fim de perceber a maneira ambivalente como isso aconteceu, despertando a um só tempo as adesões e rejeições, aplausos e estigmas.

No capítulo dois, percebe-se a intenção de introduzir projetos no Carnaval da cidade, sem ainda ter uma clareza de objetivos. Pesquisou-se os investimentos feitos pela Prefeitura a fim de oferecer novidades no Carnaval de Florianópolis. Investigou-se a elaboração e o conteúdo dos sambas-enredo do GRES Consulado, para verificar em que medida tal elaboração e conteúdo repercutiram na cidade, acentuando a receptação ou a rejeição de uma instituição formada, num primeiro momento e em grande parte, por muitas pessoas advindas de outros lugares do ponto de vista territorial, da formação histórica e da experiência cultural. Nesse particular, busca-se analisar o intercâmbio do GRES Consulado com escolas congêneres do Rio de Janeiro, seu impacto na renovação do samba em Florianópolis e as críticas que isso acabou por despertar.

O capítulo três serve à investigação do modo de inserção e intervenção tanto do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba como do GRES Consulado, por meio dos relacionamentos estabelecidos com a Associação de Moradores da Caieira do Saco dos Limões e dos projetos sociais introduzidos no bairro. O GRES Consulado trouxe projetos e dinâmicas na localidade da Caieira do Saco dos Limões a fim de aproximar a escola de samba ao bairro, com o intuito de formar na capital do Estado de Santa Catarina uma nova geração de sambista, em meio a tensões com alguns moradores do bairro oriundos de diferentes lugares do Brasil: Oeste catarinense, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, dentre outros. Esses migrantes carregam consigo elementos culturais diferenciados, inclusive em termos musicais como, por exemplo, a música gauchesca, a nativista, a sertaneja, um repertório bastante distinto do samba.

---

<sup>21</sup> SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903), In: *Mana*, vol.11, no. 2, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Outubro de 2005, p 11.

Enfim procurar-se-á, numa tentativa de aproximação entre pesquisa de caráter histórico e grande reportagem graças ao recurso continuado aos depoimentos orais e à metodologia da História Oral, desenvolver uma interpretação de elementos significativos das modificações urbanas em Florianópolis ao longo das últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, ou, mais especificamente, da criação e consolidação de uma das mais importantes Escolas de Samba da cidade. Com isso, não se pretende, decerto, esgotar os vários assuntos que irão permear o trabalho (como, por exemplo, os sambas-enredo e sua evolução, ou mesmo a mutação dos desfiles carnavalescos visando a sua conversão em espetáculo mercadológico para incentivar o turismo), e, sim, contribuir para uma apreensão mais ampla e aprofundada de tudo aquilo que esteve e implica a formação do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, pertencentes ao campo da História do Tempo Presente.

## **CAPÍTULO 1 - DO GRUPO DE AMIGOS E/OU COLEGAS DE TRABALHO À ESCOLA DE SAMBA:**

A Escola de Samba é um ambiente constitutivo de acontecimentos e relações políticas, culturais, sociais e econômicas, desde a criação da primeira escola no final da década de 1920 no Rio de Janeiro, e da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, em 1948, a pioneira da modalidade em Florianópolis. Partindo desta premissa, esse capítulo tem a intenção de introduzir o leitor e/ou pesquisador no contexto da formação do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado que, antes de atingir este estágio, iniciou como bloco carnavalesco criado em grande parte por trabalhadores de uma empresa estatal federal.

### **1.1. Do grupo de amigos e/ou colegas de trabalho ao Bloco carnavalesco**

Florianópolis sempre ostentou a imagem de cidade formada, em sua maioria, pelo funcionalismo público das três esferas: federal, estadual e municipal, considerando-se os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. E, durante muitos anos, entre meados da década de 1940 e meados da década de 1960, ela foi palco do enfrentamento partidário que opôs, de um lado, os seguidores do PSD – Partido Social Democrático – de Aderbal Ramos da Silva e, de outro lado, a UDN – União Democrática Nacional – de Irineu Bornhausen.

Enquanto a UDN tinha maiores vínculos com as áreas de colonização alemã do Vale do Itajaí e de Joinville, em Florianópolis sempre predominou o PSD. Na capital, a figura política de Aderbal Ramos da Silva, parecia incontestada durante todo aquele período. Foi construída na cidade uma rede de distribuição de recursos, favores e caridade, cujo centro era ocupado pelo chefe político, o qual dispunha de uma autoridade que aparecia com uma aura de bonomia e seu domínio procurava ampliar-se no poder das tradições religiosas e na permanência de hábitos ancestrais de dependência entre população e governo.<sup>22</sup>

A partir do final da década de 1960, Florianópolis passa a vivenciar, de modo mais intenso, as transformações que já se faziam sentir na década anterior (crescimento demográfico mais acelerado, verticalização do centro da cidade, integração com as localidades mais distantes, ampliação dos equipamentos urbanos etc.), em boa medida devido às repercussões do chamado “milagre econômico” que dinamizou a produção material entre 1967 e 1974. E, dentre essas transformações, cabe ressaltar a consolidação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a implantação da ELETROSUL, em razão dos impactos que trouxeram para o dia a dia da cidade.

Sobre a UFSC, observa Sandra Born:

---

<sup>22</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana - Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado em História), p.39. Sobre os embates políticos no Estado ao longo desse período, ver CARREIRÃO, Yan de Souza e BORBA, Julian. Os partidos na política catarinense – Eleições, processo legislativo, políticas públicas. Florianópolis. Insular, 2006. p. 19 e 20.

As promessas de construção de uma Universidade na capital não eram novas e a espera para que se concretizasse esse desejo gerou várias críticas às mais diversas administrações. Apesar das reivindicações, a Universidade Federal de Santa Catarina só foi criada em 18 de dezembro de 1960, pela Lei 3.849, e reuniu as Faculdades de Filosofia, Letras, História, Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Ciências Econômicas, Serviço Social e Escola de Engenharia Industrial. Sua instalação, todavia, foi efetivada somente em 12 de março de 1962, em diversos prédios no centro da cidade, enquanto o Campus da Trindade era paulatinamente construído.<sup>23</sup>

Quanto a ELETROSUL Centrais Elétricas S.A., ela é uma empresa estatal criada em 23 de dezembro de 1968 e autorizada a funcionar no dia 23 de abril de 1969, por meio do decreto número 64.395, como subsidiária das Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (ELETROBRÁS), atendendo atualmente a 17% do mercado nacional de consumo de energia elétrica, englobando os três estados do Sul e o Mato Grosso do Sul na geração e transmissão de energia elétrica. Durante sua implantação, a empresa trouxe para a cidade um número expressivo de funcionários naturais de outros Estados da federação, notadamente do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, muitos deles com elevado capital social e cultural e usufruindo de remunerações bem mais substantivas do que era comum na cidade.<sup>24</sup>

Esses trabalhadores migrantes começaram a chegar a Florianópolis a partir de 1976 e logo criaram espaços e formas de lazer a que estavam acostumados, como as rodas de samba, encontros informais que reuniram amigos e/ou colegas de trabalho para desfrutar algumas horas de diversão embaladas por este gênero musical. Como informa em depoimento oral, Nivaldo João dos Santos:

Na realidade veio do Rio pra cá, eu acho que umas... mil pessoas! Uma cidade pequena e todo mundo com o salário direitinho. Houve um impacto aqui na cidade sob o ponto de vista imobiliário... de costumes, gerou assim, um certo reboiço na cidade, né! Mas depois ficou totalmente integrada.<sup>25</sup>

O engenheiro Antonio Rodrigues de Matos, que trabalhou na ELETROSUL, desde a sua instalação em Florianópolis, também recorda isso:

Eu tinha me formado fazia dois anos. E eu trabalhava numa firma de inspeção no Rio de Janeiro, namorava, estava noivo, pretendia casar e... foi uma forma até por que eu queria casar, mas eu queria, sempre falava isso com a minha esposa... eu queria ter uma vida longe do Rio, eu queria conhecer outros locais... e aí foi uma oportunidade. Eu já conhecia Florianópolis. Tinha feito um trabalho aqui pra Celesc, por essa empresa que eu trabalhava, em 1975. Como a cidade era pequena, como a cidade tinha praia [risos]... então, me interessou vim pra Florianópolis conhecer... Por que havia por parte da ELETROSUL um incentivo muito grande durante os

<sup>23</sup> BORN, Sandra Regina. Falas na cidade de Florianópolis. Relações de poder e redes sociais (1945-1964) Florianópolis: UDESC, 2007 (Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura), p.79.

<sup>24</sup> DYMOW, Alexander. Escola de Samba Consulado uma questão de identidade. Florianópolis: UFSC, 1996 (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História) p.3.

<sup>25</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de abril de 2009.

primeiros anos, financeiramente. Então era um bom lugar pra você fazer um pé de meia e depois retornar ao Rio.<sup>26</sup>

Jorge Vaz, técnico em edificações da ELETROSUL desde 1977, também relembra as circunstâncias que o trouxeram à cidade pela primeira vez:

Eu vim pra Florianópolis, com residência fixa em 86. Eu fiz a Escola Técnica. Passei na seleção da ELETROSUL e fui trabalhar no Paraná e depois vim pra Florianópolis, peguei já o final da construção da sede... cheguei aqui em meados de [19]78, [19]77, eu acho, vim fazer um trabalho de desapropriação, onde hoje é o posto da polícia militar, ali naquela área da ELETROSUL, que era uma chácara, e aí coincidiu que era próximo do carnaval... então acompanhei já o primeiro carnaval do Consulado como Bloco. Estava aqui solteiro. Então [pensei]: pô: é aqui que eu quero morar... Foi por aí... aí acabei casando, que a minha esposa é lá do Rio Grande do Sul e aí vim morar aqui.<sup>27</sup>

Naquela época, os habitantes de Florianópolis se divertiam no carnaval com carros de mutação, desfiles de Escolas de Samba e de Blocos que tinham como epicentro das festividades a Praça XV de Novembro, no centro, sendo os primeiros, os carros de mutação, uma das peculiaridades da cidade, como assinalou o ex-prefeito Esperidião Amin:

Os carros de mutação, o quê que é carro de mutação? Ele abre, fecha, sobe... eram fascinantes! Mas era uma coisa mais contemplativa, né... e essa associação que você está fazendo agora do carro de mutação à Escola de Samba é uma coisa muito bonita. Carro de mutação é coisa típica de Florianópolis.<sup>28</sup>

Espiridião Amin foi prefeito de Florianópolis entre os anos de 1975 e 1978, retornando ao cargo no ano de 1989. Foi durante a sua gestão que houve a mudança do desfile das escolas de samba da Praça XV para a Avenida Paulo Fontes, e da montagem das arquibancadas metálicas. O depoimento foi gravado no escritório político do ex-prefeito e ex-governador, acompanhado pelo orientador da pesquisa, professor Luiz Felipe Falcão.

Em realidade, os carros de mutação eram também a expressão de uma cidade bastante dividida socialmente, pois eles agregavam como os corsos e os bailes, a parte mais abastada da população, enquanto que os mais pobres se divertiam com os blocos de sujos e mesmo com as Escolas de Samba, como descreve, muito embora com certa simplificação, Cristiana Tramonte:

Os préstitos e os carros de mutação – que serão característicos e únicos no Brasil – refletiam a capacidade crítica e a atualização sobre os acontecimentos políticos do país e do estado... Quem se divertia com préstitos, corsos e bailes noturnos eram os estratos sociais mais abastados; restando à maioria da população – negros e brancos pobres – assistir aos desfiles, apenas como espectadora de um show protagonizado exclusivamente pelas elites.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>27</sup> VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 7 de outubro de 2009.

<sup>28</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19/08/2009.

<sup>29</sup> TRAMONTE, Cristiana. *O samba conquista passagem. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis. Editora da UFSC, 1996. p.83.



Primeiramente, os folguedos e os próprios desfiles se concentravam, sobretudo, em redor da Praça XV de Novembro, sendo os carros uma grande atração:<sup>30</sup> Em 1970, o desfile das Escolas de Samba aconteceu na Avenida Mauro Ramos<sup>31</sup>, para depois retornar à Praça nos anos seguintes para, em 1975, ser transferido para a Avenida Paulo Fontes, como relembra o ex-prefeito Espiridião Amin: “... em [19]75, quando eu assumi, foi a época da transição do carnaval da Praça XV para a Paulo Fontes. Com a armação das primeiras arquibancadas. Arquibancadas metálicas. Não tinha como hoje o canteiro central da Paulo Fontes.”<sup>32</sup>

Nesse contexto, as rodas de samba dos trabalhadores da ELETROSUL eram para ser apenas uma diversão visando congregar amigos e colegas nas horas de lazer e nos fins de semana, como relembra Nivaldo João Santos, o primeiro presidente do Bloco:

...o Consulado do Samba, o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba a primeira idéia não foi um Bloco! Foi um conjunto de pagode, mesmo naquela época! Então, eu e Salomão e outro amigo compramos instrumentos de percussão... e nós ficávamos alegrando as festas, os encontros dos funcionários da ELETROSUL. Eu era funcionário da ELETROSUL na época, juntamente com Salomão! E nós alegrávamos churrasco, partidas de futebol e aquele batuque que sempre tinha...<sup>33</sup>

Os migrantes se deparavam com dificuldades na adaptação aos costumes e hábitos locais, como recordou Antonio Rodrigues de Matos: “uma das maiores dificuldades que eu senti quando vim pra Florianópolis foi a falta de gente. Era uma cidade com 80 mil habitantes! A gente ia domingo à rua e não via ninguém!”<sup>34</sup> De sua parte, a carência de atividades culturais como as encontradas em capitais maiores, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre também incomodava os novos moradores. E esse estranhamento foi assim percebido por Nivaldo João dos Santos:

A ELETROSUL já era considerada, vamos dizer assim, quando ela veio pra Florianópolis. Foi um negócio que causou uma certa perturbação em termos de costumes e fluxo de pessoas! A cidade era muito pequena e veio pra acabar! Na realidade veio do Rio pra cá, eu acho que umas... mil pessoas! Uma cidade pequena, e todo mundo com o salário direitinho. Houve um impacto aqui na cidade sob o ponto de vista imobiliário, de costumes, assim gerou certo reboição na cidade.<sup>35</sup>

Parte desse reboição eram, decerto, as rodas de samba nos “Consulados do Rio” (denominação hilária às residências de cariocas em Florianópolis), pois este não era um hábito comum e escancarado fora dos morros e de alguns redutos de sambista. E, nelas, logo surgiu a

<sup>30</sup> BERNARD, C. *O Bê-á-Bá das Escolas de Samba*. Florianópolis. Diálogo Cultura e Comunicação. 2001.p.47,48.

<sup>31</sup> SANTOS, Maria Madalena Coelho dos. *Processo de produção do carnaval em Florianópolis na SRCES Embaixada Copa Lord*. Florianópolis: UDESC, 2001 (Trabalho de Conclusão de Especialização em Moda: Criação e Produção), p.17.

<sup>32</sup> AMIN, Espiridião. Depoimento citado, 19 de agosto de 2009.

<sup>33</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento citado, 29 de abril de 2009.

<sup>34</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento citado, 17 de agosto de 2009.

<sup>35</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento citado, 29 de abril de 2009.

idéia de criar o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, com o intuito de disputar o concurso de Blocos carnavalescos da Avenida Paulo Fontes, em frente ao Mercado Público. Conforme recorda Nivaldo João dos Santos, “acho que até no primeiro ano [1976] que surgiu a idéia de fazer um Bloco! [...] ‘Ah, não é ruim, não! Mas aí precisa comprar mais peças, não sei o quê’... aí a gente fez... tudo era comprado numa rifa, um rateio, todo mundo assim.”

No ano seguinte a idéia foi materializada, como pesquisou Dymow:

Em 1977, com a proximidade do Carnaval, João Carlos Carneiro Bressane e Maria Marta Magadan, funcionários da Empresa, tomaram a iniciativa de criar um Bloco carnavalesco integrado por funcionários da ELETROSUL, e logo tiveram o apoio dos colegas pagodeiros que passaram a fazer parte do mesmo. Houve apenas uma exigência: manter o nome “Consulado do Samba.”<sup>36</sup>

O Bloco era composto por trabalhadores que, não necessariamente, tinham uma profissão especializada, recebendo altos salários, e conseguiu agregar sambistas que pertenciam às Escolas de Samba, como Copa Lord e Protegidos da Princesa. Um dos componentes da diretoria do G.R.E.S. Consulado, Jorge Vaz, morador há mais de 30 anos em Florianópolis e trabalhador da Eletrosul, nasceu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e desde cedo frequenta o samba. Jorge Vaz relembra:

Na fundação do Bloco a gente teve dois momentos. Um foi o movimento desse grupo de amigos para fundar o Bloco pra brincar o carnaval, e o segundo foi agregar pessoas. Eu entrei nesse segundo processo [...] vindo do Rio Grande do Sul, com os gaúchos que chegaram depois... Aí começou a se agregar pessoas, chamando quem era contínuo, quem era ascensorista, e algumas pessoas que trabalhavam na ELETROSUL agregaram também em função de morar nas proximidades do Pantanal. E também tinham as pessoas que vieram pra construção da sede [prédio da ELETROSUL], que se agregaram ao Bloco.... Por que naquela época tinham só duas escolas na Ilha, que era a Protegidos e a Copa Lord, e as outras escolas eram todas do Continente... Então surgiu o Bloco e a gente conseguiu agregar inclusive pessoas tanto da Copa Lord quanto da Protegidos dentro do Bloco.<sup>37</sup>

Inicialmente, os ensaios eram feitos na própria casa de Nivaldo João dos Santos, como ele recorda detalhadamente: “Aqui na rua general Bittencourt, bem pertinho daqui! Era uma casa, 112, era ali que a gente morava. Solteiro, recém vindo do Rio, a trabalhar aqui... três, quatro... alugou uma casa e tinha espaço pra fazer os ensaios, tinha local pra guardar as peças”. Talvez por isso, ele acabou sendo escolhido presidente do Bloco Carnavalesco Consulado nos dois primeiros anos, coordenando com alguns outros integrantes os ensaios que eram realizados também num bar:

Fizemos alguns ensaios também lá...um lugar onde vendia hambúrguer, lá na Beira-Mar. Um lugar chamado Tremendão! É do lado do Kaskydum! Hoje tem um prédio

<sup>36</sup> DYMOW, Alexander. Escola de Samba Consulado uma questão de identidade. Florianópolis: UFSC, 1996 (Trabalho de Conclusão de Curso História) p.4.

<sup>37</sup> VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 15 de fevereiro de 2010.

ali, construíram. Naquela época ali, ainda existia o campo do Avaí. Era ali na, na Bocaiúva! E a gente ensaiou um pouco ali.<sup>38</sup>

Mas, pelo depoimento de Antonio Matos, os primeiros ensaios também incluíam as dependências da ELASE (Associação dos Empregados da ELETROSUL):

...aí como as pessoas do Consulado também faziam parte da ELASE... tinham vinculação aqui, tinham o lazer também no esporte, começou a haver uma ligação da ELASE com o Consulado e a partir dali muitas coisas se passaram dentro da ELASE... embora o Consulado nunca tenha deixado de manter o seu vínculo externo com a comunidade. Mas, aqui se fizeram muitos ensaios... aqui se fizeram grandes... aqui teve o primeiro grande festival de chope, realizado pelo Consulado, foi aqui dentro da ELASE... durante muito tempo se fizeram até carros alegóricos do Bloco. Fizeram aqui dentro.<sup>39</sup>

Por outro lado, depoimentos colhidos por Dymow localizaram onde foi realizado o primeiro ensaio geral do (oficialmente) Bloco Carnavalesco Consulado do Samba:

...o Bloco realizou seu primeiro ensaio geral no Clube Recreativo 5 de novembro, no bairro Estreito. Os ensaios seguintes passaram a realizar-se no bar Tremendão, localizado na avenida Beira-Mar Norte, enquanto a bateria ensaiava na residência de um funcionário da Empresa chamado Nivaldo.<sup>40</sup>

E, quanto ao nome e às cores da agremiação, Nivaldo detalha:

...o nome Consulado do Samba, foi tudo, saiu lá de casa. As cores e tal... as estórias que era lá do Grêmio de Porto Alegre por que o presidente era, do Grêmio. Não! Do Internacional... não, não, não! Isso aí era o Salgueiro, mesmo! Foi inspiração lá do... Salgueiro... Acadêmicos do Salgueiro, lá do Rio.<sup>41</sup>

Nivaldo dá a entender que a escolha pelas cores do Salgueiro foi mero acaso, até porque tanto ele como Salomão torcem por outra Escola de Samba no Rio de Janeiro, a Portela. Seja como for, o fato é que o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba acabou sendo fundado no dia 1º de dezembro de 1976, em Florianópolis, conforme documento encaminhado ao Chefe do Departamento de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal, no Estado de Santa Catarina, datado de 6 de dezembro de 1984 e assinado por Luiz Alberto Emerick, presidente do Bloco<sup>42</sup>, muito também agora exista igualmente a menção de que ele tenha sido fundado em 12 de dezembro de 1976 no bairro Pantanal, onde ficava (e fica até hoje) a sede da ELETROSUL.<sup>43</sup> Naquele tempo, para aqueles que acompanhavam o carnaval do Rio de Janeiro diretamente ou pelos meios de comunicação de massa, uma das principais referências eram os Blocos de Enredo, que chegaram ao ápice nas décadas de 1960 e 1970, como o Cacique de Ramos e o Bafo da Onça, conforme apontam Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas:

<sup>38</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento citado, 29 de abril de 2009.

<sup>39</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>40</sup> DYMOW, Alexander. *Op. Cit.*, p.4.

<sup>41</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento citado, 29 de abril de 2009.

<sup>42</sup> Pasta de documentos do acervo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado.

<sup>43</sup> BERNARD, C. O Bê-á-Bá das Escolas de Samba, *Op. cit.*, p.25.

A tradição dos Blocos de enredo no Rio de Janeiro atingiu o ápice entre as décadas de [19]60 e [19]70. Os Blocos desfilavam com a mesma estrutura das Escolas de Samba, apenas em dimensões menores em relação ao número de componentes e carros alegóricos – em geral desfilavam com abre-alas e alguns tripés.

O desfile dos Blocos de enredo era tão importante que, durante muito tempo, eram eles que abriam o carnaval na passarela, se apresentando no sábado de carnaval. Os Blocos eram considerados, inclusive, formadores de sambistas e carnavalescos para as Escolas de Samba.<sup>44</sup>

## 1.2. A consolidação do Bloco carnavalesco

A ELASE já não é a mesma de antigamente, mas tem sua marca indelével na história do Bloco Consulado do Samba desde o início. São 33 anos, tanto de ELASE como de Consulado, numa construção histórica que mistura ELASE, Consulado do Samba e ELETROSUL. Segundo Antonio de Matos,

...o Telmo Thompson Flores, que foi o presidente, que foi o mentor intelectual da ELASE, ele resolveu então criar uma associação de funcionários da ELETROSUL, em [19]77. E o Telmo deu muita força a essa criação! Construiu ginásio, construiu restaurantes... e a ELASE começou a crescer.<sup>45</sup>

Naquela época a ELASE contava com importantes recursos financeiros a partir de um desconto em conta corrente dos funcionários da ELETROSUL e mesmo por intermédio de repasses de verba pela empresa, o que se alterou muito no início da década de 1990 com o governo do presidente Collor. Como recorda Antonio de Matos, naquele momento o governo praticamente obrigou que as empresas não mais dessem nenhum tipo de contrapartida para as associações de empregados, o que levou a ELASE a buscar formas novas de sustentação financeira, passando a admitir sócios externos ao quadro funcional da empresa a fim de obter receitas novas.

Vários ensaios do Consulado do Samba aconteceram no galpão Umbu, dentro da ELASE, uma construção com paredes de alvenaria e troncos de árvores que formavam colunas em seu no interior. Às vésperas dos carnavais, era acordado o uso do galpão pelos sambistas para os ensaios do Bloco, e até a escolha de sambas-enredo se fizeram ali. Em 1978, o desfile dos Blocos passava pela Avenida Paulo Fontes em frente ao Mercado Público, no centro da capital, como recorda Nivaldo João dos Santos: “...nós desfilávamos ali... com

---

<sup>44</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo* história e arte. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2010. p.164.

<sup>45</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 17 de agosto de 2009.

fantasia única, tipo uma mortalha. E a mortalha era mais ou menos inspirada naquela simplicidade dos abadas da Bahia.”<sup>46</sup>

Por sua vez, as Escolas de Samba Protegidos da Princesa e Copa Lord dividiam a hegemonia na disputa pelo título de campeã do Carnaval de Florianópolis, em desfiles que chegaram a contar também com outras agremiações como Filhos do Continente, Acadêmicos do Samba (antiga Lufa-Lufa), Quilombo dos Palmares, Império do Samba, Unidos da Coloninha e Filhos de Netuno.<sup>47</sup> E a existência dessas escolas incentivou sambistas do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba a procurá-las para participar das atividades desenvolvidas, inclusive dos desfiles, em especial a Unidos da Coloninha, do bairro Estreito:

A Unidos da Coloninha foi fundada em 10 de janeiro de 1962... Surgia, então a Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha...  
A escola ficou vinte anos afastada do carnaval (1963-1983).  
Retomou os desfiles em 1983 e em 1984 se tornava campeão do carnaval de Florianópolis pela primeira vez como (sic) o enredo; “Feitos e Efeitos da Cana de Açúcar”.  
O título de 1984 deu origem a uma série de cinco campeonatos consecutivos (1984 a 1989)...<sup>48</sup>

Como relembra Antonio Rodrigues de Matos,

A Coloninha era uma Escola de Samba mirim, e que parece que interrompeu suas atividades em [19]62 e retornou em [19]83, depois de 21 anos e fez um desfile normal, natural. Naquele tempo quem comandava o carnaval, quem comandou o carnaval até [19]85 foi Copa Lord e Protegidos.<sup>49</sup>

Prosseguindo, ele detalha a aproximação entre o Bloco Consulado do Samba e a SRC Coloninha, naqueles meados da década de 1980:

A Coloninha era uma escola lá do Estreito... e a escola ainda estava incipiente, tinha muita gente do Império do Samba que se chegou pra Coloninha, o Império estava já em decadência, e o quê que o presidente, o Biguaçu fez? Ele veio pra Consulado, no Bloco, chamou o Schneider pra ser o carnavalesco da Coloninha. O Schneider foi pra Coloninha e o Schneider era muito amigo do Luiz Alberto Emerick, que é uma das figuras centrais do Consulado. O Luiz Alberto Emerick, que era presidente do Bloco naquela época, e fizeram um trabalho pra ver se o Bloco não ajudava a Coloninha. E o Bloco nunca se metia com o carnaval de escola por que ele tinha lá a vida própria dele. Mas havia duas poderosas que era a Copa Lord e Protegidos. Por que então a gente vai ajudar uma [que] precisava? E aí, nesse carnaval de [19]84, na Coloninha, 30 componentes da harmonia do Consulado, da harmonia do Bloco foram desfilar na Coloninha. Trinta batuqueiros do Consulado foram sair na harmonia.

<sup>46</sup> SANTOS, Nivaldo João. Depoimento citado, em 29 de abril de 2009.

<sup>47</sup> BUENO, Renato Santiago. *Samba, escolas de samba e políticas na construção da Passarela Nego Quirido em Florianópolis (1980-1989)*. Florianópolis: UDESC, 2008 (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História), p.24.

<sup>48</sup> Wikipédia. *SRC Unidos da Coloninha*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos\\_da\\_Coloninha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_da_Coloninha)>. Acesso em: 12 de setembro de 2009.

<sup>49</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

Resumindo, a Coloninha foi campeã. Isso foi a grande modificação. [pra] ter a idéia a Coloninha foi pentacampeã: [19]84, [19]85, [19]86, [19]87 e [19]89.<sup>50</sup>

Nessa época, eram frequentes a integração e os intercâmbios entre integrantes do Bloco Consulado do Samba e as Escolas de Samba da cidade, como aponta Dymow:

Durante o período em que o Consulado ainda era bloco carnavalesco, as contribuições dos sambeiros (grifo no original) junto às Escolas de Samba sempre foram bem aceitas, como se pode verificar nas notas biográficas de alguns sambistas funcionários da ELETROSUL, integrantes do Bloco: Adilson Rigotto Buze, compôs em 1985 o samba enredo da Escola de Samba Unidos da Coloninha e Vaudeci Silva Batista (Maranhão), compositor e puxador de samba, passou pelas Escolas Acadêmicos do Samba e Unidos da Coloninha. O que se verificou com a transformação do Bloco Consulado em Escola de Samba, foi uma alteração profunda neste relacionamento...<sup>51</sup>

O vai-vem dos sambistas (compositores, instrumentistas etc.) era, portanto, intenso no período, e quanto a isso o compositor Elias Costa Azevedo, que prefere ser chamado de Elias Marujo, enfatiza:

Eu comecei na Coloninha e Consulado na mesma época. Em 1982, eu comecei no Bloco Consulado do Samba... isso me abriu as portas, daí eu comecei a concorrer na ala de compositores e era também o presidente da Ala de compositores do Bloco em 1982, e venho de lá pra cá compondo também... e nessa mesma data eu fiz samba, comecei a fazer o samba pro Consulado e pra Coloninha. Só que a Coloninha era escola e o Consulado era Bloco. Todo pessoal do Bloco saía na escola.<sup>52</sup>

Esse aspecto da sociabilidade dos sambistas na cidade, participando do Bloco e das Escolas de Samba simultaneamente, é também recordado por Jorge Vaz:

...o Antonio de Matos tem uma boa ligação com a dona Uda, na época mais algumas pessoas se envolveram com a Copa Lord, que foram convidadas para participar da Copa... nós em função de jogarmos futebol, estar sempre jogando com o pessoal e fazendo uma carinha ou comer um peixe a gente acabou tendo esse relacionamento direto com a Coloninha, sim.<sup>53</sup>

Antonio Rodrigues de Matos, por seu turno, corrobora inteiramente essas afirmações:

Eu, por exemplo, desfilei em [19]85, já por essa participação na Coloninha, fui convidado por um amigo meu, muito ligado à diretoria do Copa (Lord), e no caldeirão dos luxos eu desfilei como diretor de harmonia da Copa Lord. Foi um momento assim que marca, e eu lembro de todos os detalhes... tenho um amor muito grande pelo Copa Lord, pelo que eu aprendi... que eu convivi lá no morro do Copa com aqueles integrantes...<sup>54</sup>

Em segunda, ele complementa:

O Consulado teve a vantagem de o pessoal do samba, que gostava do samba, os grandes batuqueiros, vamos dizer assim, da Copa Lord, da Protegidos, vieram e saíam no Bloco! O Bloco reunia a nata dos batuqueiros! Tanto que quando ele virou

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> DYMOW, Alexander. Op. Cit., p. 13.

<sup>52</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 2 de novembro de 2009.

<sup>53</sup> VAZ, Jorge. Depoimentos prestado ao autor em Florianópolis, em 7 de outubro de 2009.

<sup>54</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimentos citado, em 29 de outubro de 2009.

Escola de Samba, ele teve um baque muito grande, que aí quando virou concorrente dessas escolas, esses batuqueiros, cada um foi pra sua escola...<sup>55</sup>

Em outras palavras, em seu início e enquanto era apenas um Bloco, o Consulado do Samba não despertava maior preconceito ou estigma entre os sambistas da cidade, quer pelo número de empregados da ELETROSUL que congregava, quer por reunir muitos forasteiros que não haviam nascido em Florianópolis. Ao inverso, todas as evidências indicam que o Bloco Consulado do Samba aglutinava integrantes de várias Escolas de Samba da capital, como Copa Lord e Protegidos, reunindo “a nata dos batuqueiros” da cidade, ao mesmo tempo em que diversos sambistas do Bloco participavam de atividades nas Escolas de Samba existentes, inclusive assumindo posições de destaque como Direção de Harmonia e desfilando na competição oficial do carnaval. Mais ainda, é possível até mesmo supor que, em razão de muitos sambistas do Consulado trabalharem na ELETROSUL e disporem, por isso, de certo “status” na cidade (ainda que não fossem engenheiros ou profissionais com elevada remuneração), eles tenham contribuído para dar maior visibilidade e respeitabilidade ao samba.

De qualquer modo, é inegável que o Bloco Consulado do Samba, em seus primeiros anos, era composto por uma maioria de funcionários de ELETROSUL, como informou Nivaldo João dos Santos: “80%, 90% era de empregados da ELETROSUL [...] isso era uma coisa bem natural, que existia”<sup>56</sup>, e que ele desempenhou um papel importante na história do carnaval de Florianópolis, como recordou o ex-prefeito e ex-governador Esperidião Amin,

A ELETROSUL veio pra cá nesse ano de [19]76, daí até ficar pronto o prédio, reunir todas as famílias... A cidade de Florianópolis chamava os que vinham com a ELETROSUL de Eletrosuis... E então eles fizeram um Bloco, muito mais organizado que os nossos, o Bororó, o Lira, que eram Blocos mais improvisados... Esse Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, era um Bloco mais elaborado, era quase uma Escola de Samba, quer dizer, deu um upgrade para os Blocos em Florianópolis.<sup>57</sup>

Claro está que as relações entre componentes do Consulado e integrantes das Escolas de Samba não eram totalmente desprovidas de tensões e eventuais desentendimentos, mas eles não estavam necessariamente vinculados a fatores como ser ou não funcionário da ELETROSUL, ou ser ou não forasteiro. Por exemplo, logo em seguida ao primeiro título da Coloninha surgiram desavenças que motivaram diversos integrantes do Bloco a migrarem para outras Escolas de Samba, como relembra Antonio Rodrigues de Matos:

---

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> SANTOS, Nivaldo João dos. Depoimento citado, em 29 de abril 2009.

<sup>57</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, em 19 de agosto de 2009.

Só que o que aconteceu foi uma certa divisória nessa história toda porque no dia da festa, do primeiro título da Coloninha, algumas pessoas do Consulado não puderam entrar lá na Coloninha e ficaram chateadas com aquilo, então deu uma divisão. Alguns componentes do Consulado permaneceram [19]85 na Coloninha, quando foi bi-campeão, outros foram pra Copa Lord, eu fui um que fui pra Copa Lord. Fui ser diretor de harmonia da Copa Lord junto com o Jorginho...<sup>58</sup>

Fosse como fosse, aglutinando os melhores sambistas da cidade e aproveitando as experiências de participação em agremiações mais estruturadas no Rio de Janeiro, o Bloco Consulado do Samba destacou-se já desde o primeiro desfile do segmento na capital, conquistando o título de campeão do carnaval de Florianópolis, entre outros motivos pelo planejamento meticuloso e pelas inovações (de imediato, a introdução do enredo). E, com o passar dos anos, outras novidades foram introduzidas, além do que um grande número de participantes foi-se agregando ao Bloco. Como lembra Antonio Rodrigues de Matos, “o Bloco colocava mais componente na avenida do que a Escola de Samba”, complementando com o seguinte:

... o Consulado foi o primeiro Bloco a criar um carro alegórico, em [19]81. Em [19]81 veio um dedo girando no pandeiro, a partir dali as escolas começaram a se mexer... Florianópolis já em [19]83, quando foi em termos de carnaval do Bloco, em termos de alegoria, foi a grande, vamos dizer, a grande surpresa do Consulado na ELETROSUL havia uma pessoa muito famosa na cidade hoje, que faz decoração na cidade que é o Carlos Alberto Schneider, que tinha o dom de trabalhar com alegorias e ele sempre teve essa capacidade. Então a gente convidou-o para o Bloco, e aí a gente resolveu investir nele e em [19]83 foi para o Rio, para o Império Serrano descobrir como é que se fazia trabalho com isopor. E ele veio pra Florianópolis, então, em [19]83 nós já fazíamos o desfile de enredo, o Bloco. Aí fizemos o enredo da astrologia, que eram os 12 signos tudo em isopor feito pelo Schneider. Uma coisa que chocou a cidade em termos de carnaval.<sup>59</sup>

Associados a esses fatores, devem ser consideradas também as presenças de cantores, intérpretes e músicos do samba carioca durante apresentações e ensaios em Florianópolis, convidados pelo Bloco Carnavalesco Consulado do Samba. Por exemplo, foi assinado “Contrato Particular de Apresentação de Show Musical” com sambistas como Haroldo Forde e Ananias Marques de Oliveira (Marcos Moran), do Rio de Janeiro, enquanto um ofício endereçado ao presidente da ELASE, Elio Ortiz Duclós Filho, datado em 16 de novembro de 1984, registra o pedido de doação de passagens aéreas para os sambistas Haroldo Melodia, da União da Ilha, Quinzinho, do Império Serrano, Sobrinho, da Unidos da Tijuca e Marcos Moran, da Unidos de Vila Isabel, do Rio de Janeiro, para cantarem sambas nos ensaios do Consulado, nos meses de dezembro de 1984 e janeiro de 1985.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 17 de agosto de 2009.

<sup>59</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 17 de agosto de 2009.

<sup>60</sup> Pasta de documentos do acervo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado.



Mais ainda, o carnaval do Bloco era planejado com antecedência, como o demonstra ofício remetido em 24 de outubro de 1984 por Luiz Alberto Emerick, presidente do Consulado, em que solicita a Gilberto Paula Souza, gerente da Fedato Sports, a doação de troféus para a premiação do concurso para a escolha dos três melhores sambas que representassem o Bloco:

O B.C. 'Consulado do Samba' vem desenvolvendo o seu II concurso de samba de quadra e no próximo dia 26 de outubro do corrente ano realizaremos a escolha dos três melhores sambas.

Para tanto, solicitamos a V.Sa., a doação dos troféus necessários para a premiação deste concurso...<sup>61</sup>

Nesse período, os ensaios do Bloco ocorriam não apenas na ELASE, mas também no centro da cidade, em bairros vizinhos como Pantanal e Saco dos Limões, além de utilizar o ginásio da FAC (Federação Atlética Catarinense), onde fica, atualmente, o ginásio do Instituto Estadual de Educação, na Avenida Hercílio Luz, nº 4.<sup>62</sup> Como recorda Rosita Azevedo, presidente da Velha Guarda do G.R.E.S. Consulado, “ali, era o pré-carnaval”.<sup>63</sup> E, segundo Márcio de Souza, aconteceram rodas de samba e ensaios igualmente no “Campo da Liga”, onde hoje está situado o Shopping Beira-Mar:

...sempre freqüentei o ambiente do Consulado desde o saudoso Campo da Liga, onde os ensaios do Consulado aconteciam. O palco de madeira instalado, aquela situação bastante rústica, mas que era intensamente freqüentado por todos admiradores, sambistas e o povo que gosta de Escola de Samba, gosta de Bloco embalo.<sup>64</sup>

Por seu turno, a inter-relação com as Escolas de Samba e com o carnaval do Rio de Janeiro teve como um de seus fatores motivadores a expansão dos meios de comunicação de massa, em especial a televisão. Com isso, em 1984, “a Rede Manchete transmitiu pela primeira vez ao vivo e para todo o Brasil os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, com a inauguração do sambódromo da Marquês de Sapucaí.”<sup>65</sup> No entanto, mesmo antes disso, o carnaval e os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro eram acompanhados pelo rádio, por documentários cinematográficos, por filmes e por discos de vinil que reuniam ano a ano os sambas-enredo que embalavam o Rio de Janeiro.

Os programas de rádio consagraram pessoas interessadas na cultura popular, como Ary Barroso, por meio da transmissão de eventos do carnaval e da organização de concursos e

<sup>61</sup> Pasta de documentos do acervo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado.

<sup>62</sup> Sobre a FAC leia na página 84.

<sup>63</sup> AZEVEDO, Rosita. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, na primeira quinzena de janeiro de 2009.

<sup>64</sup> SOUZA, Marcio. Depoimento prestado ao autor e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, em 7 de abril de 2009.

<sup>65</sup> Microfone: O site do radialista. *História da TV Manchete*. Disponível em: <[http://www.microfone.jor.br/hist\\_manchete.htm](http://www.microfone.jor.br/hist_manchete.htm)>. Acesso em 12 de outubro de 2009.

desfiles. E, ainda no final da década de 1920, o público paulista assistiu à chegada nas salas de cinema, com tela e sincronização do som, o filme intitulado, “Coisas nossas”, reunindo cantores e atores do rádio interpretando suas canções e textos. Conforme observa Severiano,

Isso vinha demonstrar que, não havendo ainda televisão, o cinema poderia ser usado com sucesso para levar ao público a imagem de seus ídolos, que ele ansiava por conhecer cantando, falando, movimentando-se e não apenas por meio de fotografias. Daí a presença de praticamente todos os nossos grandes cantores em filmes no período 1933-1957.<sup>66</sup>

Nas décadas seguintes, o rádio e os discos de vinil popularizaram cada vez mais o futebol e o carnaval do Rio de Janeiro em grande parte do país, inclusive em Florianópolis. O florianopolitano Carlos César Vieira, apelidado Duda, começou no Bloco Consulado ajudando na organização e preparação para os desfiles e, depois, passou a apresentar os ensaios. Anterior a esse período, porém, Duda, funcionário público desfilava no Bloco SOS – Samba, Ordem e Saúde, recorda:

...essa coisa de nós gostarmos do carioca já vem do futebol! Isso na década de [19]70, a mania absoluta das rádios aqui transmitiam os jogos de Flamengo, Vasco, Botafogo. É por isso que quando esses times vêm pra cá, lota de torcedores, porque sempre existiu essa empatia, esse agrado... Outra questão é que, por exemplo, eu tenho amigos que, acho que desde o começo de 80, quando começaram a sair os LPs de sambas-enredo do Rio, os caras têm tudo! Eles eram consumidores! Então nós aprendíamos a gostar também do enredo! Nós íamos pra casa de meu amigo lá na Palhoça, nós sabíamos todos os enredos do desfile de vinil que saía no ano, cara! Nós sentávamos pra tomar a gelada e jogar um dominó, escutando o vinil das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.<sup>67</sup>

Com a televisão e a transmissão dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro ao vivo, a população assiste à incorporação de novas linguagens e expressões artísticas, como a valorização do corpo e da nudez nos eventos de carnaval, bem como ao aparecimento de novos personagens como carnavalescos, artistas e modelos (homens e mulheres) nesses eventos, o que chama a atenção da população de todo o país, inclusive das suas camadas médias e mesmo das abastadas. Com isso, aumenta o interesse pelos blocos de carnaval e pelas escolas de samba em diversas cidades, como acontece em Florianópolis, em paralelo ao declínio das antigas sociedades carnavalescas.

Mas o que pareceu mais relevante nesse processo envolvendo a formação e a consolidação do Bloco Consulado do Samba foi a sua capacidade de agregar sambistas das Escolas de Samba já existentes em Florianópolis, bem como de ter seus integrantes participando nos desfiles dessas Escolas. Ou seja, os sambistas circulavam entre o Bloco e as Escolas sem maiores problemas, fossem naturais ou não da cidade, ou trabalhassem ou não na

<sup>66</sup> SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira*. Das origens à modernidade. São Paulo. Editora 34. 2008.p. 316.

<sup>67</sup> VIEIRA, Carlos César. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 14 de janeiro de 2009.

ELETROSUL, e trocavam conhecimentos de melodias, arranjos, formatos de composição e inovações advindas do Rio de Janeiro, principal polo de samba-enredo e de um legado musical conhecido e reconhecido por todos. E isso foi também percebido por Alexander Dymow em sua pesquisa relativa ao carnaval de 1983, em que ele cita um Informativo da Associação dos Empregados da ELETROSUL (ELASE) mencionando homenagens e entrega de troféus, por parte do Bloco Consulado do Samba, para sambistas que integravam diversas Escolas de Samba da cidade:

Deve-se atentar para o detalhe de que vários destes homenageados pelo informativo receberam troféus por suas participações em outras [grifo no original] Escolas de Samba. Isto se deve ao fato de que naquele momento todos participavam do Bloco Consulado durante o desfile, para depois desfilarem por outras Escolas.<sup>68</sup>

### 1.3. Do Bloco Carnavalesco à Escola de Samba

O crescimento do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e suas sucessivas vitórias nos desfiles carnavalescos de Florianópolis acabaram por trazer novos desafios, como recorda Salomão Lobo de Sousa Filho:

...com a criação do Bloco e com os sucessivos títulos ficou impossível continuar como Bloco. Então a própria imprensa e os componentes do Bloco pediam que a gente já tinha estrutura, até mais componentes do que as escolas. Nós chegamos a desfilarmos, em 82, que foi o ano da Copa, com mais três mil pessoas no Bloco! Naquela época, em 82. E foi aí que realmente achamos que realmente tinha que virar escola! E quando foi em 86, transformamos em escola, e de lá pra cá, o primeiro desfile foi em 87... de lá pra cá nós conseguimos aí sete títulos, dois tricampeonatos e um início do tricampeonato.<sup>69</sup>

Naquele tempo, a Escola de Samba da cidade que mais se relacionava com o Bloco era a Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Colônia, seja por ter iniciado as atividades como bloco carnavalesco para divertir os moradores do bairro com o mesmo nome, localizado na parte continental de Florianópolis, seja porque logo depois do primeiro desfile, em 1962, a Escola ficou desativada por vinte anos, quando então procurou integrantes do Bloco Consulado do Samba para preparar e organizar o seu desfile:

A Unidos da Colônia foi fundada em 10 de janeiro de 1962, os jovens amigos Carlos Sizenando da Cunha, Murilo de Oliveira, Natalício Sizenando da Cunha, Otávio José de Oliveira, Raul André de Andrade, Rodolfo Silva (primeiro presidente), Santos Leal Constâncio Machado e Waldemiro Câmara, decidiram fundar uma Escola de Samba.

... a Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Colônia... ficou vinte anos afastada do carnaval (1963-1983).

<sup>68</sup> DYMOW, Alexander. *Op. Cit.*, p.8.

<sup>69</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 30 de abril de 2009.

Retomou os desfiles em 1983 e em 1984 se tornava campeã do carnaval de Florianópolis pela primeira vez como o enredo; "Feitos e Efeitos da Cana de Açúcar".

O título de 1984 deu origem a uma série de cinco campeonatos consecutivos (1984 a 1989), a entidade ainda foi campeã em 1995, num total de seis conquistas.<sup>70</sup>

Com a participação de sambistas da Escola nos ensaios do Bloco no Galpão Umbu, da ELASE, e o inverso, a aproximação foi ficando mais estreita. Antonio Rodrigues de Matos recorda que a Coloninha, então, manifestou o interesse em regressar para o desfile em 1983, e, devido às novidades apresentadas pelo Bloco e ao bom relacionamento já existente, procurou seus integrantes para contribuir nisso:

... e devido talvez ao sucesso do Consulado como Bloco, ter inovado no carnaval, a Coloninha procurou o carnavalesco do Consulado, na época, que era o Schneider, e aí contratou o Schneider pra fazer o projeto de carnaval da Coloninha. E o Schneider, por ser ligado ao Consulado, a gente começou a ter os contatos maiores com a Coloninha... E daí, como eles queriam realmente crescer no carnaval... procuraram-nos pra que a gente realmente pudesse dar um apoio não só naqueles instantes finais... mas, em questões de bateria, de harmonia. A harmonia foi uma revolução que o Bloco do Consulado fez na cidade. E com isso, naquela época, foram mais ou menos em torno de 30 elementos da bateria e 30 da harmonia desfilar na Coloninha.<sup>71</sup>

Dessa espécie de intercâmbio entre o Bloco Consulado do Samba e a Escola de Samba Coloninha participou, dentre outros, o sambista Elias Marujo, baiano de nascimento, carioca por algum tempo e morador de Florianópolis há muitos anos, como escreve C. Bernard, afirmando que ele pertenceu “à ala de compositores do G.R.E.S. Consulado, muito embora tenha desenvolvido bons trabalhos para a Unidos da Coloninha e outras agremiações do interior do estado catarinense”.<sup>72</sup> Outra personagem que se destacou do mesmo modo foi a jornalista e carnavalesca Eloá Miranda, que atuou na função de coordenadora do desfile da SREC Unidos da Coloninha, no carnaval do Bloco Consulado e, posteriormente, no G.R.E.S. Consulado.

Se por um lado havia essa proximidade entre o Bloco Consulado e a Coloninha, cabe registrar igualmente o relacionamento de alguns membros do primeiro com outras Escolas de Samba de Florianópolis, como Copa Lord e Protegidos, onde foram acolhidos, enquanto sambistas e batuqueiros de um Bloco cuja origem carregava a imagem da ELETROSUL e de migrantes cariocas, como explica Antonio Rodrigues de Matos:

Eu, por exemplo, desfilei em [19]85 já por essa participação na Coloninha, fui convidado por um amigo meu, muito ligado à diretoria da Copa e no caldeirão dos luxos eu desfilei como diretor de harmonia da Copa Lord. Foi um momento assim

<sup>70</sup> Wikipédia. *SRC Unidos da Coloninha*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/SRC\\_Unidos\\_da\\_Coloninha](http://pt.wikipedia.org/wiki/SRC_Unidos_da_Coloninha)> . Acesso em 05 de novembro de 2009.

<sup>71</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.

<sup>72</sup> BERNARD, C. *Op. Cit.*, p.80.

que marca, e eu me lembro de todos os detalhes... tenho um amor muito grande pela Copa Lord, pelo que eu aprendi... que eu convivi lá no morro do Copa com aqueles integrantes... e aí a gente já começa a perceber que de repente chega a hora de mudar...<sup>73</sup>

Mas a aproximação com a Coloninha não foi totalmente isenta de problemas. Pelo menos em uma ocasião, devido ao fato de sambistas do Consulado cantarem o samba-enredo desta Escola dentro da ELASE irrompeu uma divergência. Numa troca de cartas um tanto ácida entre Fernando Barros, membro da associação, e Luiz Alberto Emerick, presidente do Bloco, esse último, em três de dezembro de 1984, chamou a atenção do primeiro a fim de enfatizar a inconveniência de celebrar apenas uma Escola de Samba nos ensaios do Bloco:

Nunca foi proibido que ninguém cantasse samba-enredo de nenhuma agremiação nos ensaios do Bloco (e a recíproca não é verdadeira), somente não é permitido que seja cantado o samba apenas de uma agremiação, quando o sr. sabe que existem pessoas interessadas em ligar o Bloco a uma determinada escola por interesses próprios e isso jamais acontecerá enquanto eu for presidente do mesmo, haja visto que o Bloco já tem 08 (oito) anos e tem dentre seus componentes de alas e bateria mais de 60% de elementos das escolas mais antigas de Florianópolis...<sup>74</sup>

Todavia, na maior parte do tempo prevaleceu uma boa relação do Bloco com a Escola, como recorda Jorge Vaz, “em função da amizade que a gente tinha com o pessoal da Coloninha, com o falecido Maguila... e a gente ia lá pra tocar o samba, fazer o esquentar e tal... e aí tinha o falecido Inácio que era o mestre de cerimônias da FAC, [...] então tinha essa facilidade”.<sup>75</sup>

Tratava-se, pois, de uma convergência de interesses despertada pelo sucesso do Bloco e pela intenção da Coloninha em retornar aos desfiles, o que aconteceu em 1983 e foi consolidado com sua vitória logo no ano seguinte, 1984, ainda com uma importante presença de componentes do Consulado. No entanto, esse bom relacionamento entre o Consulado e as Escolas de Samba de Florianópolis estava prestes a terminar, na medida em que o Bloco passou a se transformar em Escola de Samba e, portanto, num competidor com razoável potencial para ganhar o título de campeã dos desfiles oficiais da cidade. Em razão disso, propõem-se reflexões concernentes à argumentação de Cristina Tramonte, quando ela afirma existir uma solidariedade marcante entre as Escolas de Samba de Florianópolis:

Resultados do crescimento da solidariedade são raras as acusações de uma escola à outra: o tratamento é, em geral, fraterno, sob a denominação interna de “co-irmãs”... Esta fraternidade rompe-se rapidamente (para depois ser retomada) no período imediatamente posterior ao desfile, quando a revolta das escolas perdedoras faz com que alguns indivíduos lancem acusações de fraude, “armação”, etc. a maioria das

<sup>73</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.

<sup>74</sup> Trecho da carta datada de 5 de dezembro de 1984, encontrada, entre outros documentos esparsos, no Acervo da ELASE.

<sup>75</sup> VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 7 de outubro de 2009.

vezes sem qualquer comprovação. Quando os conflitos se acirram além do previsto, invoca-se sempre a necessidade de harmonia “pelo bem do carnaval”.<sup>76</sup>

As evidências existentes, porém, são bem diferentes disso. Enquanto havia o Bloco Consulado do Samba, membros de outras agremiações nele se divertiam e buscavam o conhecimento musical e a produção plástica que inovou os desfiles carnavalescos da cidade, tanto quanto integrantes do Bloco participavam das Escolas de Samba sem problemas. Mas, no momento em que se formalizou a criação do G.R.E.S. Consulado como competidor no desfile das Escolas de Samba de Florianópolis, a integração deu lugar a tensões e a conflitos que, muitas vezes, foram e são expressos sem qualquer “solidariedade”

De qualquer modo, a realidade é que o Bloco cresceu em número de integrantes e em importância durante os dez anos de sua existência, vencendo todos os desfiles de que participou e estabelecendo um relacionamento com a cidade que ultrapassou em muito os limites da ELETROSUL e da ELASE. E é exatamente por isso que Antonio Rodrigues de Matos afirma que “os grandes movimentos culturais do Consulado não foram dentro da ELASE, foram fora da ELASE! O auge da Consulado, como Bloco, o auge como ensaio técnico mesmo, as grandes festas foram na FAC, onde hoje fica o Instituto Estadual de Educação!”<sup>77</sup> E, nessas festas, anualmente, o Bloco Consulado do Samba escolhia seu samba-enredo para o desfile, bem de acordo com uma tradição surgida no Rio de Janeiro do início da década de 1950.

O samba-enredo, expressão musical que sintetiza parte da narrativa de uma Escola de Samba, representa em forma de canção o que a escola traz para a passarela do samba, como enfatiza C. Bernard: “Dividindo-se em letra e melodia, o samba-enredo tem que estar em perfeita adequação ao enredo. Tem que ter riqueza poética, clareza, criatividade e adaptação à melodia. Todos esses atributos devem ser os principais para ser um bom samba-enredo.”<sup>78</sup> E, no Rio de Janeiro da década de 1970, período em que houve a migração de empregados da ELETROSUL daquela cidade para Florianópolis, houve a cisão com os tempos do samba-lençol, que se manteve entre 1951 e 1968, cuja letra era grande o suficiente a ponto de cobrir o desfile da escola com suas alas, sem haver a necessidade da repetição de refrões. O samba foi então encurtado, conforme mostram Mussa e Simas:

... [A] necessidade de agradar um público cada vez maior e não diretamente ligado às Escolas de Samba, somada ao fato de que os sambas agora deviam integrar um disco com gravações originais – disco esse que tinha limites de tempo para cada

<sup>76</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Op. Cit.*, p. 238.

<sup>77</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>78</sup> BERNARD, C. *Op. Cit.*, p.234.

escola – foi forçando os sambas a deixarem a forma lençol e adotarem uma extensão intermediária, ou ficarem tão curtos quanto os dos primeiros tempos.<sup>79</sup>

Na época, mesmo havendo as gravações dos sambas-enredo das Escolas do Rio de Janeiro em disco de vinil, os Blocos não dispunham de meios iguais de divulgação, o que ajuda a entender por que os sambas-enredo do Bloco Consulado não ficaram gravados em meios físicos. Todavia, C. Bernard teve o cuidado de registrá-los, do carnaval de 1977 ao de 1985:

Enredo: Eneida, amor e fantasia (1977, 1º desfile)

Compositores: ?

Enredo: Tem razão (1978)

Compositor: A. G. Couto

Enredo: livre (1979)

Samba-enredo: Tem razão

Compositor: Wanderley Dias

Enredo: livre (1981)

Samba-enredo: Ilha inspiração e amor

Compositores: Sidney e Mickey

Enredo: livre (1982)

Samba-enredo: Volta do Consulado

Compositor: Deto

Enredo: Astrologia (1983)

Compositor: “Buze” e Nazareno

Enredo: Superstições (1984)

Compositores: Heleno, Celso e Edson

Enredo: Ascensão e glória de Fritião, um brasileiro qualquer (1985)

(Compositores: Heleno, Celso, Inácio e Elias)<sup>80</sup>

Na conversa com Antonio Matos, durante a gravação do segundo depoimento para o presente trabalho, ele acrescentou informações relevantes sobre compositores vinculados ao Bloco Consulado e à Escola de Samba Coloninha:

...o Elias Marujo, ele realmente fez bons trabalhos na Coloninha. No Consulado, ele também fez sambas que foram campeões na avenida... senão me falha a memória o samba de [19]92 era dele, quando se falava sobre As bruxas... Ele tem uma participação muito grande não só no Consulado, na própria cidade ele é um dos maiores pesquisadores de samba que eu conheci...<sup>81</sup>

Já durante a primeira conversa com Elias Marujo, baiano da cidade de Alagoinhas, e com 78 anos de idade em 2010, cujo depoimento foi gravado em sua casa, o compositor revelou quando havia começado em ambas as agremiações:

Eu comecei na Coloninha e Consulado na mesma época. Em 1982, eu comecei no Bloco Consulado do Samba... isso me abriu as portas. Daí eu comecei a concorrer na ala de compositores e era também o presidente da Ala de Compositores do Bloco em 1982, e venho de lá pra cá compondo também... e nessa mesma data eu fiz samba,

<sup>79</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Op. Cit.*, p.72.

<sup>80</sup> BERNARD, C. *Op. Cit.*, p.25 e 26.

<sup>81</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.

comecei a fazer o samba pro Consulado e para a Colônia. Só que a Colônia era escola e o Consulado era Bloco. Todo pessoal do Bloco saía na escola.<sup>82</sup>

Voltando a Antônio Rodrigues de Matos, ele recorda outro compositor, já falecido, chamado C. Bernard ou, popularmente, Mickey (autor de “O bê-á-bá das Escolas de Samba”, uma das obras muito utilizadas para essa pesquisa), que não trabalhou na ELETROSUL. Segundo ele, Mickey parece que era carioca e fazia parte da ala dos compositores da Mangueira, “não sei se fazia antes de entrar no Consulado ou se depois [...] tinha muita gente na escola que tinha ligação com escolas do Rio”, tendo sido o primeiro comentarista de pista do carnaval catarinense e criador do samba-enredo intitulado “Ilha inspiração e amor”, do carnaval de 1981 do Consulado:

... o Mickey, não sei se ele era ligado a ala de compositores da Copa Lord ou de outra escola, mas durante algum tempo ele compôs no Bloco e até na escola senão me engano também. No Bloco, ele fez uma coisa que marcou, um samba que virou o hino do Bloco, eu diria que é o cartão-postal do Bloco [...] um desabafo do carioca ao povo de Florianópolis. Posso cantar? O samba dizia mais ou menos assim:

‘Chegamos, vimos e gostamos...  
e por aqui ficamos. E hoje, vamos exaltar,  
cheia de alegria e esplendor, Ilha do amor,  
És uma sala de visita, paraíso de turista,  
Berço de poetas imortais,  
Ó Ilha querida, estás nos corações de todos nós...  
Eu quero em teus braços recordar  
E ver como é belo o teu destino,  
Neste dia de folia, o Brasil  
Pra você será menino...  
Aceite, agora, esse abraço fraternal  
Do Consulado, neste carnaval.’

Quer dizer, até me emociona porque era o pessoal da ELETROSUL; chegamos, vimos e gostamos e por aqui ficamos [...] isso é feito em 1981, e isso está marcado na história do Consulado. Quando a gente fala em hino do Consulado, fala nesse samba, escrito pelo Mickey e também pelo Sidnei. Depois o Mickey fez esse livro, eu soube, eu conversava bastante com ele e realmente, ele enaltece muito o Consulado nesse livro... Ele viveu muito essa fase da não-aceitação de muita gente à ELETROSUL que sobrava pro Bloco, não tinha dúvida.<sup>83</sup>

Quanto à bateria do Bloco, um dos seus mais significativos destaques, ela também aglutinava ritmistas das Escolas de Samba e tinha como personagens, conforme a presidente e a vice-presidente da Velha Guarda do G.R.E.S. Consulado, Rosita Azevedo e Aidê Carvalho de Quadros, bancária aposentada e que faz parte do Consulado desde os tempos de Bloco. Ambas dizem:

...e a bateria inicial eram esses fundadores aí: era Salomão, Vasco, Liberto, Miguel, Ézio, depois outras pessoas da cidade que entraram como Carlinhos... Salomão foi diretor de bateria, foi mestre de bateria da escola também durante um período.

<sup>82</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 2 de novembro de 2009.

<sup>83</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.



Depois ele foi pro Rio, trabalhar na Eletrobrás. Ficou o Carlinhos como mestre de bateria. Depois ele [Salomão] retornou.<sup>84</sup>

Antonio Rodrigues de Matos, por seu turno, enuncia outros personagens importantes do Consulado:

Tinham duas figuras espetaculares, falecido Inácio, que era o mestre-sala do Consulado e era o locutor oficial... era uma pessoa fantástica. Ele conseguia puxar todo mundo pra ele, e tinha o Maranhão, que vamos dizer, era o intérprete do Consulado, que tinha vindo do Rio de Janeiro, que era do Salgueiro, que era um... pra mim era uma figura de destaque na cidade. E tinha a bateria do Consulado que era muito boa.<sup>85</sup>

Com tantos aspectos inovadores que ajudaram a transformar o carnaval de Florianópolis, e com a familiaridade com as demais agremiações da cidade, nasceram e se fortaleceram expectativas no sentido de mudar o próprio Bloco Consulado do Samba em Escola de Samba, ou mais exatamente em G.R.E.S. Consulado, para desfilar na passarela Nego Quirido. Para tanto, o então presidente do Bloco, Luiz Alberto Emerick, articulou a realização de um plebiscito entre seus componentes, como recordou Antonio Rodrigues de Matos:

Promoveu aqui na ELASE, onde tinha um galpão chamado Galpão Umbu, a gente fazia muitos encontros musicais, ele que promoveu ao final de 10 anos um plebiscito pra saber se as pessoas queriam ou não se transformar em escola... naquele momento foi feito até um pacto, nós ficaríamos durante três anos, assumiríamos para transformar.<sup>86</sup>

Mas houve, com certeza, outras circunstâncias influenciando na passagem de Bloco para Escola de Samba. Por exemplo, o aumento no número de participantes no Bloco Consulado do Samba também se deveu à exaustão, ao menos àquela época, dos bailes de Clubes, como discorre Jorge Vaz: “o crescimento da Colônia e do Consulado se deu até pelo enfraquecimento dos clubes, pelo fim de seus bailes, e das grandes sociedades que tinham em Florianópolis... Tinha componente do Lyra, pessoal do [Clube] 12, que passou a desfilar, coisa que não acontecia em Florianópolis.”<sup>87</sup> Por outro lado, conforme recordou Antônio Rodrigues de Matos,

...já no décimo ano de desfile foi difícil ganhar, senão me engano era do Bloco da TELESC... Ali na época, tinham vários Blocos, sei lá, dez, doze Blocos, tinha o TELESC, o da CELESC... tinha o SOS, do Hospital... e já foi difícil ganhar do pessoal da TELESC... O pessoal da TELESC tinha crescido muito, e eu acho que essa posição de você não ver o Consulado ser derrotado pesou, e como já havia uma pressão grande do Emerick, como ele já tinha convencido algumas pessoas a mudar,

<sup>84</sup> AZEVEDO, Rosita e QUADROS, Aidê Carvalho de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, na primeira quinzena de janeiro 2009.

<sup>85</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> VAZ, Jorge. Depoimento citado, em 7 de outubro de 2009.

esse plebiscito foi uma mera formalidade... Na realidade a festa já foi com esse intuito mesmo.<sup>88</sup>

Seja como for, uma nova Escola de Samba foi criada em Florianópolis, no dia cinco de maio de 1986, com a denominação de “Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado”, e fora dos limites da ELASE e da ELETROSUL, como segue recordando Antonio Rodrigues de Matos no mesmo depoimento:

A escola foi fundada no Pantanal, no Corinthians do Pantanal. O que era o Corinthians? Era um clube que tinha aqui na [rua] Deputado Antonio Edu Vieira. Agora fechou! Ali foi feita a fundação da escola! Mais de 300 pessoas! Achava-se que talvez ali no Pantanal, pudesse, vamos dizer assim, ser um ponto de referência. Mas, o pessoal do Pantanal não tinha muito o espírito do carnaval.<sup>89</sup>

Como complemento, cabe dizer que a herança deixada pelo Bloco Consulado do Samba para o carnaval da cidade e, principalmente, para o G.R.E.S. Consulado foi importante por ele ter propiciado o contato com novas formas e conceitos do dia a dia das Escolas de Samba e dos próprios desfiles carnavalescos, tal como eles vinham sendo reelaborados, num primeiro momento, no Rio de Janeiro, em continuidade à constante mutação dessas manifestações de cultura urbana. Afinal, a Escola de Samba representa, ela própria, a fusão de várias influências e interferências, como registra André Diniz:

O legado que Blocos, ranchos, cordões e sociedades deixaram para a história das Escolas de Samba é muito claro. Podemos até dizer que as Escolas são uma síntese de todos esses movimentos carnavalescos: o enredo, os grandes carros alegóricos, as alas, a instrumentação, a beleza, o mestre-sala e a porta-estandarte, as mulheres bonitas...<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento citado, em 29 de outubro de 2009.

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> DINIZ, André. *Op. Cit.* p. 91.

## CAPÍTULO 2 - MODERNIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO CARNAVAL

São dois processos construídos a partir de um projeto, aparentemente, sem a clareza de aonde se quer chegar. Para isso, devem-se considerar dois matizes históricos inerentes ao projeto: o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro adquire o “status” de espetáculo (e principalmente à televisão), no contexto nacional, e a população da Capital se observa espelhada nas idéias de açorianidade e, nesse ponto, incluo a população dos morros da cidade. É desse conjunto que se estabelecem a modernização e a profissionalização do Desfile das Escolas de Samba de Florianópolis.

E em meio a esse contexto, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado trouxe contribuições dos desfiles das escolas cariocas para participar de outro projeto, falado como profissionalização do desfile das escolas de Florianópolis, mesmo que na condição de “sem saber muito aonde se quer chegar”, mediante histórias de desorganização e ausência de planejamento da festa.

Avanços e recuos proporcionam a ampliação do entendimento do conjunto historiográfico, quiçá esta perspectiva na historicização. Le Goff aponta:

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Isto é verdadeiro em dois sentidos. Primeiro, porque o progresso dos métodos e das técnicas permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado esteja ainda por se descobrir... os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-se. Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá de um futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência – ou melhor, uma vida – que deixa de ser definitivamente passado.<sup>91</sup>

Como métodos, far-se-ão alguns recuos no passado (do Bloco Consulado e na Cidade) a fim de elucidar este capítulo. Compreendendo também a linha da questão regional, guiada por Thompson:

Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. Por meio da história política e social ensinada nas escolas, as crianças são levadas a compreender e a aceitar o modo pelo qual o sistema político e social sob o qual vivem acabou sendo como é, e de que modo a força e o conflito têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel nessa evolução.

---

<sup>91</sup> GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003, p.25

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social e essencial da história.<sup>92</sup>

## 2.1. O projeto de turismo e o “terceiro melhor carnaval do Brasil”

O planejamento turístico da praia de Jurerê em Jurerê Internacional simboliza a precariedade dos projetos turísticos de Florianópolis. Anteriormente à década de 1950, já havia intenções de ocupação daquele espaço para transformá-lo em uma praia urbanizada tal qual a de Cabo Frio, no Rio de Janeiro. A área foi adquirida pelo ex-governador Aderbal Ramos da Silva que tinha o intuito de urbanizá-la, abrindo a vocação para o turismo, ou talvez, alguma confusão entre o público e o privado. Reinaldo Lohn indica partes desse caminho:

Outra área importante no desenvolvimento da futura cidade turística foi a região de Jurerê, que também havia sido um campo comunal desde a colônia, sendo estas terras depois concedidas, quando da montagem da Ponte Hercílio Luz, na década de 1920, ao construtor naval Antônio Amaro, em troca dos terrenos que possuía próximos ao centro da cidade, região então conhecida como Rita Maria, e que eram necessários para a construção dos acessos à ponte. Após sua morte o então advogado Aderbal Ramos da Silva comprou a área da viúva de Amaro, em 1935. Anos mais tarde, é que Aderbal lançaria seu projeto imobiliário para aquela praia, em 1957.<sup>93</sup>

À década e para efeito de contextualização, Cristiana Tramonte, registrou e considera-se o carnaval embutido no roteiro turístico da Capital:

O ano de 1956 registra mais de 45000 pessoas no centro urbano, “turistas e forasteiros”... Para uma cidade pequena e provinciana como Florianópolis o evento do carnaval ganha, nesta época, a importância proporcional ao fenômeno carioca... Correspondendo à fase de implantação e quebra de preconceitos que enfrentam as escolas cariocas nas décadas de 20 e 40, elas evoluirão rapidamente, integradas num contexto profundamente influenciado pela presença de elementos de outras regiões e pela efervescência cultural, política e social que o Brasil vivia.<sup>94</sup>

Ao mesmo tempo era necessário mostrar, na tentativa de convencer o habitante florianopolitano da época, sobre a perspectiva econômica à frente, como fala Sandra Born:

A necessidade de fomentar o turismo deveria envolver a maioria dos florianopolitanos, pois apesar de a Ilha possuir diversas praias e um belo cenário, os habitantes do centro não tinham o hábito de passear pelo interior. Para tanto, a partir de meados da década de 50, passaram a ser organizados passeios pelo interior, especialmente para Canasvieiras e Jurerê. Esses passeios duravam o dia inteiro e tinham como finalidade o lazer e a descoberta das belezas naturais da Ilha pelos moradores do centro.<sup>95</sup>

Aos poucos “a bela cidade vira um grande negócio”. Mesmo assim, as décadas de

<sup>92</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1992, p.21.

<sup>93</sup> LOHN, Reinaldo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. 1950 a 1970*. Florianópolis, UFRGS 2002.

<sup>94</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Op. Cit.*, p. 91.

<sup>95</sup> BORN, Sandra Regina. *Op. Cit.*, p.51

1970 e 1980 revelam os problemas de infra-estrutura como as consagradas faltas de luz e água, ausência de saneamento básico, transporte e, incluindo nessa relação, a falta de hospedagem, como descrito por Márcia Fantin: “Um empresário do turismo... destaca que o turismo de Florianópolis tem menos de 20 anos... nos anos [19]70 Florianópolis tinha alguns hotéis no centro da cidade, um hotel no morro da Lagoa da Conceição e um em Canasvieiras e somente duas agências de turismo.”<sup>96</sup> Com o avanço do turismo na “Capital Turística do Mercosul” viceja o impasse: “A falta de infra-estrutura para receber quantidade exagerada de turistas, bem como o modelo de turismo predominante até então, revelou uma grande dilema: era preciso escolher qual turismo, quais os destinatários preferenciais e discutir seus reflexos na cidade.”<sup>97</sup>

Todas essas situações descritas levam à dedução da ausência de um Projeto específico para o turismo da cidade, embora seja induzida a idéia de que o Carnaval encerre as atividades turísticas da Capital. A sensação existe, embora faltem Planos específicos de governo tanto por parte do Estado como da Prefeitura de Florianópolis. Marcio de Sousa, nessa fase do trabalho, fala como representante do Legislativo Municipal: “tendo exatamente em conta que a cidade, ela fecha o verão. Fecha o verão com o carnaval! O valor estratégico da presença das Escolas de Samba dentro do contexto, da visão que a Ilha representa hoje pra todo o Brasil.”<sup>98</sup>

Ventilou a impressão de uma idéia do encerramento da temporada de verão na Ilha de Santa Catarina, por meio do Carnaval, como parte do projeto de Turismo sem haver, de modo concreto a planificação, a organização e o modus faciendi do desfile a cargo das Escolas de Samba.

Tudo indica que a proposta de reestruturação dos desfiles das Escolas de Samba de Florianópolis começou de forma casual, na década de 1980, muito mais em decorrência de ações pequenas como a mudança do local, da Praça XV para a Avenida Paulo Fontes e, posteriormente, a instalação de arquibancadas desmontáveis com o único objetivo de “ver a escola passar.” Fatos decorrentes muito mais de reivindicações das Escolas de Samba, incluindo o G.R.E.S. Consulado.

Mas, ao se voltar os olhos para alguns anos, afinal, é indispensável saber um pouco das principais escolas concorrentes do Consulado, com quem os sambistas mantiveram relação intensa como se fossem até vizinhos. A Protegidos da Princesa foi a primeira escola

---

<sup>96</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida*. Florianópolis Ed. Cidade Futura. 2000. p. 229.

<sup>97</sup> Fantin, Márcia. Op. Cit. p. 74

<sup>98</sup> SOUZA, Márcio. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 29 de outubro de 2009.

de Florianópolis, fundada em 18 de outubro de 1948, por marinheiros cariocas que vieram morar definitivamente no morro do Mocotó, na Capital. A Copa Lord foi fundada no morro da Caixa, no dia 25 de fevereiro de 1955. Ambas dominaram a disputa do título de campeã nas décadas de 1960 e 1970, com exceção do ano de 1967, quando Império do Samba tornou-se campeã.

O desfile começou, numa primeira tentativa de organização, no ano de 1949, um ano após a criação da Protegidos da Princesa, mesmo que sem a institucionalização de projeto turístico. Cristiana Tramonte diz:

...em 1961 é oficializado pela Prefeitura da Florianópolis o desfile das Escolas de Samba e Grandes Sociedades e o programa passa a ser estabelecido pelo Setor de Turismo do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal. Desfilam na Praça XV a Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord e Filhos do Continente.<sup>99</sup>

Com o desfile deslocado da Praça XV (dito: o coração da cidade) para a Avenida Paulo Fontes e com a montagem das arquibancadas metálicas pela primeira vez, no ano de 1975, Amin destaca algumas mudanças:

Isso em [19]75 e [19]78 que foram os primeiros anos da minha gestão... mas nós começamos a articular para termos arquibancadas metálicas desmontáveis, monta, desmonta... foi, portanto, um momento de reciclagem, no carnaval. Uma tentativa de programação... as Escolas de Samba tinham muitas dívidas nas lojas onde iam comprar os adereços! Então esse caminho para a profissionalização, então foi um caminho muito pitoresco, eu diria. Um grande número de Escolas de Samba, além das que nós conhecemos... a Copa Lord, Protegidos... eu acho que a Unidos da Colônia é dessa época... tem que conferir... tem a Império do Samba e Filhos do Continente!<sup>100</sup>

O Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, desde a primeira apresentação, introduziu o formato carioca de desfilar na avenida. Aidê recorda:

...eu me lembro bem na época do Bloco... porque é assim, a gente desfilava... a gente como Bloco desfilava em dia diferente de Escola de Samba, como é até hoje. Então, como eu desfilava no Bloco Consulado eu ia assistir na arquibancada, eu comprava ingresso pra assistir as Escolas de Samba. E era muito engraçado o jeito que eles dançavam! Eles dançavam assim tipo cobrinha, assim, um atrás do outro com a mãozinha no ombro, sabe? Uma coisa assim muito estranha, não tinha nada a ver.<sup>101</sup>

Antonio Matos confirma essa prática a qual também estranhava:

...é quando a gente veio pra Florianópolis o desfile das Escolas de Samba era meio estranho, por que as pessoas faziam alas, formavam verdadeiras cobrinhas, então eles iam desfilando e entremeavam entre uma ala e outra. E o Consulado, não, veio com a harmonia, ou seja, cada ala disposta no seu devido lugar, como é feito hoje. Naquele tempo não tinha isso. Uma ala se metia no meio da outra. E quando o Consulado começou a implantar o sistema de harmonia e de organização dos

<sup>99</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Op. Cit.* p. 104.

<sup>100</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19/08/2009.

<sup>101</sup> QUADROS, Aidê Carvalho de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em janeiro de 2009.

desfiles aquilo criou um impacto muito grande pras Escolas de Samba. E fez elas modificarem as formas de desfiles.”<sup>102</sup>

Entendo que se tratava do jeito dos sambistas e membros das Escolas se apresentarem para o público. O modo próprio do desfile das Escolas de Samba de Florianópolis correspondente a um período em que o carnaval não havia sido convertido em mercadoria, em espetáculo do carnaval, não há esses sinais, mesmo que se vislumbrassem aspectos do desfile carioca. Nesse ínterim, expande-se em conjunto com a ampliação tecnológica e mercadológica do Carnaval por parte das grandes redes de comunicação do país. É dessa época, também, que consulenses e representantes das outras escolas passam a se conhecer, convivendo e aprendendo com o outro o modo de fazer o carnaval carioca e o carnaval de Florianópolis, em uma cidade pincelada por traços que aproximam o florianopolitano do carioca, tais como, a geografia da Capital semelhante a do Rio de Janeiro, o comportamento do habitante natural de Florianópolis também tem semelhanças com os do carioca, assim como o samba. Sem esquecer as presenças de sambistas cariocas que se achegaram ou já faziam parte do cotidiano musical da Ilha, aqui lembrados por Elias Marujo: “Chegou o Paulinho Carioca, chegou o Maguila, chegou eu, vários compositores...”<sup>103</sup>

Aliás, Marujo trouxe consigo mais um aspecto importante para a profissionalização dos desfiles, ainda que alguma iniciativa tivesse sido tentada.

...outro troço que eu estranhei bastante aqui é que com a chegada dos compositores houve uma certa organização por que a turma vinha de fora, conhecia as alas de compositores, se organizava e aqui fizeram isso. Eu fui o primeiro a fundar uma ala de compositores em Florianópolis, organizada como sindicato. Depois vieram outros aí e se organizaram, mas antes o cidadão procurava alguém que era compositor, chegava ali na Praça XV: ô fulano faz um sambinha pra minha escola, ninguém tinha ala, era assim. Hoje, depois que a turma começou a se organizar eles começaram a dar um premiozinho. Mas é uma coisa irrisória... que muitos têm até vergonha de receber um prêmio daqueles, que eles são hoje, quatro, cinco mil cruzeiros (reais). Isso não é nada. Pra não dizer que eu estou metido a importante eu recebo, mas na maioria das vezes eu distribuía pros colegas. Mas eu gastava muito mais pra ajudar a escola do que desfrutar daquilo.<sup>104</sup>

O julgamento das Escolas de Samba, durante os desfiles, era feito com pessoas das próprias escolas, tornando melindroso o processo com regras elaboradas às vésperas das apresentações e oportunas à comissão julgadora, quase sempre caracterizada como suspeita, dependendo do resultado da apuração. Salomão rememora:

Quando jurados... os jurados daqui de Florianópolis o bicho pega! Porque é difícil! Difícil por que existe essa tradição das duas escolas, e isso é levado... Essa paixão é levada lá pra cabine de jurados... e isso influencia! Então por isso, nós conseguimos.

<sup>102</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>103</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de janeiro de 2010.

<sup>104</sup> Idem.

Foi um grande feito! Nós conseguimos que as outras escolas... é a comissão organizadora de desfile trouxesse a comissão julgadora de fora! E tem vindo do Rio de Janeiro! Isso tem sido favorável, pro Consulado por que o Consulado está fazendo um desfile do estilo Rio de Janeiro!

O cara olhava, olhava que a escola dele está desfilando, ele estava julgando, ele jogava... Dava o maior ponto pra aquela escola! E com isso, isso fez pra uma, no outro ano atingia outra e assim sucessivamente! Por que havia esse tipo, esse tipo de pontuação!<sup>105</sup>

Em decorrência desses acontecimentos, houve ocorrências de encerramentos de Desfiles marcados por discussões calorosas e até brigas corporais entre os adeptos das Escolas de Samba, simpatizantes e público, em protesto pelo resultado em que somente com a atuação da Polícia Militar as brigas foram dissolvidas. Salomão afirma: “Há uns sete, oito anos toda vez que terminava o desfile tinha briga! Tinha briga entre as escolas, entre torcidas e escolas! Diretoria não... não vou dizer que as diretorias brigavam. Mas os torcedores, normalmente torcedores, componentes das escolas entravam em choque.”<sup>106</sup>

Ao final da década de 1980 foi dada mais uma manobra contra o desfile das Escolas de Samba de Florianópolis. Amin coloca: “O segundo momento foi quando eu voltei à prefeitura. Aí não tinha desfile. No final da administração do Andrino não teve! Por um desacerto até de acomodação da situação, da forma de gestão das escolas. Sempre foi muito complicada.”<sup>107</sup> E, Marcia Fantin complementa: “Com a justificativa de não ter recursos para financiar a grande festa – que pressupõe gastos com infra-estrutura e com as Escolas de Samba – o prefeito Édison Andrino suspendeu o carnaval em [19]88.”<sup>108</sup> Amin acrescenta:

Na minha segunda gestão, [19]89, [19]90, nós também mudamos o carnaval para a atual Nego Quirido, que foi uma obra iniciada e denominada pelo Édson Andrino. Nós fizemos a iluminação! Quando eu assumi, não tinha iluminação! Então a grande corrida foi pra botar os postes que estão lá ainda até hoje. Um investimento pesado, talvez tenha sido a primeira cooperação entre a prefeitura de Florianópolis e a Celesc que era do governo do estado, do tempo do Pedro Ivo... Com a animosidade que havia entre a administração do Amin e a administração do Pedro Ivo superamos isso!<sup>109</sup>

Em 1988 não houve o desfile de Carnaval das Escolas de Samba em Florianópolis. As agremiações não realizaram os ensaios, embora houvesse muita manifestação contrária ao cancelamento do desfile. O prefeito, à época, era Edson Andrino, do PMDB:

A negação da ajuda municipal na organização do desfile representou uma transformação no diálogo estabelecido entre o poder público e as Escolas de Samba ao longo dos anos. Pela primeira vez desde a sua afirmação como uma festa relevante no cenário sociocultural da cidade, a prefeitura rompeu com a antiga

<sup>105</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 30 de abril de 2009.

<sup>106</sup> Idem

<sup>107</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19/08/2009.

<sup>108</sup> Fantin, Márcia. *Op. Cit.* p. 119.

<sup>109</sup> Amin, idem.



relação explicitada... tratada pelo prefeito como erros do passado. A gestão de Edson Andrino no comando da Prefeitura de Florianópolis [1985 a 1988] significou a quebra de uma determinada hegemonia que diz respeito à administração da cidade, onde as marcas do novo governo estão relacionadas com a incorporação da participação popular no discurso político da nova administração, por isso a ênfase na prioridade dos recursos para as obras realizadas em vários morros da cidade e na participação popular que, segundo o prefeito, é a dona do carnaval.<sup>110</sup>

Antonio Matos propõe:

Se fala muito mal do Édson Andrino por que não teve carnaval! Mas a gente não pode esquecer que o Édson Andrino deixou uma passarela para a gente. A passarela Nego Quirido foi construída em [19]88, que o Andrino dizia... até ali o carnaval era na Paulo Fontes, imagina o carnaval na Paulo Fontes? Não tinha condições! Então o Andrino dizia que ele precisava mais do que fazer o desfile precisava dar uma casa para o sambista. Ele diz que não tinha dinheiro pra fazer o carnaval para fazer a passarela... já era complicado a questão do desfile na passarela... então ele fez a Nego Quirido.<sup>111</sup>

Em 1989, a Unidos da Coloninha volta a vencer o carnaval de Florianópolis completando o ciclo de cinco carnavais conquistados na década de 1980. No ano de 1990 a Copa Lord vence o Desfile e, de 1991 a 1993, o Consulado conquista os primeiros carnavais da Capital. O Consulado e a Coloninha têm, juntos, nessa década, um relacionamento em comum, merecedor de investigação. Com isso, ela alterou a história dos desfiles de Florianópolis ao conquistar os títulos de 1984 a 1989, por cinco vezes campeã do carnaval, sendo que em 1988, lembrando, não foi realizado o desfile das escolas da Capital. Durante esses anos a participação de sambistas do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba junto a Coloninha foi de suma importância para as conquistas dos títulos, pela introdução de conceitos e inovações em áreas como a da harmonia, da organização e a musical. E também acrescentaram inovações, planejamento e organização, até então, sem que as “escolas tradicionais” dessem importância a isso. Márcia Fantin explica:

Mais articuladas com o senso administrativo e com uma estrutura mínima, tais escolas profissionalizaram suas ações e inovações com elementos, conteúdos e formas inspiradas no carnaval carioca. O efeito destas ações sobre o carnaval ilhéu foi tanto que durante vários anos tiveram dois títulos para a Copa Lord e os demais entre Consulado e a Coloninha.<sup>112</sup>

Embora discorde do raciocínio de profissionalização das ações para o carnaval por parte das duas “escolas novas”, primeiro porque ainda não havia idéia clara e um plano estratégico aos moldes atuais, e porque as agremiações atravessaram problemas graves no período, como a falta de verbas para o custeio. Percebe-se que as novidades eram introduzidas

<sup>110</sup> BUENO, Renato Santiago. *Samba, escolas de samba e políticas na construção da Passarela Nego Quirido em Florianópolis (1980-1989)*. Florianópolis: UDESC, 2008 (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História), p. 41.

<sup>111</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>112</sup>FANTIN, Márcia. *Op. Cit.*, p. 126.

especificamente para o próximo desfile. Porém, por meio dessa relação entre o Bloco Consulado e a Coloninha é válido compreender que a presença de sambistas e batuqueiros do Consulado no interior da organização e da criatividade do desfile da Coloninha serviu como campo experimental à transformação do Bloco Consulado em Escola de Samba. Anteriormente, falei sobre as trocas entre as duas entidades, como as feitas na área musical. No ano de 1983, o Bloco Consulado do Samba com sete anos de carnaval na Capital e acumulando um título atrás do outro, procede ao primeiro intercâmbio com escolas do Rio de Janeiro. O intercâmbio com escolas cariocas prossegue. Matos reforça:

Eu acho que o intercâmbio. Por exemplo, se você pegar um diretor de bateria do Consulado, ele faz curso no Rio... ele vai lá com o mestre Odilon, da Grande Rio, o cara ensina um monte de truque pra ele. Quantas pessoas do Rio vêm aqui fazer workshop, seminários? Por que na realidade é o centro, vamos dizer assim mais avançado... Ali existem novidades. Todo ano tem uma novidade! Então, quer dizer você vai buscar aonde? Vai buscar naquilo que é melhor. É natural isso. O Mazinho, que é o mestre-sala do Consulado, teve por diversas vezes no Rio de Janeiro fazendo ensaios com mestres-salas. Pega um mestre-sala do Rio vem aqui é uma diferença brutal! Pega uma bateria, é uma diferença por mais que agente esteja evoluído... o carnaval está no sangue do carioca.

As escolas também tem feito um intercâmbio com Porto Alegre. Porto Alegre tem sido [importante] para algumas escolas daqui, também tem contribuído bastante...<sup>113</sup>

Acrescente-se que, no ano anterior, em 1982, o G.R.E.S. Império Serrano, Escola de Samba fundada no bairro de Madureira no Rio de Janeiro, em 23 de março de 1947, foi campeão do carnaval daquele ano com o samba-enredo Bumbum paticumbum prugurundum. O samba fala das mudanças efetivadas nas grandes Escolas de Samba do Rio de Janeiro que cederam o enredo a grandes empresas:

SuperEscolas de Samba S.A.  
Superalegorias  
Escondendo gente bamba  
Que covardia<sup>114</sup>

Deduz-se que os consulenses foram tentar compreender como aquela escola fez um desfile de carnaval com poucos recursos financeiros, elaborou críticas em forma de samba às escolas cooptadas pelo poder financeiro e rompia com padrões econômicos de produção de fantasias e de carros alegóricos ao reverter o investimento no luxo.

Essa exibição, que proporcionava uma idéia dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, despertou as atenções da direção da Unidos da Coloninha, que havia regressado ao Desfile da cidade no ano anterior. Matos complementa:

E a maior transformação que eu acho que o Consulado contribuiu com a cidade em termos de escola de samba, foi em [19]84. A Coloninha era uma escola de samba

<sup>113</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>114</sup> Parte da letra do samba-enredo do G.R.E.S. Império Serrano, de 1982.

mirim, e que parece que interrompeu suas atividades em [19]62 e retornou em [19]83, depois de 21 anos e fez um desfile normal, natural. Naquele tempo quem comandava o carnaval, quem comandou o carnaval até [19]85 foi Copa Lord e Protegidos. A partir de [19]85 muda o carnaval de Florianópolis com a entrada da Coloninha. A Coloninha era uma escola lá do Estreito. E a escola ainda estava incipiente, tinha muita gente do Império do Samba que se chegou pra Coloninha. O Império estava já em decadência, e o quê que o presidente, o Biguaçu, fez? Ele veio para o Consulado, no bloco, chamou o Schneider para ter [tê-lo como] o carnavalesco da Coloninha. O Schneider foi pra Coloninha. O Schneider era muito amigo do Luiz Alberto Temeri, que é uma das figuras centrais do Consulado. O Luiz Alberto Temeri, que era presidente do bloco naquela época, e [ele] fizeram um trabalho pra ver se o bloco não ajudava a Coloninha E o bloco nunca se metia com o carnaval de escola por que ele tinha lá a vida própria. Mas havia duas poderosas que era a Copa Lord e Protegidos. Por que então a gente [não] vai ajudar uma [que] precisava?<sup>115</sup>

A participação intensa do Bloco Consulado do Samba na elaboração dos desfiles da Unidos da Coloninha, foi a maior transformação do Carnaval da cidade naquela década. Matos fala da intervenção do Bloco na preparação da Coloninha, a escola do Continente que derruba a hegemonia de Copa Lord e Protegidos, do centro da cidade, na década de 1980:

E aí, nesse carnaval de [19]84, a Coloninha, 30 componentes da harmonia do Consulado, da harmonia do Bloco foram desfilar na Coloninha. Trinta batuqueiros do Consulado foram sair na harmonia. Naquele tempo não tinha problema de ala. Sete alas do Bloco que saíram no sábado, desfilaram na Coloninha no domingo. Resumindo, a Coloninha foi campeã. Isso foi a grande modificação. Ter a idéia a Coloninha foi pentacampeã: [19]84, [19]85, [19]86, [19]87 e [19]89.<sup>116</sup>

Nada mal para uma Escola de Samba que paralisou as atividades em 1962, só retornado no ano de 1983 e, no ano seguinte, vence. Uma experiência também para o Consulado do Samba, que dava sinais das primeiras articulações à entrada no Desfile como Escola de Samba. Uma idéia colocada em 1982, como explicou Salomão, referindo-se, no capítulo anterior, ao ano da Copa do Mundo. Matos afirma: “E nós também, havíamos a expectativa de um dia poder desfilar como escola... Como que seria essa participação?”<sup>117</sup> Lembro, também, das participações do compositor Elias Marujo nas letras dos sambas-enredo do Bloco Consulado e da Coloninha, mencionadas anteriormente.

Matos resume a participação do Consulado do Samba no primeiro ano de conquista e as transformações no Desfile das Escolas de Samba de Florianópolis: “Aquilo foi uma vitória. Foi mais uma vitória, eu acho que nossa no carnaval... da gente ter contribuído pra Coloninha

<sup>115</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>117</sup> Idem.

ter mudado a história do carnaval <sup>118</sup>.” Jorge Vaz se manifesta: “até hoje tem grandes amigos ainda dentro da Colônia.”<sup>119</sup>

## 2.2. O lugar do samba-enredo

Embora desconheça a teoria da música, suas combinações de notas musicais, ou a prática, compreendo ser possível tocar em noções e informações históricas sobre o samba, porque não é preciso ser músico para falar de música. Vejo a possibilidade de tomar o assunto por meio da história.

Para a maior compreensão acerca do assunto, busco um trecho da teoria de Leopoldi:

A elaboração da letra e música dos sambas é definida como função do poder criativo, da capacidade de expressão em linguagem poética, da sensibilidade para detectar os acontecimentos ou explorar os temas a serem tratados musicalmente, do domínio dos ingredientes rítmicos e melódicos inerentes à composição musical e, conseqüentemente, se associa a um nível mais elevado de inteligência. Como todos esses atributos são positivamente valorizados no ambiente do samba, a sua emergência tende a incrementar o status do compositor em face dos outros agentes sociais da Escola de Samba.<sup>120</sup>

Esse gênero musical foi erguido a símbolo brasileiro no governo de Getúlio Vargas. Há dois pontos importantes reveladores que merecem destaque na etapa deste trabalho. Não foi Getúlio Vargas que impôs temas nacionalistas para as músicas: “a exigência nos regulamentos de temas nacionalistas não partiu do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) – está muito mais ligada aos próprios sambistas que a uma imposição do governo.”<sup>121</sup> Mussa e Simas interpretam mais essa questão:

É evidente que o clima de exaltação nacionalista e o controle ideológico estabelecido pela ditadura motivaram essa decisão dos sambistas. Nada mais natural que as escolas – permanentemente em busca de aceitação oficial e da legitimidade social – embarcassem no ufanismo patriótico que sustentou o discurso do Estado Novo getulista. Podemos dizer, portanto, que o governo criou uma situação propícia à exigência de temas nacionais. A decisão nesse sentido partiu, porém, do mundo do samba e certamente agradou aos homens do poder.<sup>122</sup>

Falei, no capítulo primeiro, que uma das principais inovações do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba foi a introdução de samba-enredo inédito a cada ano de desfile da agremiação. Uma prática incomum entre Escolas de Samba de Florianópolis e desusada pelos Blocos carnavalescos. Aliás, havia Escolas de Samba daqui que recorriam a sambas-enredo de Escolas do Rio de Janeiro. Escolas de Samba da cidade mantiveram a prática do uso de

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 7 de outubro de 2009.

<sup>120</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de samba: ritual e sociedade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978. p.69

<sup>121</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Op. Cit.*, p.51.

<sup>122</sup> Idem.

sambas de escolas cariocas, do ano anterior, para representá-las na apresentação da Avenida. Era comum essa prática, como observa Elias Marujo:

Eu me lembro é que não tinha samba-enredo deles [Escolas de Samba]... o quê que era feito? Era usado o samba-enredo do ano anterior de uma escola, do Rio, e servia pra escola dele [de Florianópolis]. Era colocado assim. Não tinham compositores... era[sic] esporádico[sic] os compositores... parece que no ano de [19]70 pra cá foi que começaram a fazer enredos, sambas-enredos... e aquilo era ruim porque não apareciam compositores da terra.<sup>123</sup>

Os locutores das rádios da Capital agitavam as programações ao transmitir os sambas-enredo do Carnaval das escolas cariocas, e as lojas de discos vendiam os LPs (Long Play), que são os discos de vinil, de trinta e três rotações, com as gravações dos sambas-enredo ansiosamente aguardados pelos fãs do carnaval fluminense, entre eles, os sambistas da cidade. Duda, adepto do carnaval, demonstra uma representação dessa prática: “... Aqui na Ilha, eu tenho, praticamente, [os discos de] todos os anos... aí, doeí, minha esposa doou para um cara, não sei o quê... está fazendo um acervo de vinil. Mas nós tínhamos.”<sup>124</sup>

Dos sambas do Bloco Consulado faz-se menção no capítulo anterior, em que se destaca o samba-enredo intitulado: Ilha, inspiração e amor, do ano de 1981, composto por Mickey e Sidney, cantado por Antonio de Matos, especialmente para esta entrevista.

Como o período, nessa parte do trabalho, pertence à temática: modernização e profissionalização do Carnaval de Florianópolis, cabe pesquisar alguns dos sambas-enredo correspondentes aos anos de 1987 a 2000, do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado. Informações colhidas na internet:

Tabela – Samba-enredo e respectiva colocação entre os anos de 1987 e 2000

<b>Ano</b>	<b>Colocação</b>	<b>Samba-enredo</b>
1987	4º lugar	Mentalmorfose
1989	3º lugar	Moro no mundo e passeio em casa
1990	3º lugar	Porque hoje é sábado
1991	Campeã	Apesar de tudo
1992	Campeã	Vô noturno
1993	Campeã	Um sopro Sul
1999	3º lugar	A rota da seda

<sup>123</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de janeiro 2010.

<sup>124</sup> VIEIRA, Carlos Cesar. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 14 de janeiro 2009. (sobre esse tema leia mais na página 28).

2000 Vice-campeã Terra mãe gentil- 500 anos<sup>125</sup>

Fonte: Internet

Por causa da falta de arquivo de documentação completa na sede da Escola de Samba Consulado foi necessário recorrer ao material disponível no local, com a letra do samba do ano de 1992. Referente ao ano de 1990, transcrevi a letra depois de obter a gravação ainda em LP, na Rádio Udesc Fm de Florianópolis. O do ano de 1987 foi obtido na pesquisa: Escola de Samba Consulado – uma questão de identidade, de Alexander Dymow. Mentalmorfose significa o processo de transformação do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba em Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, e foi o primeiro samba-enredo tocado pela Escola de Samba, quando ainda era na Avenida Paulo Fontes. As letras estão disponíveis abaixo:

Samba-enredo: Mentalmorfose - Carnaval de 1987  
Compositores: Buze, Salomão, Alberto Vítor, Maranhão e Nelson

Consulado  
Hoje é outro na avenida  
Minha escola, minha vida  
Me faz contar, exaltar  
Mentalmorfose, movimento popular  
A questão é melhorar  
Há muito tempo  
Anda sem sorte Zé Povão  
Agora falta alimentação

Olha o boicote no fricote do pacote  
É sacanagem essa corrupção (bis)

Da política-mania  
A nossa escola desse circo fez piada  
Compulsório é um vilão  
No pacote tem marmelada OOO  
Cruzado virou moda  
Cruzeiro vento levou ôôu  
Preço congelado já descongelou

Censurar pra que  
Nesse palco todo mundo quer “poder”  
Até a Seleção pisou na bola  
No País do faz de conta  
Tanta coisa pra pagar

Ô Cirandê. Ô Cirandá  
Lá no Clube de Paris  
Chove champanhe e caviar (bis)

Maquiaram até o Leão

<sup>125</sup> Wikipédia. *G.R.E.S. Consulado*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/G.R.E.S.\\_Consulado](http://pt.wikipedia.org/wiki/G.R.E.S._Consulado)>. Acesso em 01 de janeiro de 2010.

Os come-quietos da nação  
 Oh! Linda baiana  
 Cheia de otimismo e esperança  
 Me tira esse grilo da cabeça  
 Tá legal!  
 Que aqui tudo acaba em carnaval.

Vai, vai, vai, oi  
 Me dá eu quero  
 Quero um brasil novo  
 Todo verde e amarelo

Samba-enredo: Por que hoje é sábado – Carnaval de 1990

Autor:

Alô povão Consulado, chora cavaco...  
 Tom Jobim, Toquinho e Iraci e outros mais  
 Também foram parceiros Vinícius de Moraes...  
 Ô poeta! Poeta, eu estou feliz da vida,  
 Minha escola na avenida, vai gritar de emoção,  
 Mostrar toda a tua poesia, toda a tua boemia,  
 Para a nova geração!  
 Poeta, Consulado homenageia  
 Tua obra, tua veia. Sonho de um mundo melhor.  
 Um mundo que beleza aqui na rima,  
 Como a rosa de Hiroshima, faz o poeta maior...  
 Um mundo que beleza aqui na rima,  
 Como a rosa de Hiroshima, faz o poeta maior...

Vinicius, pai, avô e diplomata,  
 Deu adeus a serenata, nem inimigo a gente vê...  
 Reflete no calor da tua chama  
 Gente humilde que te ama  
 Que saiu quase a vocês,  
 No verso a mulher se fez poema,  
 Foi garota de Ipanema,  
 Com jeitinho sedutor...  
 Vinícius, o teu nome no plural, afinal,  
 Também foi fundamental (que legal!)  
 No prazer e no amor

Samba-enredo: Vôo noturno - Carnaval de 1992

Compositores: Elias Marujo, Cláudio Caldas e André Calibrina

Intérpretes: Maranhão, André Calibrina e Neco

No clarão da Lua  
 Raios de prata a brilhar  
 Não vá pra rua, é hora do grande sabá.

Lá nas Índias vamos todos contemplar  
 O mais belo que bonito  
 Em noite de luar  
 Um “vôo noturno” a vermelho e branco  
 Vem mostrar  
 Com a avenida enfeitada  
 Na maior festa popular

No dançar das bruxas  
 Oh! Que sedução

Muita magia em forma de canção

A mulher desprezada  
 Iludida sofre com a dor de uma paixão  
 Vai a luta, segue em frente  
 Em busca de emoção  
 Misteriosamente invoca as forças do mal  
 Aqui presente  
 Nesta apoteose infernal

Alô, alô Caieira  
 Mostra o samba que é  
 Hoje o Consulado  
 É magia um canto de fé (bis)

Esse tema é de importância central na trajetória da agremiação, tanto do tempo de Bloco e como no momento em que os consulenses atingiram o nível de Escola de Samba. Características e circunstâncias que envolveram o início da ELETROSUL e do Bloco faziam parte da impressão de se tratar de uma entidade carnavalesca “rica a invadir o espaço de agremiações tradicionais da cidade.”<sup>126</sup> Do nível salarial dos funcionários da ELETROSUL, ao tipo de residências e, sem esquecer, da ELASE – o Clube dos funcionários da ELETROSUL – conforme diz Salomão: “vindos de uma empresa que era tida como empresa de marajás.” Uma questão marcada para os níveis e parâmetros de Florianópolis, cidade constituída significativamente por funcionários públicos, sendo que a ELETROSUL ofereceu benefícios salariais e que construiu a ELASE para atrair funcionários especializados de estados do Brasil.

A suposição de quem estava fora do Consulado do Samba era de que o Bloco não precisava de verba para os desfiles. Menos ainda quando se transformou em Escola de Samba. A maioria acreditava que os salários altos dos funcionários e as “colaborações” da ELETROSUL sustentavam os custos. A pesquisadora Cristiana Tramonte classifica os integrantes da Escola de Samba em um trecho de seu livro: “vale mencionar que, por ser oriunda dos extratos médios da sociedade (30% de seus 1.403 componentes são funcionários da ELETROSUL) e, portanto, possuir melhores condições econômicas”.<sup>127</sup> A pesquisadora parecia não perceber àquela época outros fatos circunscritos e levantados, a seguir, do Bloco Consulado, ao representá-lo sob esse ângulo. Compreendeu, naquela ocasião, como demérito a entidade ter sido formada desse modo. E chega próximo à estigmatização dos formadores da entidade, mesmo que essa intenção possa não estar um tanto quanto clara em sua análise.

<sup>126</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor, em Florianópolis, 30 de abril 2009.

<sup>127</sup> TRAMONTE, Cristiana. *O samba conquista passagem – As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis. EdUFSC.1996, p.172



A cientista social Márcia Fantin apresenta outro ponto central vinculado a Blocos e Escolas de Samba da Capital: “trata-se do financiamento da festa do carnaval (Escolas de Samba, poder público ou iniciativa privada). A discussão sobre o financiamento do carnaval pelo poder público, a pouca atenção do setor do turismo e o lamento das Escolas de Samba são antigos”<sup>128</sup>. Invertendo o contexto, verifica-se que Consulado do Samba e o G.R.E.S. Consulado vivem a mesma mazela, com recursos parcos e mais os problemas de dívidas consideradas impagáveis.

Quatro fontes orais trazem versões que contrapõem a imagem de entidade com verbas inesgotáveis. Começo pelo primeiro presidente do Bloco Consulado, Nivaldo, que talvez por ter sido o primeiro presidente da agremiação foi categórico: “A ELETROSUL não dava nenhuma contribuição, nem nada. Não saía do caixa da ELETROSUL, uma contribuição, não, não!”<sup>129</sup> E diz mais:

Tudo ali já era comprado, por que no Bloco, cada um comprava a sua fantasia. Por exemplo, num Bloco é mais barato, você não tem carro alegórico! O intérprete não ganha nada! Entendeu. No máximo tem que juntar um dinheiro! Ter alguma coisa para comprar uma roupa para uma porta-bandeira... E uma porta-bandeira e um mestre-sala para dar uma ajuda de custo. Não tem mais custo nenhum. Até por que você não tinha sede. Aí começou a ter custo quando virou escola!<sup>130</sup>

Antonio Matos tem outras informações: “O que sustenta o Consulado, principalmente, e todas as escolas dependem disso são os convênios que são feitos tanto com a prefeitura como com o governo do estado. Hoje, o governo do estado... até bem pouco tempo atrás não dava bola pra carnaval!”<sup>131</sup> E por mais contradição que crie, complementa: “O Bloco era o único que recebia verbas da Secretaria de Turismo”<sup>132</sup>. Aparentemente saltam dúvidas quanto ao ato de repassar verbas unicamente para o Bloco Consulado do Samba. A impressão que se tem é que o Bloco é o único favorecido pela municipalidade. Há uma questão importante que incorpora essa atitude da Prefeitura de Florianópolis. Faz parte da chamada “política de incentivo” aos Blocos carnavalescos da cidade. É prática de o Paço Municipal destinar uma parte das verbas do carnaval para o Bloco Campeão do Carnaval de Florianópolis, por meio da realização de concurso. E foi apresentado, anteriormente, que o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba ganhou os títulos concorridos nos dez anos de atuação nesta categoria.

Durante a produção deste trabalho, foram pesquisados os Orçamentos Municipais com o objetivo de se obter mais dados sobre verbas para o Carnaval de Florianópolis. Escolhi o

<sup>128</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade dividida*. Florianópolis. Cidade Futura. 2000. p.124 e 125)

<sup>129</sup> SANTOS, Nivaldo João dos. Depoimento prestado ao autor, em Florianópolis, 29 de abril 2009.

<sup>130</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>131</sup> Idem

<sup>132</sup> Idem.

período de 1984 a 2000, porque passa pelo auge do Bloco Consulado do Samba e abrange o início do G.R.E.S. Consulado. Em dois dias de pesquisa na Câmara Legislativa da Capital, obtive cópias de parte desses documentos remetidos pela Prefeitura. Verifica-se que não há um setor específico para tratar das questões do Carnaval e os assuntos dessa área são tratados dentro da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes. Outra questão constatada é que os números investidos em Carnaval sofreram muitas variações que quase podem ser comparados, principalmente por causa das mudanças na moeda nacional. Para se ter uma idéia, no Orçamento de 1985 foram aprovados mais de CR\$25bi (mais de vinte e cinco bilhões de cruzeiros), sendo destinados naquele ano, mais de CR\$515 mi (quinhentos e quinze milhões de cruzeiros). Convém ressaltar que, esta ordem, atualmente, corresponde, aproximadamente, ao Orçamento do Estado de Santa Catarina, isso se for considerada a moeda atual, o real. No ano seguinte, a previsão de despesa baixou bastante. Era de CR\$4.918 mil (quatro milhões e novecentos e dezoito mil cruzeiros). Para o ano de 1987, a redução nominal foi grande, a conta da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esportes contou com CZ\$1.052mi (um milhão e cinquenta e dois mil cruzados). Observa-se, então, uma das reformas monetária brasileira. Para 1988, ano em que não foi realizado o desfile das Escolas de Samba, com a moeda nacional um pouco mais assimilada pela população, a queda foi ainda maior, a Secretaria recebeu previsão, naquele ano, para pouco mais de CZ\$127 mil (cento e vinte e sete mil cruzados). Em 1989, a previsão de gastos melhorou, mais de CZ\$354 mil (mais de trezentos e cinquenta e quatro mil cruzados). Para o exercício de 1990, novamente a prefeitura teve de adequar a nova moeda nacional, cruzados novos. A previsão à Secretaria foi de NCZ\$14.493 milhões (catorze milhões e quatrocentos e noventa e três mil cruzados novos). Por algum equívoco involuntário não se registrou o Orçamento Municipal do ano de 1991. Acredita-se que isso não invalide o trabalho. No Orçamento de 1992, ano administrado pelo prefeito Bulcão Vianna, foram destinados à Secretaria mais de CR\$531 milhões (quinhentos e trinta e um milhões de cruzeiros). Isso mesmo! A moeda nacional voltou a ser chamada de cruzeiro! Para 1993, ano que marca o início da administração de Sérgio Grando, foram mais de CZ\$87 milhões (oitenta e sete milhões de cruzeiros). Para o ano de 1995, o Brasil passou a ter a moeda que vale até hoje, o real, e a Secretaria recebeu pelo orçamento R\$1.160mi (um milhão cento e sessenta mil reais). Para 1996, a previsão subiu para R\$2.194mi (dois milhões cento e noventa e quatro mil reais). No orçamento de 1997, foi aprovada a dotação de R\$1.977mi (um milhão novecentos e setenta e sete mil reais). A partir do ano de 1998, Ângela Amin assume o comando da Prefeitura Municipal e no Orçamento Municipal para o ano de 1999, à Secretaria foram dotados R\$2.971mi (dois milhões

novecientos e setenta e um mil reais). E, finalmente, para o ano 2000, a Prefeitura envia à Câmara Legislativa Municipal o Orçamento incluindo a conta CARNAVAL, com o montante de R\$2.350mi (dois milhões trezentos e cinquenta mil reais). Deduz-se que a partir da administração de Ângela Amin é que, efetivamente, surge uma conta específica para a organização oficial dos desfiles em Florianópolis.

Vem de longe o apoio financeiro governamental para os desfiles. Em 1933, o concurso organizado pelo jornal O Globo, recebeu a primeira verba, como apuraram Mussa e Simas: “Além de o concurso ter sido inscrito no programa oficial da folia, elaborado pelo Touring Club e pela Prefeitura do Distrito Federal, o governo do prefeito Pedro Ernesto liberou uma verba, ainda que pequena, para auxiliar a realização da festa.”<sup>133</sup>

Dos tempos de Bloco Consulado do Samba a venda de camisetas, as mensalidades dos associados, a promoção de festas com a cobrança de ingressos e as doações de empresas, além, é claro, das subvenções da Prefeitura é que custeavam o Bloco. Salomão coloca:

Pro desfile nós recebemos tanto do governo municipal, como do governo estadual, nós recebemos verbas pra poder tocar o desfile. Isso hoje representa uns 40% do orçamento do desfile! O que vem do governo do estado e o que vem da prefeitura! O restante de recursos nós obtemos através de eventos... Venda de fantasias e por aí afora!<sup>134</sup>

Nivaldo, o primeiro presidente do Bloco Consulado, tem mais fatos:

O Bloco carnavalesco... a estrutura dele era bem informal. Assim: a primeira vez que saiu já ganhou um prêmio da cidade! Ele nem sabe de quem, do Esperidião Amin. Deu uns cinco mil reais [valores calculados para os dias de hoje e aproximadamente]. E agora, tem uma conta, já tem que criar uma pessoa jurídica. Teve aflição na época. Mas depois já se ajeitou, abriu uma conta lá no Besc, e botou dinheiro lá, pra compra mais peça! Que a grande coisa de um Bloco é comprar as peças, os instrumentos que é grande patrimônio! Então eu vou ser bem justo: Fantasia, cada um fica por si! Dá a cor, como é que era...<sup>135</sup>

Quando passou a Escola de Samba, o Consulado contou com outras fontes de recursos, recorda Matos:

Então é a venda de fantasias, que também faz parte. Tem a comercialização da venda do desfile pra televisão, hoje as escolas conseguiram fazer com que seus projetos de enredo, de carnaval, sejam aprovados dentro da lei Rouanet, então tem surgido esse recurso, através da lei Rouanet. Que ainda é muito pouco pro volume... eu acredito que a continuidade do projeto da lei Rouanet... pode superar e pode realmente tornar as escolas viáveis sem a ajuda dos órgãos públicos. Mas hoje, ainda a grande parte dos recursos é de órgãos públicos. É claro que isso tem o retorno... por que a prefeitura também consegue buscar através do Fundo Social esse recurso que no fundo vem de empresas.<sup>136</sup>

<sup>133</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Opus Cit.* p.17.

<sup>134</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 30 de abril de 2009.

<sup>135</sup> SANTOS, Nivaldo João dos. Depoimento prestado ao autor, em Florianópolis, 29 de abril 2009.

<sup>136</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

O tema que provoca muitas discussões sem-fim e confusão na cidade está na relação ELETROSUL, Tractebel e G.R.E.S. Consulado: se há dinheiro doado por parte dessas empresas tanto para o Bloco quanto para a Escola. Há muita polêmica sobre o assunto, ainda mais porque se trata da sustentação financeira de Escolas de Samba da Capital. E, pelo que se sabe das Escolas do Rio, convive-se com lados obscuros, tais como o patrocínio de bicheiros e de recursos provenientes do mundo condenado pela Justiça e pelo cidadão. Márcia Fantin distingue:

... no Rio de Janeiro, há um singular complexo de forças sócio-culturais que fornece a base de sustentação para tal padrão carnavalesco... de outro lado, a rede de apoio financeiro [os agentes do jogo do bicho]... Mas cidades como Florianópolis, que têm o carnaval do Rio como modelo e não contam com a grade de relações que dão sustentabilidade a este tipo de “fazer carnavalesco”, acabam traduzindo-se como uma espécie de paródio do carnaval carioca. Daí uma as origens da reconhecida “crise” do carnaval ilhéu.<sup>137</sup>

Observa-se, inicialmente, a não existência de doações de bicheiros de Florianópolis às Escolas de Samba da cidade. Contudo, o assunto merece mais investigação.

De volta ao tema “possíveis doações da ELETROSUL e Tractebel para o Consulado, três depoimentos são relevantes. O compositor Elias Marujo, que conviveu ao lado das diretorias tanto do Bloco quanto do G.R.E.S. Consulado enuncia:

A ELETROSUL contribuía, sim. Eles não deixavam de contribuir. Agora, havia outras agremiações e entidades que colaboravam com o Bloco. Eram colaborações bem significativas... que justamente aí você vê: o carnaval que o Bloco botava outras escolas não botavam... muita gente ia ver o desfile do Bloco e achava que tinha muito mais riqueza do que o outro.<sup>138</sup>

O atual presidente do G.R.E.S. Consulado, Salomão, expõe a existência de outro tipo de apoio:

É, hoje, a ELETROSUL, ela, dentro do possível, apóia o projeto social... sempre que a gente solicita e se existe verba ela repassa para a escola... o projeto social da escola... e atrai... os empregados da ELETROSUL. Todos eles, quase [eu] não vejo exceção, pertencem à escola! São sócios da escola! Aqueles mais antigos, hoje são diretores da escola!<sup>139</sup>

Salomão procede, distinguindo que as doações da ELETROSUL e da Tractebel são vinculadas aos projetos sociais do G.R.E.S. Consulado: “A escola, no que é lado social, onde está o projeto Caieira 21, nós recebemos ajudas do Poder Público...”<sup>140</sup>

Antonio Matos traz outra referência relevante à compreensão, indicando que havia formas de colaboração empresarial direta ou indireta:

<sup>137</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade dividida*. Florianópolis. Ed.Cidade Futura. 2000. p.130)

<sup>138</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de janeiro 2010.

<sup>139</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 30 de abril de 2009.

<sup>140</sup> Idem

...do início da década de [19]90, quando até aquele momento da entrada do Collor as empresas que davam suporte as suas ações. As empresas que tinham associações vinculadas, elas praticamente davam um suporte razoável. Seja de manutenção, uma série de fatores, e naquele momento que o Collor entrou então praticamente o governo obrigou que as empresas não tivessem mais vinculação, não dessem mais nenhum tipo de contrapartida para a associação de empregados. Ah, a ELASE era vinculada à ELETROSUL.<sup>141</sup>

As três fontes orais apresentaram divergências às respostas, principalmente no que concerne da ELETROSUL ao Bloco Consulado. Elias Marujo afirma que a empresa estatal contribuía para com o Consulado do Samba. Salomão discorda dessa afirmativa e diz que os repasses da ELETROSUL e da Tractebel são destinados para os projetos sociais, como o Caieira 21, oferecidos pela Escola de Samba a crianças empobrecidas e em situação de risco social do bairro em geral. Há indícios, apontados por Antonio Matos, de ainda no início do Bloco a ELETROSUL ter repassado alguma quantia à ELASE, que por sua vez revertia para o Bloco. Como não foram obtidos documentos relativos essa questão permanece sem respostas definitivas, mesmo que as fontes orais tenham revelado informações preciosas.

O Bloco Consulado, ao final do ciclo e do começo de Escola de Samba, atravessou uma fase problemática com as finanças, decorrente da política salarial do governo do presidente Fernando Collor de Melo, registrado por perdas salariais e de benefícios. A Escola de Samba dependia das contribuições e mensalidades dos associados, na maioria funcionários da ELETROSUL. A empresa aplicou também a política de demissão (voluntária e involuntária), e com isso tanto o Bloco como a Escola de Samba ressentiram financeiramente a queda na receita das contribuições funcionais, da estatal e da ELASE. O Consulado entrou no vermelho (permitam-me o trocadilho, já que as cores da Escola são vermelho e branco), no lado das dívidas, que outras Escolas de Samba de Florianópolis passaram por diversas vezes, coisa que as concorrentes até puseram em dúvidas por definirem o G.R.E.S. Consulado como “escola de riquinhos”. Esta é uma oportunidade para saber mais a respeito.

Embora as pessoas da Velha Guarda da Escola de Samba prefiram não falar muito a respeito do assunto, Matos, cuidadosamente, intervém sobre a dívida do Consulado:

...o valor eu não me recordo porque era uma outra moeda, nem sei bem qual era o valor, mas era um valor realmente muito elevado. O presidente na época era o Edmir Pele... amigo meu que hoje mora em Sergipe e como ele estava se aposentando, ele mudou pra Sergipe... Existiam pessoas dentro da ELETROSUL, com condições financeiras boas que ajudavam muito a escola... ele já faleceu, não cabe aqui citar nomes... mas ele praticamente que pagou essa dívida... ele foi diretor de empresas de energia elétrica, e ele tinha aplicações no banco. Ele era apaixonado pelo Consulado.

---

<sup>141</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

A escola tem um profundo respeito por ele. Uma pessoa que se apaixonou pelo Consulado e ajudava financeiramente o Consulado na época.<sup>142</sup>

A dívida era com o “Banestado”, embora o nome da pessoa pagadora não tenha sido revelado. Elias Marujo acrescenta:

...e esse homem, ele gozava dum potencial muito grande de conhecimento e conseguia boas pessoas para colaborar com a escola. Inclusive, hoje ele é falecido, Deus que o tenha em bom lugar. Ele fez muito, muito pela escola. Não só pelo Bloco, como pela escola... muitas vezes, por intermédio dele nós conseguíamos boa ajuda financeira para os carnavais. Na falta dele a coisa ficou pesada. Mas a turma, muito unida, correu atrás e conseguiu...<sup>143</sup>

### 2.3. Instrumentos e articulações

As Escolas de Samba de fora do Rio de Janeiro têm por costume o intercâmbio cultural com escolas de Florianópolis e mantêm excursões, todos os anos, para assistir ao desfile das agremiações campeãs do carnaval no sábado seguinte à divulgação do resultado dos concursos. Desfilam as primeira colocadas. E aí é hora de observar atento os detalhes e buscar informações recentes. Intercâmbio e excursão ao Rio de Janeiro, assinala Cristiana Tramonte:

O intercâmbio com escolas do Rio de Janeiro será uma constante a partir da década de 80, mesmo porque o “modelo” Rio de Janeiro influenciará muito as Escolas de Samba e locais, sempre alternando com a busca da autenticidade, que será uma das características do carnaval de Florianópolis até meados da década de 90: buscar resistir a partir da clareza sobre as conseqüências do “gigantismo” e da inadequação do modelo Rio de Janeiro em sua totalidade no carnaval local e ao mesmo tempo espelhando-se na estrutura estética e organizativa das escolas cariocas.<sup>144</sup>

Por estar no Consulado desde a passagem de Bloco para Escola de Samba e por atuar na ala dos compositores, Elias Marujo recorda:

Ia o cidadão pra lá, passava um mês ou dois, corria as escolas. E levava uma carta de recomendação, era bem recebido. Já se sabia qual o papel que ele ia fazer lá... e aí tudo corria a mil maravilhas, o cara vinha rico de conhecimento... eu nunca precisei disso por que em já vim de lá, já conhecia a vida lá dentro de escola, a minha escola de coração que eu freqüentava, não era compositor na época, nem nada. Eu vi quando o Neguinho da Beija-Flor começou... coitado, nem dentadura ele tinha... era um pobrezinho, coitado... e o padrinho dele, que é o Anísio, gostou, apadrinhou ele que até hoje é o padrinho dele. E ele jamais vai abandonar a Beija-Flor, jamais! Ele é considerado um cara responsável e que sabe o papel que ele está desempenhando na escola...<sup>145</sup>

<sup>142</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>143</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 2 de novembro 2009

<sup>144</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Opus Cit.* p.166.

<sup>145</sup> MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 2 de novembro 2009

Mas se comparado à problemas recentes, Elias repensa: “Ah, era bem diferente de agora.”<sup>146</sup> No início deste trabalho foi apresentado o maior problema vivido pelo Consulado na atualidade: a acusação de plágio de samba-enredo de uma Escola de Samba de São Paulo. Temos aqui a evidência de uma prática muito condenada por sambistas, especialmente os compositores e músicos, de qualquer lugar. São casos que vão parar até nos Tribunais de Justiça. Mas o plágio de samba é também um problema antigo, que vem desde o início do século passado, registram os historiadores da música brasileira. Elias Marujo contou um caso ocorrido ainda no tempo de Bloco Consulado do Samba, na década de 1980. A história é longa, mas vale à pena acompanhar:

Foi o seguinte, a minha filha é muito ligada à música, tem o ouvido afinadíssimo. E quando ela ouviu disse pra mim: ‘pai, esse samba aí é cola, é cópia escrita e melodia do samba da Bangu, da Unidos de Bangu’; eu disse: você tem certeza? E daí disse: Não fala isso aqui, agora, por que vai dar o maior tumulto. Deixa, vamos pra casa pensar... ela disse eu tenho a cópia desse samba em fita gravado. Chegou aqui em casa e eu comparei aqui na cópia, eu tinha gravado já o samba que eles concorreram... eu digo: não é possível. Interessante é o seguinte: o cidadão que estava acompanhando o samba no cavaquinho, no bandolim, que morava aqui perto de mim, hoje é falecido, o Paulinho, disse: eu vou agora ouvir o samba do Inácio e mais não sei quem lá. Eu digo: tá legal vai, depois me diz se é bom. Quando ele passou aqui... então, já tem duas horas e tu já está de volta, ele disse: ‘o samba é bom, rapaz, tá na boca do povo é um samba muito bom’. Quando ele cantou, eu não liguei... ele disse: ‘eu não sei bem a melodia, não gravei’... aí eu fiquei com aquilo na cabeça: como é que o cara só foi ensaiar um samba... duas horas depois ele passa dizendo que já está na mão. Não é possível!... o cara não vai adivinhar... quando me aparece é aquele samba. É aquele samba, a minha filha disse isso. Eu digo: isso não é possível... não posso acreditar... quando eu vou aqui na fita, que a minha filha [tinha], como eu estou lhe repetindo, me mostrou, não é possível, o cara é louco! Aí nisso entrou aqui... um parceiro meu, que defendeu essa música, que é o Marcio Martins, garoto que inclusive fui eu que lancei ele no samba, e o finado Maguila, que ele é falecido, aí ele telefona pra mim: o quê foi que houve? Ouça aí... naquele tempo era... era LP [Paulo diz, LP, vinil] LP, vinil, aí ele botou... eu conferindo aqui, só fizeram o seguinte: tiraram o nome, onde tinha Unidos de Bangu e botaram Consulado, o resto era igual. Eu digo: o cara é louco! Meu Deus, meu Deus... ah, e aconteceu que o presidente do Consulado, na época era Bloco ainda, ele [presidente] deu um cheque para ele [Zé Carlos]. Ele aí pegou os dois rapazes que vieram do Rio [RJ] para cantar, para defender para ele, que foi quem fez a tramóia toda e deu a parte deles, adiantou. Só que na segunda-feira, quando ele foi receber no banco, passar o cheque... estava trancado, não podia retirar. Aí [o cheque] ficou trancado. Aí ele foi procurar saber da diretoria por quê? Aí disseram: como é que você vem com um samba desse aqui... aí fizeram uma reunião, na segunda-feira, foi todo mundo para lá, os compositores. Aí o cara mandou pegar o samba dele e mandou vir tocar. Ele ouviu, igualzinho. Aí o cara ficou derrotado. Daí pra cá, o cara não gozou mais saúde, há pouco tempo ele faleceu... e aí aconteceu isso... o Inácio. A parceria era o Inácio, o tal de Zé Carlos, que era diretor de bateria... Zé Carlos... só eles dois... eles não quiseram nem ficar na parceria...<sup>147</sup>

O velha guarda Marujo conta que o samba foi “cancelado”. O segundo lugar, que era de autoria de Elias Marujo, foi alçado a representante do Bloco naquele ano.

---

<sup>146</sup> Idem

<sup>147</sup> Idem

Bangu, na zona Oeste do Rio de Janeiro, tem o time de futebol Bangu Atlético Clube fundado por trabalhadores da fábrica Bangu de Tecidos, como o maior representante do bairro. Antes disso, a escola Unidos de Bangu participou dos desfiles da Zona Oeste. Mussa e Simas contam: “A estréia no desfile oficial só veio em 1957, com o enredo homenagem à aviação brasileira... Sem recursos financeiros a agremiação enrolou a bandeira após o carnaval de 1998.”<sup>148</sup>

Essa é das possibilidades contraditórias que se abrem a qualquer agremiação carnavalesca, cujo período era de introdução do espetáculo nos Desfiles.

Antes de finalizar este capítulo, é pertinente expor outro atrativo usado pelo Bloco Consulado e transplantado para a Escola de Samba, com algumas modificações compatíveis com os períodos. A diretoria do Bloco Consulado do Samba criou um espaço oportuno à participação popular: a ala dos malandrinhos, como explica Matos:

...como era ligado ao Rio de Janeiro ele criou a tal da ala do malandrinho! Era uma área que quem queria chegar, chegava! Era uma roupa bem simples, um chapeuzinho e a cidade toda na ala... teve anos que a ala do malandrinho saiu com 400 componentes... enquanto as escolas botavam 1200 componentes na avenida, o Consulado chegava a botar 1600, 1800... só a ala do malandrinho! Figuras tradicionais, Aldírio Simões... era uma roupa vermelha e branca listrada com um chapeuzinho de malandro! Uma coisa assim bem simples, por que não era nenhuma fantasia. Ele [a ala] vinha na rabeira do Bloco. Isso como um Bloco mesmo, não era como escola! E vinha lá, toda ano tinha a ala do malandrinho...<sup>149</sup>

Parece que, para pessoas de outras Escolas de Samba da cidade, a ala é uma espécie de tratamento mau de participantes da denominada “ala do malandrinho”. O historiador e sambista Paulino de Jesus, com quem gosto de conversar sobre samba, contrapõe. Paulino de Jesus diz: “a massa entrava numa coisa horrorosa chamada ala do povão. Pergunta aí pra Consulado o quê que era a ala do povão? E aí... o povo que resolvia entrar no Bloco e dançar na ala do povão, apanhava de chicotinho para não sair do lugar...”<sup>150</sup>

<sup>148</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Opus Cit.* p.135.

<sup>149</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto de 2009.

<sup>150</sup> CARDOSO, Paulino J.F. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de dezembro 2009.



### CAPÍTULO 3 - A BUSCA POR TERRITORIALIDADE

Os discursos políticos e religiosos que formavam o léxico público constantemente utilizado para apresentar uma Florianópolis de harmonia e paz social, não conseguiam evitar a tangenciar a questão da segregação racial existente na cidade. Se era possível esquivar-se da representação da cidade de classes, o mesmo efeito não era obtido com relação às divisões entre brancos e negros. Havia e há em Florianópolis uma clara demarcação de espaços sociais e urbanos separando os dois contingentes. Nos morros próximos ao centro, a população negra era grande maioria, habitando aqueles lugares desde as reformas urbanas do início do século que afastaram as classes populares do convívio com os grupos mais abastados. A racialização das divisões sociais em Florianópolis era parte indissolúvel daquela cultura urbana que, em meados do século, estava sendo alvo de discussões.<sup>151</sup>

Esta representação estabelece trechos de relações entre as camadas da classe média para com negros moradores dos morros na Capital, entre os anos de 1950 a 1960. Como os costumes e a cultura de um povo tantas vezes preenchem várias gerações para assistir a transformações, ainda que diminutas, percebe-se a partir das descrições de Reinaldo Lohn, que pouquíssimas coisas, dentro desse contexto, pudessem ser alteradas. Há aqui, um confronto identificado de classes e raças pelo poder, acirrado em épocas de carnaval e mesmo dentro da escola de samba e entre escolas de samba, resignificados no interior da disputa pela hegemonia do Desfile das Escolas de Samba de Florianópolis (um dos vários palcos de sociabilidades).

Mas, desde já, torna-se evidente a opção da intervenção deste pesquisador por uma linha da não racialização e imputação de enquadramentos relacionados a isolamento político e social. No Brasil que se apresenta, em meio ao tecer do processo global e da história do tempo presente, vive-se a ilusória dicotomia da etnia “fundacional” em desavença com o hibridismo cultural, próprios de uma rede social crescente e diante de conflitos de interesse permanentes. Por isso, convém recorrer ao pensamento de Stuart Hall:

A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais [discursos] que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.<sup>152</sup>

<sup>151</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Opus Cit.* p. 50.

<sup>152</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A editora. 1999. p. 63.

Em: A economia das trocas linguísticas – o que falar quer dizer, Pierre Bourdieu conduz à dicotomia: discurso (incluindo o performativo) versus poder àquele que “está autorizado a autorizar”: “O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade.”<sup>153</sup> Um fragmento conceitual demarcador à rede social, à unidade e à distinção tanto do indivíduo quanto do coletivo.

No bojo da teorização desta abertura de capítulo, cujo título envolve a palavra e o conceito territorialidade, não só aquela definida por linhas de demarcação, ainda que mantenha esses termos, percebem-se as questões de discurso, identidade, poder e cultura tramitando na fronteira de(a) cidade, parte (ainda) provinciana e zelosa por esse aspecto e por isso mesmo em contradição (e enfrentamento) e parte sendo introduzida e levada para o processo global.

Talvez haja uma certa confusão inicial na leitura das próximas páginas. Às vezes, é interessante abrir uma fase do trabalho com uma representação mais próxima à atualidade, que tenta dar um tom mais palpável para surtir melhor o entendimento e à atração do tema. Algo transitório do presente para o passado (como tantas vezes é feito pelo jornalismo). E, é claro, também faz parte da ação metodológica para tentar persuadir o leitor.

### **3.1. O Maciço do Morro da Cruz e os bairros, hoje e ontem:**

Pelo discurso no Plenário da Câmara Federal, nos anos de 2008, 2009 e 2010, o deputado federal Djalma Berger, PSB (Partido Socialista Brasileiro), irmão do prefeito de Florianópolis, Dario Berger, apresentou no dia 26 de março de 2008, a Caieira do Saco dos Limões e o Alto da Caieira do Saco dos Limões, duas das comunidades encravadas no Maciço do Morro da Cruz, as quais começaram a ser formadas a partir do início da década de 1980:

O processo de ocupação das encostas do Maciço ganhou fôlego nos anos 70 e 80, quando a Universidade Federal de Santa Catarina, a ELETROSUL e a TELESC estabeleceram-se nas imediações. Os assentamentos mais recentes são Jagatá, no Morro das Queimadas, e Alto da Caieira do Saco dos Limões, configurados nas duas últimas décadas.<sup>154</sup>

<sup>153</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas – o que falar quer dizer*. São Paulo. EdUSP. 1998. p.111.

<sup>154</sup> BERGER, Djama. *Discursos e notas taquigráficas - Câmara dos Deputados*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=049.2.53.0%20%20%20%20%20&nuQuarto=61&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:00&sgFaseSessao=GE%20%20%20%20%20&Data=26/03/2008&txApelido=DJALMA%20>> Acesso em: 13/10/2009.

A fala de Djalma Berger, na Câmara Federal, se refere à implantação do PAC – Projeto de Aceleração do Crescimento – do governo federal, dirigido às comunidades empobrecidas nas capitais e cidades de maior porte do país:

...o Maciço do Morro da Cruz compreende uma área de 2,1 milhões de metros quadrados, ocupada por população estimada em cerca de 30 mil pessoas. As 5.677 famílias residentes compõem 17 comunidades, sendo que a ocupação humana compreende cerca de 657 mil metros quadrados. Os assentamentos mais antigos na região são os do Mocotó e do Monte Serrat [antigo Morro da Caixa].<sup>155</sup>

Entidades e as igrejas Católica e a Evangélica mantêm programas de assistência aos moradores da Caieira e do Alto da Caieira do Saco dos Limões. A Igreja Luterana, por exemplo, executa atendimentos de assistência social:

Muitas das famílias são oriundas do interior do Estado, que vêm procurar na Capital uma nova vida, em função das dificuldades experimentadas no campo ou em suas cidades de origem. A exemplo de como acontece em muitas cidades brasileiras, erguem suas casas com sobras de construções. Na sua maioria, os moradores são pedreiros, eletricitas, carpinteiros e, as mulheres, diaristas ou domésticas. A infraestrutura, ainda bastante deficiente, tem recebido por parte do poder público algum investimento. Mas falta muito para se tornar um lugar que possa proporcionar um perfeito desenvolvimento do indivíduo, seja criança ou adulto, embora se tenha notado uma progressiva melhoria, resultado de iniciativas dos próprios moradores.<sup>156</sup>

Já na fala de Tarcísio Paulo Real, 63 anos, morador há 34 anos no bairro, duas vezes presidente da Associação de Moradores da Caieira do Saco dos Limões, militar reformado, a comunidade apresenta a seguinte formação geográfica: “...o Caieira está dividido, aliás, o Saco dos Limões está dividido em três partes: que é o Saco dos Limões, propriamente dito, o Caieira, a parte debaixo aqui também definido e o alto Caieira, que é lá em cima no Maciço do Morro da Cruz.”<sup>157</sup>

A Caieira do Saco dos Limões é um bairro surgido, posteriormente, ao lado do bairro Saco dos Limões, às vezes até confundido geograficamente com a antiga Vila Operária, que depois passou a ser chamada de Saco dos Limões. Ao lado da Caieira, em seguida, ergueu-se o Alto da Caieira do Saco dos Limões. A Caieira e o Alto da Caieira pertencem ao Maciço do Morro da Cruz.

O bairro Saco dos Limões, fundado no dia primeiro de maio de 1942, foi definido, à época, como o primeiro bairro operário de Florianópolis e trata-se, conforme pesquisa, de “o primeiro conjunto habitacional produzido e entregue pelo extinto IAPI – Instituto de

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> Comunidade Evangélica Luterana de Florianópolis. *Caieira – História*. Disponível em: <<http://www.luteranafloripa.org.br/2009/04/caieira-historia.html>>. Acesso em: 13/10/2009.

<sup>157</sup> REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

Aposentadoria e Pensões dos industriários no território nacional”.<sup>158</sup> A nova área residencial operária de Florianópolis fez parte da política habitacional brasileira implantada pelo governo de Getúlio Vargas.

O bairro carrega a característica de tradicional por residir funcionários públicos há dezenas de anos e no caldeirão atual transcorre da tranquilidade do passado sem escola de samba e, agora, do período após o carnaval até agosto, à vida agitada pela localização do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado, instalado desde o final da década de 1980. O vereador Marcio de Sousa aponta:

Tudo isso joga um desafio para o Consulado: tem que administrar a relação com os tradicionais do bairro do Saco dos Limões que, a Vila Operária, e esses outros que estão lá, subiram o morro, que é a Caieira propriamente dita, que é a ocupação, que é um estrato social diferenciado da turma do Saco dos Limões! E quando você chega à quadra, essas coisas vão estar todas elas juntas.<sup>159</sup>

Em meio à tranquilidade, a antiga Vila Operária sacudia nos tempos de um carnaval que não aparece como fonte de pauta para os veículos de comunicação da cidade. Foliões vestiam personagens e iam para as ruas ou aos bailes nos clubes da época. João Danielewski, 68 anos, morador no bairro Saco dos Limões há 63 anos, membro e funcionário do Centro Social Urbano do bairro, afirma:

Eu quando era garoto, teve uma senhora aqui, uma abnegada da época... ela até fez um bloco aqui que o nome era Cangaceiro! A gente era tudo criancinha pequena, saía com tamborzinho, batendo tamborim, aquelas coisas, vestido de cangaceiro, desfilando na praça pública, em roda da praça, que antigamente era tudo assim... e o povo se divertia com isso. O povo gosta do carnaval!<sup>160</sup>

Questionado a respeito dos blocos e carnaval de rua no Saco dos Limões, o ex-prefeito Esperidião Amin demonstrou desconhecer a existência dos blocos nas ruas do bairro. No entanto, recorda de outras movimentações e festejos:

Posso estar cometendo alguma injustiça, mas não me lembro nem de bloco no Saco dos Limões... me lembro dos blocos que saíam nos bailes... até por que não entendo nada. Tanto no Limoense quanto no Ipiranga eram bailes, eram ordeiros... muito animados, não só os de carnaval, mas outros bailes... festas, muito organizados. Baile no Saco dos Limões sempre foi muito... exemplar! E mais urbano do que a Trindade! Que era muito espalhada na época... um bairro confinado...<sup>161</sup>

<sup>158</sup> SCÜCS, Carolina P. ; TRIVELLA, Luciana M. A. ; SOUZA, Marina E. F. de. *Preservando o Patrimônio da Vila Operária do Saco dos Limões*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/033R.pdf>>. Acesso em janeiro de 2009.

<sup>159</sup> SOUSA, Márcio de. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 7 de abril 2009.

<sup>160</sup> DANIELEWSKI, João. Depoimentos prestado ao autor em Florianópolis, 7 de agosto 2009.

<sup>161</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19 de agosto 2009.

Empregados da Eletrosul vinculados ao Bloco Consulado do Samba costumavam frequentar o bairro para, a princípio, buscar o lazer e diversão nos bares da Vila. Antonio de Matos relembra de tempos do carnaval:

...o Saco dos Limões era um local que fervia carnaval. Tinha o Clube Ipiranga que, se não engano, tinha um Bloco do Enterro da Tristeza. Tinha o Clube Limoense, um clube social grande... e hoje infelizmente a gente vê lá um arranha-céu de apartamentos... bem em frente ali a praça do Saco dos Limões e tinha o Limoeiro que era a principal agremiação de mutação, de carros alegóricos... um pouquinho mais à frente, ali ao lado do Armazém Vieira... e, só para contar, desde 1990 realmente começou a diminuir bastante... a partir de 1990 me parece que não houve mais o desfile das grandes sociedades... o Limoeiro e o Limoense que eram ligados a famílias tradicionais do bairro... o seu Zé da Padaria era um dos membros da diretoria, do Limoense e do Limoeiro, tinha o Batuqueiro do Limão, tudo ligado ao Saco dos Limões.<sup>162</sup>

Essas narrativas desconstruem aquelas que apresentam a festa popular concentrada no Centro da Cidade: Praça XV, Avenida Paulo Fontes, Passarela Nego Quirido, e apontam ainda para perspectivas que parecem ainda não investigadas pela historiografia. Se não havia carnavais, bailes e desfiles de blocos nas praias quase intactas à presença humana, no Saco dos Limões aconteciam bailes, desfiles de blocos e agitação nas casas dos moradores, nos Clubes e arredores de moradores adeptos da festa em períodos de carnaval.

Eram bailes de carnaval que não apareciam nas páginas dos jornais e que, por isso mesmo, passam a impressão de não haver movimentação e de desinteresse dos moradores do bairro pelo carnaval. Mas para reforçar o apreço pela festa, há ainda outra manifestação feita como desfile de rua, sem qualquer tipo de gasto financeiro, como ressalta o morador do bairro e carnavalesco, Gilberto Lopes da Silva (Betinho), pessoa autora do depoimento, no dia de seminário político do Partido dos Trabalhadores, e que trabalha como motorista de um da direção do partido em Santa Catarina:

...existe outro carnaval, que a comunidade apóia mais do que a Consulado, que se chama 'As Passarinhas', são os homens vestidos de mulher! Homens casados, o regulamento diz que tem que ser homem casado vestido de mulher! E existem três categorias: luxo, originalidade e mocréia! Isso já tem 15 anos na comunidade!<sup>163</sup>

A rivalidade começou a tomar forma acentuada antes mesmo de o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba virar Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado. Por um lado tem-se a participação de componentes consulenses impulsionando o desempenho da Unidos da Coloninha. Eram os primeiros sinais de transformações nos Desfiles da Capital. No Bloco erguiam-se vozes internas, desde 1982, projetando a Escola de Samba nova da Capital, com base em conhecimentos estéticos e musicais trazidos na bagagem e mantidos por meio de

<sup>162</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 19 de agosto 2009.

<sup>163</sup> SILVA, Gilberto Lopes da. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 15 de agosto de 2009.

intercâmbio com escolas de samba cariocas. E, por outro lado, o surgimento de incriminações e tensões, acentuadas extremamente, quando das conquistas do título de campeã, por três vezes consecutivas no Carnaval de Florianópolis. São acusações ora adormecidas, ora recrudescidas, todas as vezes a “Escola de Samba da Eletrosul” vence o carnaval. Marcia Fantin fala disso:

Esta percepção “dos daqui” versus os “de fora” se agrava especialmente quando na disputa carnavalesca, a Consulado do Samba em arrematando inúmeros carnavais (é tricampeã). Isto tem contribuído, segundo alguns entrevistados, para aumentar o falatório, o sentimento de “inveja” e o conflito entre os “de fora” e os da Ilha.<sup>164</sup>

Deve-se examinar o problema também a partir da origem anterior, marcada por tramas e artimanhas criadas em torno da figura do empregado da Eletrosul, da empresa mal vista pelo florianopolitano irritado com a admissão de tanta “gente de fora” para trabalhar na cidade acostumada ao ritmo de vida lento, às intrigas, à personalidade ambígua. São concepções equivocadas, mas reproduzidas no cotidiano da cidade em redes formadas pelo cidadão, reverberada pela imprensa [mais especificamente pelos cronistas] que atua no modelo declaradamente de “defesa dos interesses do florianopolitano”, como conceitua Marques de Melo:

Emerge daí a compreensão de que a crônica é um gênero eminentemente informativo no jornalismo hispano-americano. Seu âmbito de ação é o cotidiano ou o contexto temporal que o jornalista relata e explica ao eleitor (o ouvinte e telespectador também), agregando à narração dos fatos presenciados ou analisados os dados e valores que sua vivência profissional julga pertinente.<sup>165</sup>

De outro modo, Antonio de Matos coloca o assunto:

Parte da imprensa sempre bateu muito na Eletrosul. A Eletrosul, queira ou não queira, foi um modificador de costumes, de tudo... uma empresa que chega com dois mil funcionários, com nível salarial muito maior que a cidade tinha... e as pessoas, muitas que vieram do Rio, pessoas que realmente talvez não tenham respeitado muito as condições locais... era uma cidade pequena, muito provinciana à época... parece que tinha a Grande Florianópolis 80 mil habitantes... você imagina duas mil famílias, com o poder aquisitivo muito bom chegando aqui... uma empregada doméstica não ganhava nada pra trabalhar, praticamente. Aí começava aquela briga... toda vez até fugindo um pouco da idéia... mas a empregada doméstica era o que a gente via com facilidade... as pessoas oferecendo mais. As pessoas que vieram da Eletrosul oferecendo mais: ah, eu ganho 200; ah, eu te dou 400, por que 400 pra ela [empregado da Eletrosul], quer dizer não causava muito... isso criou, realmente, uma insatisfação muito grande na sociedade com relação a vinda da Eletrosul. Embora, talvez eles não perceberam que a vinda dela criou muitos empregos pra cidade, movimentou a economia, movimentou o comércio, movimentou a indústria imobiliária. Teve grandes benefícios, mas teve esse problema também... com relação a Eletrosul, foi a imprensa como a própria sociedade também tiveram grandes restrições... e o Consulado, que era a única entidade que dialogava, a única parte da Eletrosul que dialogava com a cidade era o Consulado, por causa da questão cultural, sobravam rebarbas para ele... por que se o Consulado fosse assim uma coisa

<sup>164</sup> FANTIN, Márcia. *Opus Cit.* p.128

<sup>165</sup> MELO, José Marques. *Opus Cit.* p. 198

que as pessoas não gostavam ninguém saía no Consulado... o Consulado botava mais componente que qualquer escola... a cidade em si ela assumiu, aceitou o Consulado...<sup>166</sup>

E depois havia mais um rótulo para o pessoal da Eletrosul e, em decorrência, da passagem do Bloco Consulado à Escola de Samba:

...talvez uma das coisas que se falou muito que era bloco de branco, escola de branco. Sempre se falou isso, como se o branco não tivesse direito e o carnaval, eu acho que mudou muito com o Consulado nessa época. E a grande sociedade não participava da escola de samba... hoje, não, você vê a sociedade participando...<sup>167</sup>

Ainda há pessoas com interpretações e análises contrárias a perspectiva desta pesquisa, as auaís respeito, mas que talvez demonstrem desconhecer elementos e contextos apresentados até aqui, os quais proporcionaram transformações no Carnaval de Florianópolis, nas décadas de 1980, 1990 e 2000, erguidas no processo de imigração carioca. Paulino de Jesus, que assume ser da quinta geração de sambistas do morro da Caixa e da Copa Lord, diz:

Primeiro, um novo tipo de gente, a Consulado era um problema de uma identidade cultural, desse bando de cariocas que vieram trabalhar na Eletrosul, que era todo esse povo não-nativo, digamos assim, de classe média alta, que ganhava muito bem até o Collor acabar com a vida deles, eles tinham o seu bloco... e nós estávamos fora da Consulado... a Consulado era uma escola de branco, um bloco de branco<sup>168</sup>

O presidente da AMOCA – Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões – Tarcísio Paulo Real, 63 anos, fã do carnaval de Florianópolis desde a Escola Lufa-Lufa, na qual desfilou, afirma:

O Consulado já pagou muito por causa disso. Quando o Consulado saiu como escola na primeira vez 90% dos componentes eram brancos! 90% eram brancos! O que hoje já não acontece mais... Você pode vim a um ensaio, assistir até o próprio desfile, tu vai ver que 60% é moreno, já são pretos... esse negócio da escola elitizada pelo branco, aquele negócio todo, isso aí já acabou. E quando a escola foi fundada na Eletrosul que trouxe todo mundo do Rio de Janeiro para cá, era mestre de bateria, era diretor da harmonia, tudo era do Rio de Janeiro isso aí já acabou. O nosso povo agora é que está mandando nisso aí. Nós aprendemos com eles, a verdade é essa. Nós aprendemos com o pessoal do Rio de Janeiro como nós deveríamos fazer.<sup>169</sup>

A criação do G.R.E.S. Consulado foi a porta de entrada que a sociedade (inclusive a classe média) aguardava para se introduzir no Desfile de Carnaval de Florianópolis, tal qual já o fazia a classe média carioca, com as participações de modelos e destaques nas escolas do Rio de Janeiro.

Outra questão problematizada contra os “de fora” é a ausência do surgimento da Escola no seio de uma comunidade dos morros de Florianópolis. Serve até hoje de recorrência

<sup>166</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

<sup>167</sup> Idem

<sup>168</sup> CARDOSO, Paulino J.F. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de dezembro 2009.

<sup>169</sup> REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro 2009.

quando se quer aniquilar o G.R.E.S. Consulado ao enfatizar perversamente a Escola de Samba.

Cristiana Tramonte enfatiza a questão da identidade e espírito comunitário, como base de consolidação das Escolas da Capital. Em reverso, a pesquisadora segue em outra linha de análise, tanto Bloco como Escola de Samba, ao não perceber relações estabelecidas anteriormente às quais preconizaram a passagem do saber e do conhecimento de sambistas consulenses para os carnavalescos, ritmistas, compositores e intérpretes externos, desconsiderando a rede social formada de uma relação natural e espontânea de membros da escola e florianopolitanos. Trata-se, pois, de um equívoco. Visto ainda por mais outro ângulo, emergem preconceitos em afirmar que o “Consulado é uma escola de brancos”, que por ser formada por um contingente significativo de funcionários da Eletrosul denominaram-na de “Escola da Eletrosul” ou da “classe média” e ainda, que pelo intercâmbio e presença de sambistas cariocas (iniciativas que Escolas de Samba florianopolitanas também realizaram), o G.R.E.S. Consulado se constitui de “escola de forasteiros”, sendo por isso, classificada de Escola sem origem na comunidade:

...várias escolas de samba têm atuado no sentido de manter a identidade comunitária como o elemento-chave indispensável para a vitória e continuidade da agremiação. As escolas de samba que não tinham base comunitária buscam construí-la, como o caso da Consulado. As mais tradicionais buscam reaviva-la, como Copa Lord e Coloninha.<sup>170</sup>

Na historiografia elaborada por Cristiana Tramonte, o carnaval de Florianópolis deparou-se com a primeira experiência de montagem de escola de samba na cidade, a partir da cultura carioca, o que evidencia a inexistência de escolas de samba na cidade e dessa forma de diversão e lazer nos morros do Centro. Ao contrário, o carnaval “vivia um período de decadência, originado pelo clima depressivo gerado pela Segunda Guerra Mundial.”<sup>171</sup> Vejamos como Cristiana Tramonte diz:

...os marinheiros, saudosos de sua “cultura carnavalesca” aproveitavam a experiência para fomentar e incentivar a criação de escolas de samba em Florianópolis a partir do contato com os habitantes dos morros. Neste grupo estavam Boaventura Libânio da Silva, Walmor Nascimento, Benjamin João Pereira (o “Sampa”), Irio Rosa, Valdir Tábuas, Silvio Serafim da Luz e outros. O ambiente fica ainda mais propício quando vários desses marinheiros fixam residência definitiva na localidade do Morro da Caixa cujo complexo geográfico – principalmente o Morro do Mocotó – habitado por negros pobres, será o “berço” que dará origem à primeira escola de samba de Florianópolis – a Escola de Samba Protegidos da Princesa – criada em 18 de outubro de 1948.<sup>172</sup>

<sup>170</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Op. Cit.*, p. 217

<sup>171</sup> Idem, p. 87.

<sup>172</sup> TRAMONTE, Cristiana. *Op. Cit.*, p.86



Diante disso, comprova-se alguma experimentação, por mínima que seja da cultura carioca na institucionalização da primeira escola de samba de Florianópolis.

Havia o local de fundação, o Clube Corinthians, no Pantanal, próximo à Eletrosul, mencionado anteriormente, em depoimento oral de Antonio Matos. Contudo, não havia o bairro que desse a identificação do G.R.E.S. Consulado com alguma localidade de Florianópolis, por menor que seja para dizer: “Alô comunidade de...” Afinal de contas, a maioria teve um reduto de nascimento: a Mangueira, no morro da Mangueira, o Estácio, no morro do Estácio, a Vila Isabel, no bairro de Vila Isabel; isto no Rio de Janeiro. Em Florianópolis, Essa prática vocal de um chamar provocador e incentivador, não era ouvido na Passarela do Samba por parte do G.R.E.S. Consulado. É um símbolo sonoro da maior importância com o objetivo de “levantar a arquibancada e os carnavalescos”, mobilizar a todos os adeptos na partida do desfile.

Sob a observação de Protegidos da Princesa, Copa Lord e Coloninha o G.R.E.S. Consulado teve que descobrir um local para se abrigar. Foi quando líderes da Escola de Samba fizeram a primeira tentativa de instalar a escola em um bairro que vivia o carnaval, em modo próprio. Matos recorda:

O carnaval estava ou no Centro ou no Estreito. Não tinha nada pro lado de cá! O Consulado ficava aqui próximo a Elase... e aí se pensou: vamos fundar a escola aqui! E aí o quê que a gente fez? A gente procurou as autoridades locais e fizemos uma reunião dentro do Centro Social Urbano, propondo que o Consulado se transformasse de bloco em escola e teria apoio da sociedade local para esse fato, por que eu sei que havia aquelas sérias restrições. Sempre existiu, queira ou não queira estava vinculado à Eletrosul. E nas reuniões com vereadores, com pessoas de destaque lá, se comentou que se aceitaria o Consulado, desde que mexesse nas cores, colocasse o verde junto com o vermelho e o branco por que o verde era predominante no Saco dos Limões, que mexesse nas cores e que mexesse no nome também, que agregasse alguma coisa do Saco dos Limões. Por causa desse problema, do nome Consulado e muita gente... e Luiz Alberto numa frase, numa felicidade total disse: isso que você está pedindo jamais a gente vai permitir, por que se tem uma coisa que é o patrimônio da escola é o nome e as cores dele, por que a escola não tem mais nada! Só tem o nome e as cores! Que o nome é forte! E aí aquela coisa desandou, morreu!<sup>173</sup>

Apesar desse desencontro, os consulenses continuaram com algumas atividades próximas ao bairro do Saco dos Limões e na FAC. Era uma agremiação cujo endereço visto no contrato de “show” musical entre o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e o intérprete Marcos Moran, datado de 10 de novembro de 1984, consta como endereço do Bloco a “Rua Deputado Antônio Edú Vieira, 353, Pantanal” Em outro contrato, assinado no dia 31 de outubro de 1984, o endereço citado é “Rua deputado Antônio Edú Vieira s/nº,

<sup>173</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

Pantanal”. Esses endereços ficam próximos à sede da Eletrosul, que é a seguinte: “Rua Deputado Antônio Edú Vieira, 999, Pantanal” Deduz-se de que se tratam de indicativos de que a sede do bloco e da escola de samba ficavam, ainda que provisoriamente, no prédio da Eletrosul.

Contudo os consulenses desistiram do Clube Corinthians do Pantanal. Antonio Matos fala:

Mas, o pessoal do Pantanal não tinha muito o espírito do carnaval! E aí, o Consulado precisava fazer os carros alegóricos, tinha que procurar um galpão e a Eletrosul, na época, tinha um galpão, a Eletrosul, na época, tinha uma garagem ali no Saco dos Limões e lá tinha um galpão vazio. E aí nós fomos procurar o rapaz do galpão, lá, por que precisava fazer um galpão lá perto... a gente alugou aquele galpão pra fazer os carros alegóricos, ali no Saco dos Limões, próximo ao Colégio Getúlio Vargas. E aí voltou a idéia do Saco dos Limões! Por que ali a gente estava fazendo, havia um movimento na rua. Aí no primeiro ano da escola, que o presidente era o Luiz Alberto a gente não chegou a fazer ensaios lá, mas a gente ainda estava na FAC... ainda tinha a FAC. Mas a FAC a gente já sentia que a FAC estava caindo.<sup>174</sup>

### **3.2. A FAC e lugares de samba (in)visibilizados em Florianópolis:**

Os sambistas, pagodeiros e batuqueiros de Florianópolis ampliaram e instalaram lugares novos (ainda que não oficiais) para a prática do samba. Eles tinham nas décadas de 1970 e 1980, lugares dedicados a cultuar o samba no Centro da cidade. São espaços territoriais ocupados pelas pessoas, que atualmente correm riscos sérios de desaparecimento ao estar nas gavetas do esquecimento coletivo. A Praça XV é o palco simbólico do Carnaval florianopolitano. É lá que se concentravam os desfiles, as manifestações, as reuniões de pessoas, famílias, visitantes e admiradores do Carnaval, tomando um sentido de palco de exibição dos espetáculos do Carnaval.

Antes da chegada ao estágio de apresentação ao público havia (e há ainda mais, com a chegada das intenções de profissionalização do carnaval) os tempos de culto do samba, desdobrado em suas variáveis de gêneros: pagode, partido alto, bossa-nova, samba-canção e as composições de samba-enredo das escolas e blocos que se lançaram às composições de samba-enredo próprias como a representatividade em nível de hino da agremiação para aquele ano.

Marcelo Silva é historiador, nascido no morro do Mocotó e sambista desde criança, músico, compositor e do qual se teve a oportunidade de gravar um depoimento relativo à FAC, descreve em sua pesquisa:

Logo, as camadas populares de origem negra em Florianópolis, organizarão na década de [19]20 “as Sociedades Bailantes”, freqüentadas só por negros que

<sup>174</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

chamavam atenção pelo rigor da etiqueta. “Descalço não entrava”. Este rigor se devia as tentativas de reagir as avaliações negativas dos brancos, fazendo parte das estratégias de penetração na opinião pública.<sup>175</sup>

Se das emissoras de rádio havia a transmissão de sambas criados por personalidades florianopolitanas, tais quais Zininho, Luiz Henrique e Maria Rosa, a cidade também era ocupada por outros lugares de samba. Elaborados por compositores das escolas e dos morros, tão conhecidos quanto os de rádio, mas restritos em seus lugares delimitados. São os lugares de samba na cidade definidos para a apresentação, divulgação, interação com a comunidade sambista da cidade. O encontro de bambas como: Avevu, Armandinho Gonzaga, Nelson Wagner, Edson Camargo, Mickey, Elias Marujo, Maranhão e tantos outros ocorriam tanto nas casas de famílias dos morros de Florianópolis, no “Miramar” e nos Canudinhos, “na rua Major Costa, na boca do morro da Caixa”, hoje, Centro de Florianópolis.

A programação da Rádio Udesc FM de Florianópolis tem uma hora diária reservada a canções regionais. O Som da Ilha é um programa dedicado à divulgação da produção musical da Grande Florianópolis, no qual compositores, músicos, instrumentistas e cantores encontram espaço de exibição dos gêneros musicais elaborados na região. A emissora educativa e pública transmitia nos anos de 2007 e 2008 o programa denominado Conversa & Poesia. Foi por intermédio de uma edição, em entrevista concedida pelo Grupo Bom Partido que tomei conhecimento de parte de trabalhos e pesquisas realizados pelos integrantes. Uma das canções cantadas pelas pastoras para aquela edição se chama: O samba da Ilha e traz informações sobre lugares de feitura do samba quase sempre desconhecidos pela maioria do público. Diz a letra do Bom Partido:

“Se no Moca tem samba na Caixa ou em torno dela,  
 Ou em qualquer favela, Covanca ou na Adélia,  
 A Ilha encanta através dos seus bambas,  
 Que fazem seus sambas, que daqui dos morros ouvimos dizer,  
 Agora o grupo Bom Partido vai fazer uma viagem pelos redutos de samba  
 E seus redutos vizinhos...  
 E pra fazer parte dessa viagem vamos chamar o Diogo, do grupo Novos Bambas...  
 “Tô chegando”. “Tudo contigo...”  
 Nova Trento, Vinte e Cinco, Tico-tico, Morro do Céu,  
 Prainha e a Coloninha tem o seu papel,  
 Nestor Passos, Morro da Queimada, Morro da Caixa, Bar do Ladrão  
 E na sexta-feira, uma seresta no Bar do Tião,  
 O Mercado Público, Clube do Partido, morro do Geraldo e também Casarão,  
 Sábado tem cá onde rola o samba em Conjuminação...  
 Se no Moca tem samba na Caixa ou em torno dela,  
 Ou em qualquer favela,  
 Covanca... ou na Velha,  
 A Ilha encanta através dos seus bambas,  
 Que fazem seus sambas, que daqueles morros ouvimos dizer...”

<sup>175</sup> SILVA, Marcelo da. Os Bailes, as Casas e as Ruas. Monografia de conclusão de curso História. Florianópolis. Udesc. 2000. p33.

Monte Cristo, Caixa do Estreito, Morro do Flamengo, Vila São João,  
Os morros da Ilha mandam um recado com esse refrão...”<sup>176</sup>

O disco Samba na Ilha foi lançado no ano 2002. O Bom Partido está incluído no Dicionário da Música Popular em Santa Catarina, organizado pelo Núcleo de Estudos Poéticos Musicais, da Universidade Federal de Santa Catarina.<sup>177</sup>

Ao se voltar à década de 1940, quando surgiu a primeira escola de samba de Florianópolis, o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Protegidos da Princesa, verifica-se que a fundação da entidade transcorre 20 anos depois da criação da primeira escola de samba carioca, a Deixa Falar, e, posteriormente, o ordenamento e organização do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, por políticos, iniciativa privada e pelo jornal O Globo. Todavia, cabe ressaltar que, em Florianópolis, os negros manifestavam sua musicalidade em rodas de batuques mobilizadas pelos “herdeiros dos cacumbis”, instalados no Morro da Caixa, no Continente, ou nos morros do Centro da Cidade.

Contudo, há outros espaços públicos onde o samba florianopolitano emergiu nas décadas de 1970 e 1980, junto com a história do samba da cidade e do Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, tornando-se concentrações novas da cidade. É de uma fase em que a evolução tecnológica transformou as transmissões dos veículos de comunicação, rádio e televisão, de forma vertiginosa no Brasil, por um lado. Por outro, ratifico, tanto a classe média brasileira como a de Florianópolis demonstrava o interesse em participar de rodas de samba, ensaios e desfiles de blocos e escolas de samba da Capital. Em decorrência, conviveu-se com três lugares novos consagrados a manifestações de samba em Florianópolis: a Elase, no bairro Pantanal, que fica ao lado do bairro Saco dos Limões, o antigo Campo do Avaí, onde foi erguido posteriormente o Beira Mar Shopping, e por anos reuniu adeptos de classes sociais variadas, mas interessadas no gênero musical que despontava no Brasil, já tratado como um dos espetáculos brasileiros da televisão. Na Elase, por exemplo, a confraternização de sambistas da cidade era comum. Antonio de Matos, em depoimento gravado dentro da Elase, conforme assinalado no capítulo anterior, mas recorrente a fim de compreensão contextual, relembra:

Aqui tinha o que se chamava Galpão Umbu, era um local todo de madeira e era um tipo de uma construção bem interessante... o telhado dele era em palha e até escolha de samba enredo se fez aqui dentro desse Galpão Umbu, que a gente chamava.<sup>178</sup>

<sup>176</sup> Letra da canção: O Samba da Ilha. Grupo Bom Partido. 2002.

<sup>177</sup> Informações do Grupo Bom Partido, leia no site do Nepom: Disponível em <<http://www.dicionarionepom.ufsc.br/bompartido.htm>> . Acesso em : 12 de junho de 2010.

<sup>178</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

Aidê Carvalho de Quadros, bancária aposentada e que não mantinha vínculo profissional algum com a Eletrosul à época em que entrou para o Bloco e no dia do depoimento era vice-presidente da Velha Guarda, buscou alguns fios de recordações:

A Elase por ser a Associação dos Funcionários da Eletrosul, então o pessoal levava os filhos para jogar, o pessoal ia jogar tênis lá, futebol de salão, tudo! Toda tarde social e esportiva dos funcionários da Eletrosul era na Elase. Então o pessoal se encontrava e pra sair um batuque não demorava! Mas não quer dizer que isso fosse uma coisa oficial do bloco! Entendeu? Eram componentes do bloco que se encontravam.<sup>179</sup>

Em jeito informal, tanto quanto acontecia na Elase, o Bloco Consulado colaborou na inauguração de espaços novos do samba na Capital, ao reunir o grupo e gente não associada ao Bloco, de forma pública, no antigo campo do Avaí, nas esquinas das ruas Bocaiúva com a Avenida Mauro Ramos, no Centro da Capital. Quem quisesse participava das rodas de samba livremente, constituindo-se, desse modo, em uma estratégia do Bloco para atrair as pessoas. Aidê fisga mais um fio da memória, “o Avaí, que eu lembro que eu fui um ano lá.”<sup>180</sup>

O vereador Marcio de Souza, do Partido dos Trabalhadores, de Florianópolis, aviva:

O Campo da Liga é o atual Shopping Center Beira Mar! Então ali era o Campo da Liga Catarinense, da Liga de Futebol! E que todos os times aqui da capital jogavam ali... mais tarde, pertenceu por muito tempo, foi destinado ao uso quase que exclusivo ao Avaí Futebol Clube, já que o Figueirense adquiriu um campo no Continente. Mas ali era conhecido como Campo da Liga, Baixo do Bode e tal, algumas denominações que faziam carinhosamente alusão aquele espaço! E o Consulado entrou naquele, que era um espaço modesto, simples, mas muito aconchegante, muito aconchegante, então, quem passa por ali, viveu aquele período sabe exatamente do que estamos falando, que é um espaço referência da cidade, além do futebol, desdebrou-se também para essa possibilidade de sábado à noite, no verão, ter as presenças de samba. Ali que a gente conheceu grande destaque daquele período, Maranhão, criatura, além de figura emblemática do Consulado, grande voz... Quem olha para o Maranhão, com aquele tamanho dele não, não vislumbra por detrás daquela criatura o potencial de voz, a melodia que... Como canta Martinho da Vila, ele foi um grande puxador, um intérprete do samba da Consulado, nesse período.<sup>181</sup>

A Federação Atlética Catarinense (FAC – além do antigo Campo do Avaí) passou a ser outro ponto de encontro do Bloco Consulado e de sambistas e batuqueiros da cidade. Esse foi lugar do samba em Florianópolis para muita gente, como Marcelo Silva diz:

Eu recordo da FAC. Tenho fortes lembranças até porque a FAC foi o lugar onde eu aprendi a sambar... as crianças. Era muito comum os pais levarem os filhos para a FAC porque na FAC era um dos locais onde se encontravam... era onde eram apresentados os sambas das escolas de samba... Copa, Protegidos, Unidos da Coloninha... havia outras escolas que hoje não fazem mais parte desse cenário... Filhos do Continente, Império do Samba, Quilombo... tinham várias outras escolas que me recordo assim... Mas a lembrança era muito forte que ia sempre eu, minha mãe, meu pai, a família, tias... então, todos nós nos encontrávamos lá, os amigos também e a molecada ficava sempre no meio... a gente tentava aprender a dançar. A

<sup>179</sup> QUADROS, Aidê Carvalho de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, janeiro 2009.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> SOUZA, Marcio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em sete de abril de 2009.

minha primeira memória da FAC é com cinco anos de idade... foi quando eu comecei a mexer e querer sambar.<sup>182</sup>

O historiador Paulino de Jesus Francisco Cardoso, fala da época do samba na FAC: “Eu lembro, por exemplo, de um show de mulatas do Rio de Janeiro, que aconteceu na FAC. A FAC pertence ao mundo do samba, outro tipo de samba, onde você tem a cidade com os seus bairros, com os seus territórios.”<sup>183</sup>

Apesar dos ensaios, as escolas de samba não realizavam concursos para a escolha de samba-enredo, recorda Marcelo, “Naquele período não tinha concurso de samba-enredo. Ainda não havia essa modalidade, a escolha do samba-enredo... Eram sambas encomendados e, normalmente, pelas pessoas que faziam parte da formação, da constituição de cada escola.”<sup>184</sup>

A FAC revela-se, tanto quanto a Elase e o campo do Avaí, como espaço estratégico à formação de novas gerações de sambistas e sambeiros, quanto à integração desses representantes da Capital em um lugar de valorização do samba e de suas circulações sócio-culturais. Marcelo Silva expõe:

Mas a lembrança era muito forte que ia sempre eu, minha mãe, meu pai, a família, tias... então, todos nós nos encontrávamos lá. Os amigos também e a molecada ficava sempre no meio... a gente tentava aprender a dançar. A minha primeira memória da FAC é com cinco anos de idade... foi quando eu comecei a mexer e querer sambar. Todo mundo sabia, eu não sabia, foi em 1979.<sup>185</sup>

O Bloco Carnavalesco Consulado do Samba, desde o primeiro desfile, se exibia com um samba-enredo elaborado para cada desfile de Carnaval. O Consulado do Samba ensaiou na FAC durante anos, antes de se instalar no Clube Ipiranga e na Caieira do Saco dos Limões. No contrato de aluguel entre a FAC, em que o endereço da entidade era: Avenida Hercílio Luz, 4, e o Bloco Consulado do Samba, consta como cláusula primeira “fica acertado o preço global de CR\$2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) pela utilização do ginásio e dar das 22:00 às 3:00, nos dias 7, 14, 21 e 28/12/1984; 4, 11, 18 e 25/01/1985; 01 e 08/02/1985<sup>186</sup>”. O contrato foi assinado pelo presidente da FAC à época, Aloysio Soares de Oliveira e pelo presidente do Bloco, Luiz Alberto Emerick, no dia 17 de outubro de 1984.

Em 1988, não houve o Desfile das Escolas de Samba de Florianópolis. O G.R.E.S. Consulado permaneceu com as rodas de samba, os encontros de compositores e sambistas, as

<sup>182</sup> SILVA, Marcelo da. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de abril de 2010.

<sup>183</sup> CARDOSO, Paulino de J. F. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de dezembro de 2009.

<sup>184</sup> SILVA, Marcelo da. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de abril de 2010.

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Em anexo.

quais foram levadas para o Clube Ipiranga, no Saco dos Limões. A possibilidade de um local novo sugerido para a escola de samba, lembra Matos, a partir de uma reunião no bar:

...na realidade eu participei desse processo também. Quando se tentava transformar o bloco em escola, a gente ia muito, eu gostava de ir ali no bar, embaixo do Ipiranga, bar do Garcia... estava presente eu, o Luiz Alberto e mais o Gaúcho e lá no bar do seu Garcia, que ficava no local do antigo Clube Ipiranga, e ali tinha um famoso omelete de camarão... muita gente freqüentava aquilo... a gente sempre ia lá comer a omelete dele.<sup>187</sup>

Para confirmar algumas das atividades de pré-carnaval ocorridas no Saco dos Limões, João Danielewski coloca:

Início da escola de samba, eles faziam os treinamentos até aqui em roda da pracinha Abdon Batista. Eles davam volta na Vila Operária, aí finalizavam com treinamentos, ensaios no Clube Ipiranga... Inclusive eles usaram o Clube Ipiranga muitos anos, como sede deles... até conseguir a sede ali no Caieira, onde tem a quadra e lá está até hoje.<sup>188</sup>

O Clube Ipiranga é portador de parte da memória do Consulado. O Ipiranga Futebol Clube, ou simplesmente Clube Ipiranga, hoje não mais existe. A proposição de doação do terreno que pertencia ao INPS – Instituto Nacional de Previdência Social – hoje INSS, foi feita pelo deputado federal Aroldo Carvalho à Câmara dos Deputados, em 28 de outubro de 1968. Em primeiro de abril de 1971, a proposição foi arquivada pela Câmara. No casarão onde estava situada a sede física do Clube hoje funciona a Igreja Batista Nacional Cristã de Florianópolis. (foto em anexo). Voltando a 1988, naquele lugar foi criado o centro de costura das fantasias e a movimentação de sambistas, ritmistas, cantores e todos que gostam de uma boa roda de samba. Matos conta que a escolha do samba-enredo de 1990 foi feita dentro do Clube Ipiranga: “...o samba-enredo de 1990: Porque hoje é sábado, a escolha foi lá no pátio do Ipiranga, ali embaixo, onde era o estacionamento<sup>189</sup>.” Um ano antes, em 1989, foi descoberto o local onde haveria de ser instalada a Quadra do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado.

De todos esses acontecimentos enunciados até aqui, entende-se que havia, sim, relações estabelecidas de vários modos entre o Consulado e a cidade. Que mesmo diante da escola de samba nova, algo improvável em períodos anteriores, mesmo que da transformação (indesejada parcialmente) saíssem sambistas, ritmistas e pessoas que trocaram participações no Bloco Consulado de vários jeitos pelo retorno às escolas de origem. É desse relacionamento que deriva como certa a carga emocional gerada numa relação de afeto desses participantes pelo Consulado.

<sup>187</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto e 29 de outubro 2009.

<sup>188</sup> DANIELEWSKI, João Carlos Maciel. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 07 de agosto de 2009.

<sup>189</sup> Idem, em 17 de agosto de 2009.

### 3.3. Relações: Consulado, Sacos dos Limões e a AMOCA

O Bloco e a Escola de Samba Consulado mantinham relações com o bairro havia pelo menos dois anos, se contarmos apenas de 1987 a 1989, quando da mudança da FAC para o Clube Ipiranga, além dos encontros no bar do Garcia. É fato, também, que no bairro são montados os carros alegóricos do Bloco e da Escola de Samba. Matos coloca:

...desde essa época o pessoal que está à frente do antigo Limoeiro, os artistas, até hoje fazem os carros alegóricos do Consulado. Já se vão para 20 anos. Principalmente o Carlinhos que é o artífice, o Sebastião também durante muito tempo... ele agora se afastou um pouco... pelo menos essas duas pessoas que eram responsáveis pelos carros do Limoeiro, desde 1990 trabalham com o Consulado.<sup>190</sup>

Surge a perspectiva do espaço para implantar a escola de samba nova na Capital entre moradores da Caieira do Saco dos Limões com representantes do Consulado. Vem à lembrança de Matos o primeiro dia de ensaio e batuque do Consulado:

...e aí se descobriu que tinha uma quadra no Caieira, abandonada! Era uma quadra que quem participava dela à noite, era o pessoal que ia lá queimar fumo... e a bateria, o presidente, acho que já era o Schneider resolveu: vamos lá fazer um ensaio nessa quadra, por que a quadra era perfeita para uma escola de samba! E eles [dependentes químicos] foram para lá! Nesse dia foi todo mundo parar na polícia! Por que a bateria chegou lá e, claro, foi incomodar quem estava lá! E quem é que estava lá? Os caras que fumavam! Teve uma briga, brigou todo mundo a bateria com os caras... foi parar todo mundo na polícia... um negócio fantástico... e a partir dali o Consulado se instalou dentro do Caieira... a turma do fumo sumiu [risos]... daí vem a história também do comodato já em 1989...<sup>191</sup>

A experiência do primeiro dia de samba na quadra (nova) foi “um caso de polícia”, porém, não ainda pelo “excesso de barulho”, mas vamos chegar lá. Mesmo com essa ocorrência, a diretoria do G.R.E.S. Consulado mantinha firme a idéia de instalação da Escola no local.

A diretoria da recém criada AMOCA também vislumbrava um terreno para a instalação física da Associação de Moradores da Caieira do Saco dos Limões. A partir desse interesse em comum a AMOCA e o G.R.E.S. Consulado passam a adotar o terreno com uma quadra de futebol improvisada, sem cobertura nem ginásio de esportes e, ainda, sem a permissão da Prefeitura Municipal de Florianópolis para o uso do espaço. Antonio Matos respondeu a esse tema em duas palavras: “É, sim...” e emendou uma outra questão. Entendo a resposta curta como a confirmação do assunto marcado pelo desgaste da relação conturbada entre AMOCA e G.R.E.S. Consulado da qual veremos neste capítulo.

<sup>190</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

<sup>191</sup> Idem.



Percebe-se que as relações são muito mais humanizadas do que burocratizadas ou enquadradas sob o ângulo teórico, ainda e que ele seja da maior importância para a compreensão do sentido existencial. Anteriormente, foi falado por Tarcísio Paulo Real. Ele é um dos moradores da Caieira do Saco dos Limões e dos articuladores para a implantação naquela quadra do G.R.E.S. Consulado. Matos, recorda:

Eu sei que ele é uma pessoa que mora há bastante tempo, uma pessoa bastante influente no bairro... ele realmente é uma das pessoas que mais participa da escola... é uma pessoa que realmente a gente gosta muito dele... eu tive com ele o melhor convívio possível durante o início dos anos [19]90... a gente conseguia conviver bem harmoniosamente. Mas eu acredito que aquilo tenha sido mais pela nossa presença ali no bairro. Tinham algumas pessoas que exerciam influência no bairro na época, mas não se dedicaram tanto à causa do Consulado como ele se dedicou... inclusive para você ter uma idéia, o Consulado deixou de desfilar um ano porque foi uma catástrofe, no final de ano teve uma catástrofe, choveu muito no Natal e ano novo e a casa do Tarcísio foi uma das mais atingidas. E o Tarcísio, na época, senão me engano era vice-presidente da escola, senão me falha a memória ele chegou a ter o cargo de vice-presidente da escola... e até por uma questão de solidariedade com o pessoal do Caieira e com o Tarcísio o Consulado não desfilou aquele ano. Eu sei que a casa dele foi uma das mais prejudicadas com aquela enchente<sup>192</sup>

A comunidade se achegou no começo muito mais pela curiosidade de conhecer uma Escola de Samba formada por gente carioca, acreditando naquela imagem guardada na memória dos desfiles das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro, transmitidos pela televisão, e que tão logo chegariam a tocar, batucar, cantar e apresentar fantasias tais quais as escolas cariocas. Isso a princípio, como descreve Tarcísio:

...primeiramente era novidade! Era novidade. Por que uma escola dentro da comunidade mexeu com bastante gente! Mexeu, puxou bastante gente para cá, muita gente de fora! Por que até então só se admitia gente da Eletrosul na diretoria do Consulado, aquele negócio todo!.. Depois que eu fui entrando veio mais gente! Os nossos meninos até então na bateria mirim! Agora, hoje, são diretor[es] de bateria! São passistas, são os filhos já são mestre-sala, porta-bandeira, passista... rainha do carnaval...<sup>193</sup>

Em meio ao período de ensaios da Escola de Samba na quadra da Caieira e os primeiros convívios com a comunidade, foi fundada a AMOCA. É esse o tema neste momento.

Regressando à década de 1980, pela ata, a Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões foi fundada no dia 12 de outubro de 1986: “reuniram-se na residência do Sr. Osvaldo Campolino Martins, situada a rua Custódio Firmino Vieira, s/nº, no Caieira do Saco dos Limões...”<sup>194</sup>, portanto, cinco meses após a fundação do G.R.E.S. Consulado. Não vamos

---

<sup>192</sup> Idem

<sup>193</sup> REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro 2009.

<sup>194</sup> Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1.1986.p.1

esquecer que a entidade representativa dos moradores do bairro ainda não possuía a sede física como local de encontros, reuniões e realização de atividades dos moradores.

Na segunda reunião dos membros da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões, no dia 19 de outubro, foi tratada da eleição da primeira diretoria executiva e do conselho fiscal. A reunião foi na sede do Grêmio Esportivo Caerense, situado a rua Manoel Gualberto dos Santos, s/nº, e como primeiro presidente eleito ficou o morador Wilson Vergílio Real Rabelo, vice-presidente, Maury Vitor de Souza e primeiro secretário, Tarcísio Paulo Real.

Relembrando: a sucessão dos fatos demonstra, claramente, duas situações semelhantes: a AMOCA necessita de uma sede para a Associação; o G.R.E.S. Consulado vive o mesmo dilema. Apesar da coincidência os fatos são distintos e, aparentemente, sem que as entidades saibam do problema em comum a ambas, ao menos até que discutissem a questão frente a frente.

No dia 22 de fevereiro de 1987, “na residência do Sr. Presidente, situada a travessa Sergio Plácido Alves, s/nº” a diretoria da Associação de Moradores junto com os membros discutiu a falta de um local para a sede da Associação:

Usando da palavra o Sr. Osvaldo Campolino Martins, comentou que na impossibilidade da Associação adquirir um imóvel para sua sede, se encaminhassem todos os esforços para proceder uma reforma na quadra de esportes, nos vestiários e também a construção de uma área de alvenaria que seria utilizada pela Associação para a realização das reuniões, sendo esta proposta aceita por todos os diretores presentes.<sup>195</sup>

Nesse contexto, é necessário abrir parênteses para entender os acontecimentos anteriores e que vieram a culminar com a vontade de ter o mesmo local como sede de duas entidades. Durante novembro de 1986, houve duas reuniões da Associação de Moradores. No encontro, os participantes decidiram que a sigla da Associação seria, a partir daquela data, AMOCA – Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. E, a partir daquela data, há indícios de efetivar contatos e aproximações com moradores e pessoas da comunidade para participar da criação de departamentos dentro da entidade.

Em 23 de novembro de 1986, noutra reunião de diretoria, foi aprovada por unanimidade: “a quadra de esportes fica sob a responsabilidade da “AMOCA”, tendo como

---

<sup>195</sup> Idem.p.7.

encarregado da parte de aluguéis o Sr. Sérgio Rogério Luiz percebendo a quantia de CZ\$200,00 (duzentos cruzados mensais)”.<sup>196</sup>

Nas reuniões do primeiro semestre de 1987, os participantes expuseram ao vereador Alcino Vieira, pelo bairro Saco dos Limões e presidente da Fucadesc – Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor – extinta em 18 de março de 1993 – as reivindicações com a segurança pública do bairro e a falta de uma sede física para a instalação da AMOCA. Em outras reuniões realizadas subsequentemente pela diretoria o assunto quadra de esportes e sede voltou à discussão. Alcino Vieira é citado por Esperidião Amin:

Na primeira gestão o líder do governo, do meu governo, era o Alcino Vieira, vereador do bairro do Saco dos Limões. E na Caieira, primeiro nós conseguimos a construção da praça da Caieira, a pavimentação das ruas, isso tudo era da minha primeira gestão. Inclusive é passo comunitário, que veio ser a base de um chão muito maior... a quadra, a quadra toda coberta. Hoje é um ginásio! Mas o primeiro passo foi dado na primeira gestão. Em [19]75 e [19]78, graças ao Alcino Vieira... o mentor desses melhoramentos no bairro Saco dos Limões, tanto na primeira quanto na segunda gestão.<sup>197</sup>

A participação política de Alcino Vieira, colocada por Esperidião Amin, torna a presença do G.R.E.S. Consulado mais visível na quadra da Caieira do Saco dos Limões à medida que ele, por meio de seu representante o vereador Alcino Vieira, passa a ser o articulador em meio aos interesses ainda díspares e dispersos.

A questão de propriedade da sede da AMOCA aparece como resolvida a partir da ata do dia 28 de junho de 1987, quando os associados realizaram a reunião “em sua sede, sito a rua Custódio Firmino Vieira...” E ainda: “Em aparte solicitado, o Sr. Rui Bento Nunes solicitou ao Sr. Presidente para que se fizesse constar em ata, que esta é a primeira reunião da Diretoria Executiva realizada em sua sede própria.”<sup>198</sup> Há também citações de convites para participar de eventos turísticos promovidos pela Prefeitura de Florianópolis e da movimentação financeira de caixa da entidade, como a prestação de contas de convênio no valor de CZ\$100.000,00.

No livro de Atas da AMOCA consta no dia três de novembro de 1988, a convocação de reunião extraordinária da Associação com o objetivo de discutir a campanha das cadeiras e o “empréstimo da Quadra de Esportes ao Consulado ao Samba para serem feitos ensaios”. Encontro em que estava presente o “2º secretário Tarcísio Paulo Real”. A AMOCA promoveu a campanha de doação de cadeiras para a entidade. E, de forma resumida, foi colocado:

---

<sup>196</sup> Idemp.4

<sup>197</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, em 19 de agosto 2009.

<sup>198</sup> Idem. Folha. 12.

Quanto ao empréstimo ficou decidido que será emprestada nas seguintes condições: Os Diretores do Consulado serão responsáveis pela segurança. Segurança [sic] das instalações. Será cobrada a taxa de CZ\$250,00 no mês de novembro. CZ\$300,00 no mês de dezembro. As datas serão decididas pelo Consulado para aprovação da Diretoria da “AMOCA.”<sup>199</sup>

Emergem, a partir daí, os primeiros contatos e encontros mais específicos para tratar de questões de interesse das duas entidades. No ano seguinte, a partir de março, a AMOCA fala de estreitamento das relações e demonstra estar com as portas abertas para o G.R.E.S. Consulado. O registro foi feito em ata de 18 de março de 1989. Por sua vez, no dia 30 do mesmo mês está documentada a primeira reunião de “membros da Diretoria Executiva e membros da Diretoria do Grêmio Recreativo Esportivo [sic] Consulado e alguns membros da comunidade”<sup>200</sup>, com a apresentação do “Projeto Caieira”. Durante a explanação:

1) criação do G.R.E.S. Consulado, 2) Motivo do Projeto Caieira. 3) Situação Financeira, 4) Interesse pela comunidade. Após o encerramento da explanação foi aplaudido pelos presentes. Em seguida passou a palavra para Professora Graça, que relatou suas experiências anteriores e, outras Escolas de Samba do Rio de Janeiro.<sup>201</sup>

Ao mesmo tempo em que viceja a relação do Consulado com a AMOCA, aparentemente de interesse em comum de uso da quadra, brotam, já a partir dessa época, as primeiras contradições e embates em formato embrionário, é claro, mas dando sinais das dificuldades e desafios que surgirão na história de vida a dois, considerando-se apenas AMOCA e Consulado. Cabe ressaltar observações feitas por Antonio Matos, as quais irão permear as relações contraditórias entre a Associação de Moradores do Alto da Caieira do Saco dos Limões e o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado. São episódios que vão do gosto e cooperação com a escola a conflitos e tensões com moradores e direção da entidade do bairro:

A relação sempre foi muito complicada... o pessoal da AMOCA é muito pouco participativo em termos de organização de associação. O Consulado faz muita coisa que quem deveria ter feito é a AMOCA. A AMOCA, praticamente, eu acho que faz muito pouco, sempre fez muito pouco... na realidade, teve um convívio e esse convívio existe... não é um convívio, vamos dizer, que seria perfeito. Sempre, ao longo da história toda do Consulado e da AMOCA, sempre tiveram problemas e eu não acredito que esses problemas sejam sanados.<sup>202</sup>

Pela fala anterior, de Antonio Matos, e após 23 anos de convivência, se percebe o cotidiano carregado e marcado por tensões de ambos os lados. E para compreender a enunciação acima recorro à reflexão sociológica de Georg Simmel:

<sup>199</sup> Idem. Folha: 18.

<sup>200</sup> Idem. Folha: 23.

<sup>201</sup> Idem. Folha: 23.

<sup>202</sup> MATOS, Antonio Rodrigues de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

Em parte por conta dessa situação psicológica, em parte em virtude do direito à desconfiança que temos perante os elementos da vida na cidade grande, que passam por nós em um contato fugaz, somos coagidos àquela reserva, em virtude da qual mal conhecemos os vizinhos que temos por muitos anos e que nos faz freqüentemente parecer, ao habitante da cidade pequena, como frios e sem ânimo. Decerto, se não me engano, o lado interior dessa reserva exterior não é apenas a indiferença, mas sim, de modo mais freqüente do que somos capazes de perceber, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, poderia imediatamente rebentar em ódio e luta.<sup>203</sup>

A instabilidade nas relações entre ambas as entidades, ainda que entendidas mais tarde por moradores do bairro e por consulenses são interpretadas por uma das fontes orais desta investigação. Agenor Vicente Correa, dono do carro (um trailer) de venda de cachorro-quente em frente à sede da AMOCA e do Consulado, morador no bairro há 54 anos, local onde foi criado desde quando nasceu, coloca:

O Consulado, ele nunca teve relação com o bairro! Ela foi formada ali na Eletrosul, no Pantanal, mas provavelmente a Eletrosul porque a maioria dos dirigentes sócios, naquela ocasião era da Eletrosul, que é “aquele povo” que veio do Rio de Janeiro para cá. E ela queria um bairro para se instalar... na ocasião, ela veio para cá, para o bairro do Saco dos Limões... e...no Caieira, que é o logradouro... como aqui a Associação dos Moradores do Caieira tem um ginásio de esportes... tem um ginásio, não! Minto! Tinha uma quadra! Só fechada de alambrado e esta quadra aí fizeram uma proposta... e nessa proposta foi uma proposta de muitos amores, muitos iam dar mil e uma coisas... e enrolaram um montão, por que vieram fazer alguma coisa já nos meados de 2000, de [19]89 a 2000 nada foi feito! Apenas construíram a quadra mal acabada! E tudo aquilo que teve de promessa até 2000 não teve nada! De 2000 pra cá, aí a Associação implantou alguns projetos... e eles como tem mais dinheiro encamparam esse projeto e deram continuidade, mas os projeto “funciona” apenas com 150 crianças! Era pra contemplar mais crianças da nossa localidade!”<sup>204</sup>

Embora esteja além do período determinado para esta pesquisa, é importante dizer que Agenor foi presidente da AMOCA, nos anos de 2000 a 2004, e de 2006 a 2008 foi primeiro secretário da entidade. Além disso, é sócio do G.R.E.S. Consulado declaradamente, desde 1998. Daí pode se perceber um confronto com a direção da Escola na atualidade, tema merecedor outro estudo no campo político.

Gilberto Lopes da Silva, nascido e morador no bairro há 41 anos, e que participa da escola de samba desde o início é outra voz da comunidade a se manifestar:

Tudo começou numa transação entre a diretoria da escola e a diretoria da Associação dos Moradores do Caieira. A escola não tinha um ginásio para os ensaios, exatamente, e com o acordo de a escola fazer um ginásio. Antigamente, não era um ginásio, era uma quadra polivalente, descoberta onde que aconteciam os ensaios, sem cobertura, sem nada! Veio esse projeto entre as duas entidades! A comunidade ficaria com nove meses, no mandato do ginásio e a escola com três meses, onde que

<sup>203</sup> SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132005000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010)>. Acesso em: 06 de novembro de 2009.

<sup>204</sup> CORREA, Agenor V. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de julho 2009.

começou a escola... e os ensaios, acontecia [sic] também dentro da quadra... foi ali que começaram esses ensaios.<sup>205</sup>

E quando o G.R.E.S. Consulado se instalou, na quadra da Caieira, começaram as discussões por projetos sociais, sendo um dos iniciais, o de ensino e oficina musical de percussão, como um despertava mais atenção e detinha interesse imediato de todos. Gilberto comenta:

...assim que o Consulado se instalou no Caieira havia um projeto de treinar os batuqueiros da própria comunidade. E tinham alguns destaques lá como uma percussionista... ah, eu, Gordinho, hoje é cavaco da escola... puxador de samba, também hoje faz parte da comunidade... inclusive, hoje, é um dos melhores batuqueiros da comunidade... e é destaque toda vez na passarela. Também temos esse cidadão-samba, que também é da comunidade! Quer dizer, era uma escola, era um bloco que virou escola e se instalou dentro do Saco dos Limões que [é] da comunidade, com o apoio da comunidade.<sup>206</sup>

Inclui-se um comentário de Marcio de Sousa, a respeito do interesse (muito mais do que a escolha) da Caieira do Saco dos Limões:

Eles buscaram outras possibilidades! Em conversa que tive dia desses com o Schneider, foi uma pessoa que esteve, foi um carnavalesco e dirigente da escola por muito tempo, me dizia que houve... buscas em outros espaços e parece que a acolhida maior foi a possibilidade da Caieira! Foi uma questão estratégica, propriamente de estar por ali. Creio ainda que casou. Se vislumbrava alguma coisa que não saísse muito distante do Pantanal! Não ficasse longe demais do Pantanal! Parece que ali foi acomodação, por que ali deu uma combinação entre o espaço propriamente dito, porque pertence a Associação de Moradores, que também, dependendo da direção da associação visse alguns traumas ali, de relação, de uso da quadra, de horário da quadra, paga ou não paga, usa dessa forma ou não usa, é uma questão que internamente eles buscam resolver permanentemente.<sup>207</sup>

Várias rodas de samba foram realizadas na quadra da Caieira, sem haver a permissão legal para aquele uso contínuo de ambas as partes. É que o terreno pertence à Prefeitura de Florianópolis e foi preciso legalizar o uso para as duas entidades ocuparem aquele local. Cedenir Simon morava na Caieira do Saco dos Limões havia nove anos em 2009, ano da gravação do depoimento. Historiador, membro do Partido dos Trabalhadores e que faz parte da oposição à diretoria do G.R.E.S. Consulado. Cedenir Simon, ex-membro da direção da AMOCA, lembra:

... era um bloco... aí a quadra era um espaço em torno da região. Foi feito uma espécie de um comodato entre a prefeitura, que era, vamos dizer a proprietária do terreno, a comunidade, através da AMOCA e o Consulado! Então foi [feito] esse o acordo! Um comodato que cedia pra AMOCA administrar a quadra, mas que seria preferencialmente da comunidade, durante nove meses, e preferencialmente da Consulado nos períodos dos três meses que antecedem o carnaval. Foi esse o acordo ali, inicialmente!... O pessoal da comunidade jogava bola ali no barro! Aí foram

<sup>205</sup> SILVA, Gilberto Lopes. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 15 de agosto 2009.

<sup>206</sup> Idem

<sup>207</sup> SOUSA, Márcio de. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 7 de abril 2009.

fechando, aí foi feito o piso, aí foram levantando os tijolos, aí foi feito o telhado... é assim que foi surgindo a quadra ali.<sup>208</sup>

O prefeito à época, Esperidião Amin, assinou o Termo de Permissão de Uso de Bem Público (Comodato), em 19 de abril de 1989, e assinado ainda por Edmir Pelle como presidente do G.R.E.S. Consulado e Maury Vítor de Souza como presidente da AMOCA. Amin diz:

Finalmente, numa segunda gestão, eles se preocuparam em ter uma sede, e uma sede operacional, que na época só a Copa Lord tinha. A sede da Protegidos nós também providenciamos. Não é associada a sua comunidade... o berço da Protegidos é o morro do Mocotó. E a sede da Protegidos é a Vila Ivan Matos, nos fundos do cemitério, começo do Saco Grande... e a Consulado plantou, se implantou num bairro, que não é a Carvoeira, não é o Pantanal.<sup>209</sup>

Tudo indica que Amin compreendeu no ato de concessão à AMOCA e ao Consulado como um meio de relacionamento e interlocução para com a população nova que se instalava no bairro e com o tradicional Saco dos Limões. Diniz expõe experiências do Rio de Janeiro:

Os governos, em suas diversas esferas públicas, logo perceberam que o carnaval era um caminho privilegiado de interlocução direta com o povo. Passaram então a incentivá-lo, construindo em conjunto com as escolas e seus representantes uma modalidade midiática de expressão popular. Em apenas algumas décadas, o carnaval das escolas – que nasceu na Praça Onze e passou pelas avenidas Rio Branco e Presidente Vargas – chegaria, nos anos 80, a ter sua própria casa para o espetáculo: o sambódromo, imagem do carnaval contemporâneo, globalizado, projetado pela genialidade de Oscar Niemeyer.<sup>210</sup>

### 3.4. Propostas de Projeto Sociais: utopia ou transformação?

Os projetos sociais foram a forma encontrada pela diretoria do G.R.E.S. Consulado de atrair a atenção e a participação das comunidades da Caieira do Saco dos Limões e mesmo do Saco dos Limões para a recém formada Escola de Samba. Deve ter mais uma interpretação: como método de legitimação da mais nova Escola de Samba da Capital á qual estavam imputadas discriminações, preconceitos e estigmatizações.

Em: Os estabelecidos e os *outsiders*, Norbert Elias e John L. Scotson produzem um estudo da migração de trabalhadores para uma cidade no Reino Unido a qual os recebe mal, trata de forma isolada, discrimina e estigmatiza:

Havia, portanto, diferenças consideráveis entre os antigos residentes e os recém-chegados. Não foi fácil encontrar conceitos adequados para expressá-las. Elas representavam uma forma distinta de estratificação social.

<sup>208</sup> SIMON, Cedenir. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 15 de agosto 2009.

<sup>209</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19 de agosto 2009.

<sup>210</sup> DINIZ, André. *Opus Cit.* p. 92

Em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral.<sup>211</sup>

Nesse contexto, de modo geral, o G.R.E.S. Consulado tinha os seguintes enfrentamentos: a busca de um local para erguer a sua identificação com a cidade (era chamada pelos nativos de “os de fora”, as imputações de escola de branco e de pertencer à elite da Eletrosul e de vir para Florianópolis para tomar o lugar dos ilhéus.

Antes de entrar na questão dos projetos sociais do G.R.E.S. Consulado, busca-se ampliar a compreensão de como aconteceu esse caminho entre diferentes. Uma das estratégias dos consulenses para ter a acolhida e aceitação, por parte dos moradores da Caieira do Saco dos Limões e do Saco dos Limões, foi a implantação de projetos sociais no bairro.

O dia 18 de março de 1989 é indício da primeira apresentação efetiva das propostas de projetos sociais do Consulado para a associação. Moradores ouviram do presidente do G.R.E.S. Consulado Edmir Pelle algumas falas que foram resumidas:

“...tomou a palavra explicando que após um convívio com a comunidade junto aos ensaios da Escola, explicando desde a sua fundação como Bloco até os dias atuais, sendo que o maior anseio da Escola é só fazer Carnaval, mas... adotar a nossa comunidade, fazer um trabalho com a Associação.”<sup>212</sup>

Ainda na mesma ata consta:

Desta primeira reunião participou também a representante da Diretoria, Graça, que expôs: “uma minuta do “Projeto Caieira” da autoria da Professora Graça, contém o mesmo 1(um) Objetivo – 2(dois) Materialização do Projeto – 3(três) Desenvolvimento Comunitário, 4(quatro) contatos a serem mantidos e Anexo I – Projeto de Trabalho a ser desenvolvido em quadras ou Clubes de Samba, visando a integração da Comunidade.”<sup>213</sup>

No dia 30 de março de 1989, voltou a ser tratado o Projeto Caieira, em mais uma reunião com a AMOCA: “Luiz Alberto, Diretor do Consulado, dissertou sobre o Projeto Caieira<sup>214</sup>.” Ele também abordou sobre a idéia de criação da escola de samba e da situação financeira que atravessavam. Os funcionários da Eletrosul, nessa época, já sabiam dos projetos políticos de Fernando Collor de Melo voltado para as empresas estatais, que eram de demissão incentivada e redução salarial. Mesmo diante dessa situação, os sambistas do G.R.E.S. Consulado insistiram nos projetos sociais como meio de aproximação para legitimar a adoção da Escola pelo bairro.

<sup>211</sup> ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. 2000. p. 63 e 65

<sup>212</sup> Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1. 1986. Folha: 22

<sup>213</sup> Idem. p. 22.

<sup>214</sup> Idem. p. 23.



Antes de finalizar a reunião desse dia, a Sra. Iraci [Machado Goulart] “falou sobre a criação dentro da comunidade de uma Escola de Corte e Costura, para as senhoras e jovens, as quais mais tarde seriam utilizadas na confecção das fantasias para o carnaval.”<sup>215</sup> Um morador do bairro questionou a diretoria da Escola de Samba sobre o porquê da escolha da comunidade. No entanto, a redação da ata diz: “O Sr. Luiz Alberto respondeu a contento a todos os presentes.” A ata foi assinada pelo 2º secretário Tarcísio Paulo Real.

As relações entre a AMOCA e o G.R.E.S. Consulado passam a ter mais intensidade a partir desta fase. Em abril de 1989, dirigentes da Associação deram início a conversas sobre a “cobertura da quadra de esportes”: “já se tinham mantido os primeiros contatos... com alguns membros do G.R.E.S. Consulado e que eles inclusive já tinham contratado uma firma especializada para realizar as sondagens no terreno.”<sup>216</sup> A ata, datada de 25 de abril de 1989, foi elaborada pelo 2º secretário Tarcísio Paulo Real.

A relação com a AMOCA sinalizava ir para um caminho mais adensado. A necessidade do G.R.E.S. Consulado, porém, permanecia. A Escola de Samba buscava, ainda, um lugar para a instalação da sede física e o reconhecimento como representante legítima de uma comunidade de Florianópolis. Devemos salientar que o terreno para os ensaios já existia. Ensaios e visitas de representantes da Escola eram realizados na Caieira do Saco dos Limões, mas a parte física da sede do G.R.E.S. Consulado precisava ser construída.

Desde agosto de 1989, a agremiação passou a ser mais intensa nas interlocuções e nas representações para com o bairro, por meio do uso das instalações do Clube Ipiranga, por dois anos e por intermédio de ensaios e atividades de carnaval, realizados também no terreno da Caieira. Naquele momento, esse fato era ideal para o Consulado, não só pelo aspecto de que aquele espaço permitia estruturar o Consulado rapidamente, como também permitia à população da Caieira, avaliar melhor os propósitos do Consulado. Já no livro-ata está descrito:

Fizemos a leitura do Comodato entre “Consulado e AMOCA”, cada membro ganhou um xérox para ler e discutir e trazermos propostas caso houvesse digo quisesse. Foi conversado também sobre um abaixo assinado que nos foi comunicado quanto ao uso da quadra: volume do som dos eventos acontecidos, tomamos ciência das medidas tomadas e as providências serão tomadas.<sup>217</sup>

Em 27 de setembro de 1990, a associação de moradores realizou a assembléia da Amoca para a eleição e a única chapa concorrente se inscreveu. A gestão da diretoria eleita foi

---

<sup>215</sup> Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1.1986. Folha: 23.

<sup>216</sup> Idem. Folha: 24.

<sup>217</sup> Idem. Folha: 33.

para o período de 12 de outubro de 1990 a 11 de outubro de 1992. Tarcísio Paulo Real tomou posse como presidente da AMOCA no dia 12 de outubro de 1990.

Motivado talvez por essa movimentação do G.R.E.S. Consulado, agremiação consagrada quando dos tempos de Bloco além de ter todo um crescimento do carnaval, Tarcísio Paulo Real, atualmente na Velha Guarda do G.R.E.S. Consulado, firmou o primeiro contato com representantes da agremiação a qual demonstrava interesse em fixar raízes naquela área da Caieira do Saco dos Limões. Desse modo, Tarcísio, como presidente da AMOCA e já interessado em ingressar na Escola de Samba, colaborou diretamente no processo de aproximação e instalação do G.R.E.S. Consulado na Caieira do Saco dos Limões: “... já vem desde 1989, quando o Consulado viu a possibilidade da gente fechar isso aqui, e se mudar pra cá, eu abracei com tudo, e o gosto pelo carnaval se acentuou cada vez mais.”<sup>218</sup> E em 1992, último ano do primeiro mandato de presidente da AMOCA, Tarcísio foi eleito vice-presidente do G.R.E.S. Consulado.

A partir do estabelecimento do Consulado, na Caieira do Saco dos Limões, se inaugura mais um modo de interagir com as escolas concorrentes, as quais formulam mais uma linha de tratamento. Paulino elabora uma leitura:

A Mocidade [sai meio engasgado, queria dizer Consulado] resolveu construir para ela lugares, e para isso ela se vinculou a uma comunidade... aí começa uma nova história, uma história muito mais interessante da Consulado, que é quando ela faz uma parceria com o Conselho Comunitário da Caieira do Saco dos Limões e a partir do Saco dos Limões ela se torna a Escola do Sul da Ilha... então ali nasce a escola de samba com um passado muito mais interessante que o bloco... mas mesmo assim com um problema de origem que nunca conseguiu resolver esse seu lado carioquês.  
219

A professora Graça é carioca, trabalha com arte-educação e se chama Graça Carneiro. Em 1989, ela começou as atividades no G.R.E.S. Consulado depois de se mudar do Rio de Janeiro para Florianópolis. Naquela cidade atuou em projetos em duas escolas de samba, Salgueiro e Beija-Flor, junto com Joãozinho 30. Graça fala da experiência como arte-educadora:

Minha experiência no Rio de Janeiro se dá no exato momento em que o Rio também se depara com a questão da delinquência infanto-juvenil. Nós tivemos as remoções das favelas no Rio de Janeiro, Cidade de Deus é um exemplo disso... na medida em que essas comunidades... com dificuldades financeiras foram afastadas do Centro do TJ para a periferia, elas criaram uma dificuldade maior ainda na educação dos seus filhos! Por que enquanto eles estavam ali na zona Sul, eles conviviam nos colégios, eles conviviam com toda essa cultura do Rio de Janeiro e na medida em que elas foram afastadas, essas crianças e jovens se tornaram delinquentes infanto-juvenis... E a partir daí a gente tem um problema social muito grave no Rio! E as escolas de

<sup>218</sup> REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro 2009.

<sup>219</sup> CARDOSO, Paulino F. de J. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de dezembro 2009.

samba... elas se colocam à disposição então de usar o seu espaço... que é aparentemente ocioso, durante o dia e no pré-carnaval, as crianças e jovens pudessem ter atividades educativas dentro desse espaço. O primeiro movimento aconteceu na Beija-Flor, de Nilópolis! Eu acompanhei o Joãozinho 30, desde o seu primeiro momento no Salgueiro, ali foi o reduto, é a minha escola de coração... É ali que eu aprendi e que escolhi inclusive a minha profissão de arte-educadora. A partir de um grande grupo de intelectuais que formava a comissão de carnaval do Salgueiro, e que eram todos professores da escola de Belas Artes. E entre eles, Joãozinho 30, que é um autodidata, mas com grande conhecimento por ser diretor de guarda-roupa do Teatro Municipal. Então um grande pesquisador!<sup>220</sup>

A experiência das escolas de samba mirins fez escola e se expandiu entre as demais no Rio de Janeiro. Graça conta que na viagem do Rio para Florianópolis, para vir morar na cidade, conheceu a engenheira eletricista, Raquel Queiroz, que à época trabalhava na Eletrosul. Desse encontro (casual), a engenheira falou da Escola de Samba Consulado, de Florianópolis à Graça e surgiu a possibilidade de Graça Carneiro trabalhar com Projetos Sociais, tal qual fazia na cidade de onde tinha recém-saído. Com a experiência trazida na bagagem, Graça passou a aplicá-la entre as crianças da Caieira do Saco dos Limões:

Esse projeto de arte-educação partiu do meu interesse de organizar as crianças e jovens em torno da confecção de instrumentos musicais, e aí já com uma preocupação muito grande com a questão ambiental... Preservação do meio-ambiente, a comunidade crescendo no morro onde havia um desmatamento intenso... Nós passamos por momentos difíceis aqui de enchentes... a questão do lixo. Então, em torno dessa proposta de arte-educação eu montei uma oficina de instrumentos musicais de sucata, e também voltado pra musicalização. Essas crianças e jovens daqui nunca tinham visto uma bateria de uma escola de samba! Não tinham escutado! Como é que é o ritmo!? Como é que é a cadência!? Como é que é essa batida?! Muito menos a origem disso, né. Falar de ancestralidade com eles, falar da contribuição afro pra nossa música, nossa dança, a base da bateria da escola, percussão. E isso tudo foi desenvolvido através dessa oficina.<sup>221</sup>

A arte-educadora chegou no momento em que a Escola de Samba Consulado iniciava as atividades na Caieira do Saco dos Limões e na AMOCA, com a diretoria inebriada em sonhos de oferecer bem-estar à comunidade. Graça coloca:

...a partir do momento que uma escola de samba não nasce em uma comunidade, eu acho que o mais importante é que possamos fazer uma investigação... quem é essa comunidade? O que ela quer? E esse foi o meu primeiro trabalho. Visitar as pessoas... Conhecer as pessoas... E hoje eu tenho grandes amizades no bairro do Caieira, dessas famílias, as famílias que a gente até fala **que são** [grifo meu] nativas. Mas são as primeiras famílias que chegaram aqui. São famílias de 50 anos na comunidade. O bairro se formou em torno de uma vila operária, e essas famílias são descendentes desses primeiros moradores... e que hoje, os seus netos e bisnetos fazem parte aqui do projeto, que fazem parte da bateria da escola. Então, esse meu primeiro momento foi de reconhecimento do espaço físico e da comunidade. Quem são essas pessoas? E eu fui procurar as lideranças comunitárias. O presidente da Associação de Moradores... é uma comunidade que está em torno da religiosidade também... procurar as lideranças comunitárias não só da religião católica, mas do centro espírita e outras instituições, e tentar então a partir dessas organizações, porque já são grupos de pessoas organizadas o grupo da terceira idade, buscar o

<sup>220</sup> CARNEIRO, Graça. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 janeiro de 2009.

<sup>221</sup> Idem.

conhecimento da história do lugar. E, claro, já estar montando paralelo a isso, o projeto de arte-educação. Esse projeto de arte-educação partiu do meu interesse de organizar as crianças e jovens em torno da confecção de instrumentos musicais, e aí já com uma preocupação muito grande com a questão ambiental... Preservação do meio-ambiente, a comunidade crescendo no morro onde havia um desmatamento intenso... Nós passamos por momentos difíceis aqui de enchentes... a questão do lixo. Então, em torno dessa proposta de arte-educação eu montei uma oficina de instrumentos musicais de sucata, e também voltado pra musicalização. Essas crianças e jovens daqui nunca tinham visto uma bateria de uma escola de samba!  
222

Um momento de destaque do Projeto Caieira, para a escola e os organizadores, foi no ano de 1992, quando da realização da ECO-92, a segunda edição da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os dias três e 14 de junho de 1992. “A conferência consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável.”<sup>223</sup> Houve a participação das crianças da bateria mirim do Projeto Caieira na ECO-92, informa Graça:

...fomos ao Rio de Janeiro, convidados pela Flor do Amanhã, essa primeira escola de samba mirim. Ela foi para avenida, foi num grande desfile que aconteceu no Aterro do Flamengo, onde várias instituições mostravam para o mundo que havia uma saída pra questão da delinqüência infanto-juvenil. E a Flor do Amanhã, ela veio com uma Ópera de Rua, magnífica, montada por Joãozinho 30, onde as crianças de rua do Rio de Janeiro, elas mostravam qual era a saída para elas. Foi um espetáculo assim que o mundo inteiro viu, e nós fomos convidados. Santa Catarina foi convidada através do G.R.E.S. Consulado, o João conhecia o meu trabalho, não só por essa relação que nós tínhamos de amizade, mas como também ele tinha vindo aqui, em novembro de [19]91, a convite da prefeitura, aniversário da cidade, ele veio ao Caieira e deu para ver o que eu estava fazendo aqui com as crianças. E ele me disse: ‘Graça, isso é prevenção. Vamos mostrar para o mundo como isso é possível... foi então nesse momento que nós fomos para o Rio de Janeiro, viabilizamos e 32 crianças da bateria mirim do Consulado, mas levamos mestre-sala, porta-bandeira... crianças todas que participavam aqui do projeto com a gente. Levamos os instrumentos e tocamos junto com a bateria da Flor do Amanhã, nesse desfile do Aterro do Flamengo. Eu tenho álbum de fotografia da trajetória desses jovens. Eu digo pras mães deles assim, que eu tenho mais documentado a história deles que a própria família.’<sup>224</sup>

O G.R.E.S. Consulado não tem renda para custear a realização desses projetos sociais, como o Kizomba e o Caieira, posteriormente nominado Caieira 21, que começou no ano de 1991 com o nome de Caieira e na virada do século passou a ser chamado de Caieira 21. A manutenção dos programas sociais é feita por intermédio de recursos doados por empresas públicas e privadas e captados por uma Organização Não-Governamental: “...essa parceria que temos com o Grupo de Trabalho Comunitário Catarinense foi possível buscarmos

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> Wikipédia. *ECO-92*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ECO-92>>. Acesso em 7 de fevereiro 2010.

<sup>224</sup> CARNEIRO, Graça. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 janeiro de 2009.

recursos para que a gente pudesse então manter profissionais qualificados e remunerados dentro do projeto...”<sup>225</sup>

Os Projetos Sociais do G.R.E.S. Consulado acabaram frutificando também entre as escolas de samba de Florianópolis, como lembra Esperidião Amin:

Lembro que foi dentro de uma concepção oriunda do Rio de Janeiro, vamos ser bem claro... Os seguidos exemplos que a gente conhece de trabalho social de escola de samba... advém do Rio de Janeiro, depois de São Paulo que fez, e aqui também nós temos características próprias. Por exemplo, confecção de fantasias... a Protegidos aí tem anos... onde é que está o pessoal trabalhando? Na Escola Celso Ramos, aqui em baixo, no pé do morro do Mocotó. Onde é que o pessoal trabalha na confecção de fantasia da Copa Lord? Na sede da Copa Lord. Coloninha e a Protegidos dividem talvez seja e a melhor função, quer dizer... são os carros, que é no ginásio... no galpão, vamos chamar da Protegidos, que até pegou fogo no ano passado, senão me engano...<sup>226</sup>

Os ensaios do G.R.E.S. Consulado também trazem problemas para as comunidades dos dois bairros. No primeiro, os carros estacionados nas ruas de pessoas que vão assistir os ensaios. Isso é apontado pelo morador Gilberto, há 41 anos de residência na Caieira, como uma das causas de outros dilemas:

...[traz] muito transtorno pra comunidade, “inclusivamente” é morador que quer sair com o seu carro, não pode sair! Que engarrafamento tomou conta do bairro! Não existe um estacionamento! Não existe uma estrutura para o suporte que hoje a escola tem... a gente não imaginaria que, que ia chegar nesse ponto a comunidade... e outras coisas que acontecem. Roubo de carro! Arrombamentos! E por ai afora. Tráfego de drogas, também no tempo que a escola esta lá aumenta o tráfego... e por ai afora.<sup>227</sup>

O som alto que vai até a madrugada. Por isso, em abril de 1991, foi registrado em ata a não-aceitação da comunidade e o protesto contra as atividades:

Foi lida a correspondência enviada à AMOCA pelo Sr. Alcino Vieira [vereador pelo bairro]. Ofício nº. 71, o qual fala sobre o acordo firmado entre a Prefeitura, AMOCA e o Consulado, sobre a utilização da Quadra do Caieira com os diversos tipos de atividades, bailes, show, ensaios de escola de samba, etc, alguns até altas horas da noite digo madrugada e, com isso, agradando uma parcela da comunidade e descontentando a outra com encaminhamentos de abaixo-assinado, telefonemas, etc. ao Sr. Alcino Vieira, vereador do bairro.<sup>228</sup>

Esse ponto, da quebra do silêncio, à noite, para a realização dos ensaios do G.R.E.S. Consulado é entendido como problema o mais relevante, que existe desde quando a escola se instalou na Caieira até hoje. É visto como uma invasão do lugar onde moram famílias. Como no depoimento de Gilberto:

<sup>225</sup> Idem

<sup>226</sup> AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 19 de agosto 2009.

<sup>227</sup> SILVA, Gilberto Lopes. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 15 de agosto 2009.

<sup>228</sup> Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1.1986. Folha: 38.

Quem tem casa pelo lado ali parece que está tocando dentro de casa! Eu mesmo tenho uma tia que mora atrás do ginásio, que tem que tirar tudo de cima da estante, senão cai, por causa da vibração, do barulho, o lustre, tem que tirar o lustre por que senão o lustre cai também!

Dependendo do vento tu não consegues assistir uma tevê, tu não consegues conversar dentro de casa. Tem que ficar fora de casa... e esperar o som abaixar lá pro cara assistir uma tevê.”<sup>229</sup>

No dia 27 de agosto de 1991, moradores, associados da AMOCA e diretoria da escola de samba fizeram a reunião com o propósito de ajustar comportamentos e condutas de todos e votada a aceitação do G.R.E.S. Consulado junto a sede nova que estavam construindo. Para o encontro compareceram pela Escola de Samba: Antonio Rodrigues de Matos, Graça Carneiro e Iraci Machado Goulart (presidente do Consulado): “numa proposta de integração AMOCA x CONSULADO foi colocado pelo Sr. Antonio um histórico retórico da Escola, planos que fez e o sucesso e o insucesso da mesma...”<sup>230</sup> Os representantes da Escola de Samba fizeram as propostas de aproximação para com a AMOCA, entre elas: o oferecimento de uma linha telefônica, planos de desenvolvimento de projetos comunitários dentro da Caieira do Saco dos Limões;

O Sr. Antonio contou um pouco da história da Escola ao chegar na nossa comunidade. Houve uma reunião no CSU, onde foi solicitada a mudança do nome [da Escola de Samba], porém não mudou, sendo o Saco dos Limões um pouco elitizada [sic] também não aceitaram a escola<sup>231</sup>

Por outro lado, moradores colocaram o que os afastava da Escola de Samba:

Dona Moura confirmou realmente os pontos que afastavam o Consulado da comunidade: ser da Eletrosul, instalando-se no Ipiranga e não vir para o Caieira e o ponto mais crítico é o desconhecimento do vínculo com a AMOCA, não participando, somos “sabedores” através do Vergílio, somos cobrados pela comunidade, sendo que a mesma não está totalmente preparada, deveríamos divulgar mais.<sup>232</sup>

Antonio Rodrigues de Matos acentuou novamente os projetos comunitários a serem desenvolvidos junto à comunidade, na seguinte ordem: “Primeiro lugar Escola de Samba, 2º trabalho – crianças e jovens. Escolinha de Futebol-salão, handebol. A prefeitura cederá os professores. Aos sábados, terá Escola de Capoeira, Criação de oficinas de Sucata e profissionalização.” A moradora Marilza (não consta o sobrenome na ata) contrapôs “sobre as

<sup>229</sup> SILVA, Gilberto Lopes. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 15 de agosto 2009.

<sup>230</sup> Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1.1986. Folha: 40.

<sup>231</sup> Idem

<sup>232</sup> Idem.

fantasias, ora era pago, ora de graça, isto também ficou desagradável perante a comunidade.”

233

No arquivo do G.R.E.S. Consulado, autorizado para ser consultado pelos autores deste trabalho, foi localizada a carta intitulada: “A Comunidade do CAIEIRA”. O documento descreve em 14 datas, alguns dos acontecimentos registrados entre a Escola de Samba e a Associação de Moradores da Caieira do Saco dos Limões, no período correspondente de março de 1989 a 14 de agosto de 1991. É uma declaração de buscas de entendimento com a comunidade, pois o contrato com o Clube Ipiranga estava em vias de expirar e a comunicação abre da seguinte forma:

É com grande orgulho que nos dirigimos a esta comunidade, no sentido de informar que a partir deste mês, estaremos iniciando o processo de transferência definitiva do Consulado para o bairro.

Aproveitando esse ensejo, gostaríamos de fazer um breve histórico sobre a atuação do Consulado junto à Comunidade do Caieira.<sup>234</sup>

A carta não é datada, nem assinada. Os indícios trazidos na redação são semelhantes aos motivos da assembléia em 27 de agosto (acima), para tratar do estreitamento de relações da escola de samba e a AMOCA, sendo que a ata da Associação trata de projetos de interesse da comunidade e o histórico traz acontecimentos da Escola de Samba junto à comunidade.

Embora tenha forma simples para a apresentação a pessoas da Caieira do Saco dos Limões e da AMOCA, este documento apresenta outro indício. Os caracteres da máquina são de equipamento da década de 1980 e 1990, um equipamento simples, portátil, fácil de transportar, de manuseio e de preço bastante acessível à época. Quase todo estudante do antigo 2º grau e de universidade possuía uma (cuja marca mais conhecida era “Remington”) máquina portátil para escrever sobre suas pesquisas, além da não existência do microcomputador.

Os Projetos Sociais desenvolvidos na Caieira, a partir desse instante, foram impulsionados por intermédio de convênios estabelecidos entre a AMOCA, o G.R.E.S. Consulado, a Prefeitura de Florianópolis e ONGs, com o objetivo de oferecer complemento educativo através de oficinas a crianças e jovens do bairro. Graça diz:

...nós fizemos um convênio com a prefeitura, temos professores da rede pública que são cedidos para cá, dentro de um perfil de projeto social. Esse profissional é escolhido por nós para que ele possa ter esse perfil, que ele possa fazer esse elo entre

---

<sup>233</sup> Idem. Folha: 41.

<sup>234</sup> Carta: À Comunidade do CAIEIRA. (em anexo)

o enredo da escola de samba e a atividade educativa, o lúdico e o educativo caminhando juntos, para poder ter o interesse das crianças do projeto.<sup>235</sup>

Poder-se-ia partir, nessa etapa, das participações nos carnavais correspondentes a esses anos. Talvez isso leve a uma compreensão equivocada das transformações promovidas pelo Consulado no carnaval florianopolitano. Não é esse o objetivo. A intenção de todo o trabalho é tornar viável a compreensão histórica da trajetória dessa agremiação até o ano 2000. Assim, é imprescindível pesquisar, falar, comparar e relacionar passagens para, finalmente, escrever. Um trabalho de levantamento de camadas da história, diálogos entre documentos diferentes escritos e orais.

Em um livro com capa vermelha, denominado Escola de Samba Consulado, uma das folhas traz o organograma do G.R.E.S. Consulado para o biênio 1991/1992, cuja presidência é de Iraci Machado Goulart e vice-presidente geral Antônio Rodrigues de Matos. A vice-presidente de ação social é a professora Graça Carneiro, o vice-presidente de ação comunitária, Jorge Correa Vaz. Duas pessoas vinculadas a AMOCA aparecem como membros da diretoria da escola: Tarcísio Paulo Real é nomeado vice-presidente de patrimônio (lembro que Tarcísio é uma das fontes orais desta pesquisa e presidente da AMOCA por duas vezes); e Wilson Vergílio Real Rabelo, como vice-presidente jurídico da Escola de Samba.

O documento reflete uma parte do nível de organização implementado pela Escola de Samba desde os tempos de Bloco Carnavalesco. Marcio de Sousa situa:

...agora a presença da Consulado reequilibra tudo isso, redefine essa condição de dominância das escolas e, obrigatoriamente, forçou todas elas a modificarem a sua forma de trabalho e esse diferencial que a Consulado goza, ela é muito conhecida como a escola organizada! Escola organizada porque ela tem esse ingrediente, ela vem com pessoas com formação técnica! Que diz que para a organização do samba também é um passo. Administradores, engenheiros, todos esses que são muito mais, no Rio de Janeiro muito mais comum você encontrar pessoas com formação e ensino superior, qualificação técnica, grau de escolaridade mais desenvolvido, mais tempo de escolaridade, que transfere naturalmente isso para a organização do samba!<sup>236</sup>

Uma das fontes orais deste trabalho, Jorge Vaz, trabalhou no planejamento dos tempos de Bloco e depois na Escola de Samba:

...o carnaval era decidido depois de dezembro. O pessoal [das escolas] não sabia nem se as escolas iam desfilar. Às vezes tinha o processo eleitoral, de eleição, até o prefeito assumir... vamos fazer o carnaval! Então tinha que sair. A gente começou a fazer até em função disso... o Consulado teve essa facilidade por quê? Nós vamos fazer o planejamento nós mantivemos, a comunidade consulense, a comunidade do Caieira com evento mensal... até seria um ponto de encontro pra manter uma forma de arrecadação... muitas vezes a gente já tinha um dinheiro arrecadado pra começar

<sup>235</sup> CARNEIRO, Graça. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 janeiro de 2009.

<sup>236</sup> SOUSA, Marcio de. Depoimento prestado ao autor e a Felipe Falcão em Florianópolis, 7 de abril 2009.



o carnaval, independente do que viesse do poder público... nós só vamos investir na compra de material no momento em que disser: tem carnaval, a prefeitura vai liberar o dinheiro em janeiro, fevereiro, sei lá... então a gente começou a fazer um planejamento... aí começamos a trabalhar na área de planejamento de recursos humanos... o tempo que tu tens? “Eu tenho à noite; eu estou estudando, eu não posso à noite, eu posso me reunir no sábado...” então a gente começou a ter aquelas pessoas voluntárias... ah, tem o professor tal que pode trabalhar, ajudar aos sábados... a gente ia lá para a quadra, fazia alguma coisa... e o grupo de dez, doze pessoas ia trabalhando... quer dizer então a gente conseguia não desembolsar para pagar a mão-de-obra e voluntária. E as outras escolas, eu acho assim, que elas passaram a ser... por que é assim, no momento que tu tens o planejamento, tu não perdes muito. Tu ganhas em tempo, em qualidade de serviço e consegue reutilizar uma série de coisas dentro do teu planejamento... antes, o processo eleitoral era de dois em dois anos [no Consulado], a cada dois anos, agora passou na eleição passada... são três anos, mas a gente já pegava o carnaval, tinha que assumir, aí tinha que fazer o carnaval do outro ano, tinha conta para pagar, ou pagaria as contas, ou não fazia o carnaval. Então a gente começou assim, tem que ter um planejamento para tudo isso no ano que vem acontecer, pode até o pessoal ser eleito, mas quem assumir a escola, ela tem a condição de dar continuidade ao trabalho e o crescimento da escola... Por que a gente descobriu, em outras entidades, o cara diz: “não, eu vou botar o carnaval, ó quem pegar é que se arrombe”, aí a escola, uma escola tradicional da cidade, como Copa Lord, como Protegidos, tinha ano que não desfilava, desfilava um ano... aí começamos a ganhar o carnaval dentro do planejamento.<sup>237</sup>

Com o decorrer das participações no Carnaval de Florianópolis, tanto o Bloco como a Escola de Samba passaram a promover apresentações de sambistas cariocas em Florianópolis. Em documento remetido à Elase, para o presidente da Associação, Elo Ortiz Duclós Filho, datado de 16 de novembro de 1984, foi feito o pedido da compra de passagens aéreas: Rio, Florianópolis, Rio, entre os dias sete de dezembro de 1984 e 18 de janeiro de 1985, para as apresentações dos sambistas: Haroldo Melodia (União da Ilha do Governador); Quinzinho (Império Serrano); Sobrinho (Unidos da Tijuca) e Marcos Moran (Unidos de Vila Isabel). A carta trata ainda da programação do Bloco Consulado do Samba e da contratação dos intérpretes das Escolas de Samba do Rio de Janeiro para se apresentarem na FAC.

O teor documental é mais uma elucidação do planejamento do Consulado nas questões expostas: a prática do Bloco Consulado de contratar intérpretes de escolas de samba cariocas para cantar nos ensaios em Florianópolis, a qual foi transplantada para os tempos de Escola de Samba; é um vestígio do planejamento do Bloco para os meses de dezembro de 1984, janeiro e fevereiro de 1985 até o dia do desfile. Além de demonstrar uma das formas de apoio da Elase para o Bloco Consulado do Samba, por meio do custeio de passagens de avião.

A diretoria de ação comunitária elaborou para os meses de maio a outubro de 1991 a programação de atividades do período.

---

<sup>237</sup> VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 7 de outubro 2009.

Os anos de 1990 e 1991, que correspondem, por um lado, ao início do G.R.E.S. Consulado, por outro, a fase de reformulações internas dentro da área de recursos humanos da Eletrosul, por intermédio da política adotada pelo ex-presidente Fernando Collor de Melo, também acabaram fazendo parte da articulação de estreitamento da direção do G.R.E.S. Consulado com a AMOCA. Esta perspectiva é delineadora no processo, visto a partir da assinatura do comodato, como informa Antonio Matos:

...quando o Consulado procurou a prefeitura junto com a Associação dos Moradores pra fazer um comodato daquela quadra... o quê que os moradores viram naquilo... e além disso, eu acho que é um erro muito grande nosso, de ter oferecido muitas coisas que a gente não tinha capacidade de dar, então se ofereceu muitas coisas pra comunidade... e na realidade não se pode cumprir grande parte delas... o quê que acontece? Como eles não eram ligados ao samba, ‘vem um negócio de sambista pra cá?’ E ainda tinham um preconceito muito grande contra o samba... ‘mas espera aí, os sambistas são todos da Eletrosul, então são ricos... eles vão trazer um monte de coisas, de benefícios pra nós.’ E quando na reunião se promete as coisas e não consegue cumpri-las, então... ‘ah, vamos fazer trabalhos comunitário, vou tirar crianças da rua, vou criar um primeiro emprego, sei lá, alguma coisa nesse sentido, você começa a falar muito sobre isso cria uma expectativa numa comunidade que não tinha nada a ver com o samba. E depois ela começou a pensar: ‘não, ele está aqui por interesse da quadra, não do...’ por que fazer trabalho comunitário realmente foi muito sacrifício na época... não tinha recurso, não tinha nada... o quê que acontece? Nós vamos pro comodato, foi assinado em março de [19]89, após o carnaval de [19]89... e só para se ter uma idéia, em junho de [19]90, um ano depois, eu estou saindo da Eletrosul com mais de dois mil funcionários que faziam um acordo porque a Eletrosul ia ser privatizada. Ou seja, a entrada do Collor no Brasil, em 1990, que estabeleceu que as empresas de energia elétrica iam ser privatizadas mudou o cenário todo, mudou todas as configurações... desses dois mil que foram pra rua muitos ficaram desempregados, então aquilo que se queria dar... não é que as pessoas mentiam, mas na realidade, um ano depois houve uma grande transformação... por que os principais componentes de direção eram funcionários da Eletrosul. Muitos poucos eram de fora... mas só que eles, eu como outras pessoas **tivemos que** [grifo meu] correr atrás de emprego por que... fizemos acordo com a empresa Eletrosul, saímos, eu saí em junho, já começou a primeira grande leva foi em junho. Aí se seguiu uma transformação profunda na Eletrosul e isso coincide com a nossa ida para lá. E aí, a gente conseguiu ainda dentro do nosso projeto, da nossa proposta foi montar o ginásio, que hoje tem lá... foi cobrir aquela quadra isso ainda conseguimos fazer... mas o trabalho comunitário... secou a fonte... hoje nós estamos aqui na Elase – Associação dos Empregados da Eletrosul – que em 1990 teve que mudar os seus estatutos porque quando o Collor entrou a Eletrosul dava um apoio muito grande em termos de manutenção das instalações, tinha um pessoal próprio que vinha aqui fazer a manutenção. Ela ajudava também financeiramente, às vezes, à associação porque isso tudo era da Eletrosul no fundo. Tiveram que mudar o estatuto porque a partir dali não podia dar mais um tostão... e aí? Aí ia fechar. E para não fechar a Elase, só podia ser funcionário da Eletrosul, dois mil tinham ido embora, e praticamente a maioria que foi embora se desligou da Elase, teve uma queda assim de 3 mil sócios para mil sócios, então a única saída, que foi a inovação da Elase, foi abrir as portas para a comunidade, ter o sócio comunitário... teve que mudar os seus estatutos para poder... sobreviver. E hoje a Elase em 1990 tinha mil associados, hoje tem quase três mil associados... para concluir, esse contato já começou mal com a AMOCA... por que se esperava muito e não se deu praticamente muito... por causa desses cenários que foram causando...<sup>238</sup>

<sup>238</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de outubro 2009.

Do tempo de Bloco Carnavalesco para Escola de Samba a Consulado acumulou um dívida considerada impagável. Fala-se disso anteriormente. E é exatamente nesse período de mudanças na Eletrosul, de dívida acumulada pelo Consulado, de entrada da Escola na Caieira do Saco dos Limões e da necessidade de expansão do relacionamento da Escola de Samba com a AMOCA, surge outro desafio: a saída do presidente Edmir Pelle, que se aposentou e mudou para o estado de Sergipe, deixando a agremiação com a dívida alta. Era o enfraquecimento da Escola. Antonio Matos diz:

O Edmir saiu e então a dona Iraci assumiu o cargo, no final de 1990, ela assume a presidência da escola. Aí eu assumi a vice-presidência.

A dona Iraci, ela em termos de trabalho é a pessoa que corta todas as fantasias da escola. Isso já faz 20 anos. Só isso que ela faz, quer dizer, só isso... imagine todo ano cortar 2500 fantasias... não existe, ninguém faz isso... só a dona Iraci, 70 anos. Mas ela é apaziguadora, pessoa que realmente... ela foi talvez a primeira pessoa a ir quebrando esse estigma que a cidade tinha com relação a escola por causa da Eletrosul... por que o Consulado era administrado por gerentes da Eletrosul... e quando essas pessoas foram se afastando aos poucos... eu era muito amigo da dona Iraci, e nós fizemos uma chapa e tinha o presidente, dona Iraci era vice, eu era o vice-presidente de carnaval e a gente já sabia que o presidente ia se aposentar na Eletrosul e ia embora pra cidade dele... então, no ano seguinte a idéia era lançar a dona Iraci para presidente, porque ela é ligada à cidade toda, ela é do povo mesmo. E tentar acabar com essa idéia de desmistificar o Consulado à Eletrosul... a gente quis lutar pra isso. A Eletrosul é uma coisa e o Consulado é outra... naquela época eu lembro que a escola investiu foi na época do Vinícius de Moraes, em 1990, a escola investiu muito dinheiro... investiu muito dinheiro, mas não tinha povo, tinha componente mas não tinha povo. Você pega um Copa Lord, Copa Lord tem um apelo popular muito grande. Naquela época nós não tínhamos, não adianta... era escola é de branco mesmo, que se fala... só que no mandato dele [Edmir Pelle], ele se afastou, com um ano de mandato, uma dívida descomunal da escola, foi a época que o Collor entrou, houve umas modificações nas questões bancárias, o Consulado devia muito ao banco, e aí apareceu uma pessoa que tinha um dinheiro aplicado que pagou a dívida do Consulado. Resolveu o problema. E a dona Iraci era vice-presidente... e tinham pessoas que não queriam que a dona Iraci continuasse, queriam que se fizesse uma eleição, e o conselho determinou que a dona Iraci assumisse a presidência. Dona Iraci falou que só assumiria a presidência se eu estivesse junto com ela... a nossa relação eu acho que transcende ao carnaval ou a qualquer coisa... é um amor muito grande que eu tenho por ela e ela tem por mim. Durante dois anos que ela foi presidente e eu fui vice-presidente, durante três anos o Consulado foi tri-campeão... e sem dinheiro nenhum, praticamente. O pessoal dizia antes, está entrando dinheiro à vontade, se você não for campeão agora, não vai ser nunca mais, mas não tinha povo e ela foi buscar o povo. Ela é a grande responsável de o Consulado começar a ser aceito pela comunidade local.<sup>239</sup>

Assisti-se, nas representações contidas neste trabalho, a divisões que riscam a Ilha em zonas isoladas e rotuladas continuamente. A relação cidade – G.R.E.S. Consulado – AMOCA – Saco dos Limões e escolas de samba da cidade – motiva algumas análises, propondo uma parada ou partida talvez, das zonas 1, 2 e 3 e da simbologia embutida naquela área do Maciço do Morro da Cruz. Marcio de Sousa propõe:

---

<sup>239</sup> Idem.

É um negócio muito legal de analisar essa composição da quadra do Consulado, que é gente de toda a cidade, em especial aqueles dois universos ... a Caieira propriamente dita e a Vila do Saco dos Limões! Então eu creio que a turma ali tem que ter um jogo de cintura bastante desenvolvido para poder administrar essa situação e conseguir manter, capitalizar as pessoas para vir para a quadra, para sair na escola, para essa coisa toda que é um anúncio de convencimento todo ano. Todo ano você tem de convencer as pessoas a sair na escola... uma hora com a beleza das fantasias, ora com a beleza do enredo, ora com a atratividade que a quadra representa, até por que o Consulado precisa consolidar a sua história como Consulado, como escola de samba, que não tem ainda, é muito jovem, muito recente. Tendo em vista a Protegidos que tem 60 anos, a Copa Lord deve ter 58, aproximadamente, Coloninha está com quase 45 anos também. Então ela [Consulado] tem que forjar a sua história, tem que ter os tradicionais, tem que ter a velha guarda... ter um legado, a ser considerado. Então, a Consulado é um adolescente nesse processo.<sup>240</sup>

O rótulo de “escola de branco” propagado contra o Consulado, desde a despedida de Bloco à chegada na escala de Escola de Samba, repetida seguidamente serve ao objeto político de aniquilação da entidade. Marcio acompanhou:

A maioria que frequenta o Consulado, que criou o Consulado é de brancos! É inegável! Que você contrasta isso. Seria miopia dizer que isso não é verdadeiro! Entretanto isso não invalida a presença da escola, com a qualidade ou a intenção das pessoas que são das mais dignas também em relação a defesa do samba! Então esse recurso, eu acho um recurso é... de pouca validade aludir aquele lá é branco... Nós estaríamos, primeiro, criando uma situação é pouco recomendável. Que é racialidade, racializar alguém que gosta de samba. Por que então, somente os negros poderiam gostar de samba e usufruir dessa condição, em tudo que advém do samba? Então essa é uma coisa recorrente, escuta-se muito essa situação... mas isso também é negros, como existem outras escolas de samba, como existem brancos em outras escolas de samba, em menor grau, em menor percentual.<sup>241</sup>

Todavia, quem afirma ser o Consulado “escola de branco”, esquece ou desconhece a relação possibilitada entre compositores no Rio de Janeiro, conforme explica Diniz:

A favela e o morro foram, no decorrer do século XX, emblematicamente associados ao universo do samba, o local da pureza, da fonte de inspiração dos compositores. É a difusão e solidificação de uma visão mitológica sobre a origem do samba que vai suplantando o pioneirismo da Cidade Nova. Samba e favela [morro] popularizaram-se quase como sinônimos socioculturais. Não houve, até o início da década de 1980, nenhum ritmo que ocupasse esse espaço [só depois o *funk* ganhou força]. E os próprios sambistas, fossem eles do asfalto ou do morro, ajudaram na construção de tal identificação. Em trechos de sambas feitos entre as décadas de 1920 e 1950 pode-se perceber rapidamente essa construção.<sup>242</sup>

Mais um pouco desse embate talvez esteja relacionado no pensamento ainda que resumido, de Salomão:

...essa relação é muito estreita! É muito estreita entre Consulado e Eletrosul. E tem até um rótulo que é a escola da Eletrosul. É a escola da Eletrosul, ela foi formada por um funcionário da Eletrosul, que tinha chegado do Rio de Janeiro! E o Rio de

<sup>240</sup> SOUSA, Marcio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 7 de abril 2009.

<sup>241</sup> Idem.

<sup>242</sup> DINIZ, André. *Opus Cit.* p.93

Janeiro é o local onde tem os sambas. Tem que ser exportado, e nós trouxemos pra cá!<sup>243</sup>

Pelo senso comum, é possível fazer uma confusão em torno de convênios sociais estabelecidos. A Escola de Samba recebe, anualmente, recursos financeiros doados pela Eletrosul, Tractebel, principalmente, além de outras empresas para os projetos sociais desenvolvidos pelo G.R.E.S. Consulado. Graça aponta:

Eu hoje, eu posso dizer para você que o Projeto Caeira 21 está em torno de R\$ 360 mil/ ano, para a manutenção; mesmo com toda essa parceria que temos com o poder público, nós temos hoje 11 profissionais de educação aqui dentro. Cinco são mantidos pela prefeitura, os outros todos são remunerados e bancamos com os recursos que vem da escola de samba.<sup>244</sup>

A quadra da AMOCA, que é ao mesmo tempo do futebol da comunidade, também é utilizada nos ensaios do G.R.E.S. Consulado pode ser uma das representações políticas da disputa interna entre membros da Associação de Moradores e a direção da Escola de Samba, assim como foi representada outra questão política interna, quando da realização da assembléia da AMOCA e a nova diretoria da agremiação carnavalesca, em 27 de agosto de 1991, da qual participou Antonio de Matos, que falou do histórico do Consulado e da associação, e Iraci Machado Goulart, presidente do G.R.E.S. Consulado.

Um dos conflitos que ressurge de tempos em tempos entre a comunidade, a AMOCA e o Consulado está relacionado à divisão, uso e administração da quadra. Erguida a símbolo político de briga interna e que chega à cidade em formas de incriminações e preconceitos. Constata-se um enfrentamento interno que transborda para espaços externos, oriundo nos ciclos de administração da AMOCA, cuja diretoria é oposição à diretoria do G.R.E.S. Consulado. Desde que essa parceria, muito mais persuadida pelo Consulado do que aceita plenamente pela comunidade, iniciou, estão presentes desentendimentos, frustrações e desgaste por todos os lados. Um sempre à espera de que venham mais contribuições por parte do outro. Para mostrar essa problemática, recorro a quatro posicionamentos das fontes orais. Começo por Cedenir Simon:

...na verdade é uma relação dúbia! Por que de um lado, é uma coisa que é bom, por que trouxe para a comunidade inegavelmente atividades que ajudam as crianças, ajuda a comunidade, por outro lado, na época do carnaval são três meses de barulho, literalmente, numa comunidade pequena... uma comunidade que dentro da regra inclusive do Plano Diretor da cidade não poderia inclusive ter barulho ali dentro! Então, é uma dificuldade por que de um lado, para quem vai na escola... para quem é de fora é ótimo! Vai lá uma noite, curte. Agora quem mora lá todos os dias à noite... o barulho é um problema! Por mais que muitas vezes também traga benefícios, traga benefícios às crianças do bairro! Então é uma relação que não é bem resolvida!

<sup>243</sup> FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 30 de abril 2009.

<sup>244</sup> CARNEIRO, Graça. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro 2009.

E que, na verdade, inclusive, a quadra do Consulado não é do Consulado! É uma quadra da prefeitura! Cedida para a AMOCA, administradora por nove meses e para o Consulado é de três meses, só que hoje já virou espaço... é quadra da Consulado! Então a quadra é o emblema de como... a quadra é o símbolo de como de fato a comunidade foi perdendo a identidade... para, hoje, ter um espaço da Consulado! Então, eu, por exemplo, sou associado do Consulado, mas morando ali a gente percebe que há uma evolução em relação ao questionamento da presença da escola ali.<sup>245</sup>

Antonio de Matos, membro da diretoria do G.R.E.S. Consulado, delinea o posicionamento da Escola de Samba, ao ser perguntado se a comunidade adotou a Escola de Samba:

Eu não posso dizer que adotou. Eu acho que eles sabiam que como a Consulado veio da Eletrosul, eles acharam que eles iam receber uma escola de samba que dá tudo pra eles... e não é bem assim as coisas. Talvez tenham criado na imaginação deles uma coisa que a escola não tinha condições de fazer... e até hoje tem muito atrito lá. Por que não tinha barulho lá e passou a ter. Então, muita gente não aceita o Consulado. Muitos aceitam. Mas muitos não aceitam. Mas o quê vai se fazer? A maioria aceita. E também você ter unanimidade é difícil mesmo. Mas hoje como a escola faz um projeto social enorme lá, são quase 200 crianças, então aquelas famílias de lá ficam sem jeito de falar alguma coisa. Que eu acho que o objetivo de uma escola é ter, fazer um trabalho social.<sup>246</sup>

O proprietário do carro do cachorro quente, Agenor Vicente Correa, nascido na Caieira do Saco dos Limões, no dia 30 de agosto de 1955, sempre morou nesse bairro. Trabalha todas as noites na venda de alimentos em frente ao Ginásio de Esportes e Quadra do Consulado, já foi presidente da AMOCA, diz:

O quê há aqui é o seguinte, é que muitos moradores, não é a maioria... vamos supor, uns 10 ou 15 moradores que tem divergência com a Consulado porque justamente foi aquilo que eu falei, que vieram pra cá, só faziam um barulho... e depois iam embora! Aí usavam toda a estrutura pra ganhar dinheiro, pra se estruturar, o Consulado se estruturar! Mas só deixavam para comunidade o barulho! Haja vista que... ela não fazia a função que outras escolas do Rio de Janeiro faziam! Ela, em volta da escola, ela tinha toda uma promoção de... a costureira, que constrói o carro, o cara do cachorro quente, o cara de vender cocada, o que vende cerveja... essas pessoas não eram contempladas! Então a indignação desse povo era justamente isso! Que só vinham, faziam barulho, e depois batiam em retirada!<sup>247</sup>

Tarcísio Paulo Real, 63 anos, presidente da AMOCA pela segunda vez, carnavalesco e membro da Velha Guarda do Consulado vivenciou relacionamentos anteriores entre AMOCA versus Consulado. Tarcísio responde a pergunta sobre conflitos em gestões anteriores:

Mais do que agora! Mais do que agora! Principalmente por que... havia uma discriminação entre o Consulado e a antiga diretoria da AMOCA. Então... o pessoal da AMOCA não aceitava a maneira do Consulado trabalhar aqui dentro! A maneira dele intervir nos assuntos... Não é intervir nos assuntos! É refazer que a coisa acontecesse sem a permissão da AMOCA. E, então, o pessoal ficava enciumado por

<sup>245</sup> SIMON, Cedenir. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 15 de agosto 2009.

<sup>246</sup> MATOS, Antonio de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de agosto 2009.

<sup>247</sup> CORREA, Agenor Vicente. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de julho 2009.

causa disso. E eu graças a Deus consegui contornar essa situação, e estamos passando por cima de tudo.<sup>248</sup>

É bom lembrar que, para esta pesquisa, Tarcísio Paulo Real informou que foi eleito para a gestão atual: “por incrível que pareça, é significativo: 52 a dois”<sup>249</sup>

Em dois de fevereiro de 1990, a Quadra da Amoca e do G.R.E.S. Consulado foi inaugurada. Na fotografia (em anexo) do ingresso para a apresentação da noite, consta o *show* de Martinho da Vila, contratado para fazer o espetáculo de inauguração da primeira quadra coberta de uma escola de samba de Florianópolis.

Na pesquisa feita por Alexander Dymow, o objetivo é pesquisar sobre a campanha publicitária de lançamento do G.R.E.S. Consulado, no ano de 1986, produzida pela agência de publicidade Quadra Comunicação. O Bloco Consulado lançou a campanha antes mesmo de adentrar no ciclo de Escola de Samba “e terminou no carnaval de 1987, quando houve a estréia da mesma.”<sup>250</sup> A referida campanha foi exibida em jornais, redes de televisão e rádios e com a distribuição de panfletos para o público, onde expôs motivos da transformação do bloco em escola de samba.

A agência de publicidade, entre as peças publicitárias, criou uma canção breve, de um minuto, que serviu para o lançamento da campanha:

Abre sem batucada  
 Voz: Olha a Consulado aí, gente!  
 Música:  
 Era uma vez um bloco  
 Que um dia entrou no samba  
 E abafou.  
 O nosso velho Bloco Consulado  
 Em linda Escola de Samba  
 Se transformou.  
 Como um casulo pequenino  
 Que vira borboleta multicolor,  
 Explode em vermelho e branco  
 E vira uma escola de samba.  
 De samba, alegria, paz e amor.  
 Refrão:  
 Consulado chegou... ô, ô.  
 Consulado abafou... ô, ô.  
 É escola de samba em grande estilo  
 E alto astral.  
 Refrão:  
 Consulado chegou... ô, ô.  
 Consulado abafou... ô, ô.  
 É explosão de alegria, pra animar  
 O carnaval.

<sup>248</sup> REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro 2009.

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> DYMOW, Alexander. *Opus Cit.* p. 7

Voz;  
Era uma vez...

Fecha batucada <sup>251</sup>

Trata-se, pois, de um componente relevante à formação do estereótipo e do entendimento de “escola de branco, classe média”. O Bloco Consulado já transportava o rótulo e em pleno processo de transformação à escola de samba utilizou de uma estratégia de comunicação para com a comunidade florianopolitana. Isso, em termos de época, parece um padrão extravagante, apenas de empresas grandes, dos endinheirados. Falamos de um processo comunicacional, iniciado no ano de 1986, quando Fernando Collor não havia chegado ao poder. Posteriormente, o primeiro presidente eleito pelo voto direto, após a ditadura brasileira, cortou uma série de benefícios incorporados ao salário do funcionalismo, o chamado “marajá”.

A campanha publicitária talvez tenha provocado estranhamentos das escolas concorrentes. Era um formato incomum para um tempo em que as escolas concorrentes ainda iam aprender a lidar com as transmissões dos espetáculos pelas redes de televisão. Talvez por isso, as escolas adversárias estranharam a campanha e acreditaram que o G.R.E.S. Consulado era somente uma “escola de branco”. Todos esses percursos do Consulado fazem parte da História.

---

<sup>251</sup> Idem, p.36



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas redações jornalísticas, costuma-se dizer que uma reportagem deve ter prazo para fechamento. A palavra fechamento não significa final de trabalho, embora a reportagem esteja pronta para ser baixada no jornal impresso, ou para ser veiculada na rádio ou televisão, ou ainda, fazer a transferência para a internet. Um fato jornalístico quase nunca está encerrado. Há sempre a possibilidade de ampliação, de uma(s) questão(ões) ficar(em) em aberto para o dia seguinte ou para uma outra edição.

Em história há semelhanças. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior discute em *História: a arte de inventar o passado: “o estatuto do saber histórico na pós-modernidade.”*<sup>252</sup> Trata-se de um estudo relevante à discussão provocativa e proponente de bases novas à teoria da história. O pesquisador enfatiza quais são os paradigmas novos, a partir de uma cosmovisão criada pela cultura humanística Ocidental, que lida atualmente no decorrer e na intermediação do conhecimento analógico para o digital. Os mundos das imagens e das linguagens binárias, incluindo a escrita, são documentos e fazem parte da historiografia e forjam o narrar ou inventar o passado:

Estas mudanças paradigmáticas rompem com as categorias da modernidade, cuja consciência histórica ocupou o centro na configuração de todos os saberes. Tal como Bouvard e Pécuchet, estamos céticos quanto à possibilidade de se conhecer o passado, tal como ele realmente foi. Pensamos, hoje, o passado como uma invenção, de que fizeram sucessivas camadas de discursos e práticas. Percebemos o passado como um abismo que não se para de cavar; quanto mais queremos nos aproximar dele, mais nos afastamos. Damos-nos conta de que a História não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está, sim, a serviço do esquecimento. Ela está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada. Inventando, a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa, portanto, ele enuncia já a sua morte prematura.

O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo. Nem sempre se fez História do mesmo jeito, e ela serviu a diferentes funções no decorrer do tempo.<sup>253</sup>

Percebi, nesse desafio, características determinantes à escola de samba estranha à população da Caieira do Saco dos Limões. Está claro o ainda não-reconhecimento do G.R.E.S. Consulado como a escola de samba do bairro, mesmo com os projetos sociais

---

<sup>252</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. São Paulo. Edusc. 2007. p.56

<sup>253</sup> Idem.p.61

desenvolvidos na comunidade local e em redor, com a possibilidade de lazer e diversão (ainda que não aceita por significativa parte da população local), com a perspectiva de conhecer a música e crescer individual e coletivamente, com as oportunidades de trabalho e renda, os intercâmbios culturais e as viagens para outras cidades. Tudo isso ainda é fora do comum para moradores do bairro.

Por outro lado, há problemas sem solução, aparentemente. Os casos de barulho em demasia provenientes dos ensaios, dos estacionamento nas ruas, de engarrafamentos e da impossibilidade de moradores transitarem com seus carros, ou sem os obstáculos quando a pé. Das tomadas de decisões da diretoria do Consulado de forma unilateral em assuntos de interesse em comum à AMOCA, embora o representante da presidência da associação de moradores afine com métodos e meios administrativos postos pela diretoria do Consulado. Situação vista pelos opositores da AMOCA com a roupagem de ingerência da direção da agremiação carnavalesca. Há problemas, sim, do uso da quadra de esportes, da renda do bar, a qual, anteriormente, era feita pela AMOCA e revertida para a Associação de Moradores. Desentrosamento político entre ambas as entidades que emperram entendimentos e conciliações favoráveis a todos.

Em relação ao carnaval, o Consulado traz do Rio de Janeiro alguns traços característicos da inovação, organização, criatividade e planejamento desde os tempos de Bloco. Sabedorias repassadas para a fase de Escola de Samba e que foram postas como estereótipos de uma “escola de branco”, com a intenção de desqualificar a escola de samba.

Mas conserva a marca de “Escola da Eletrosul” até hoje. De uma escola de samba formada pela classe média. Cabe aqui uma crítica em forma de perguntas: por que em uma escola de samba não se pode ter a participação da classe média? É correto afirmar que a classe média não gosta de samba? Será que as escolas de samba devem abrigar apenas pessoas de etnia afro-descendentes? São perguntas de cunho político e social, sim. Também o são. Diante dessa postura adotada por alguns da Capital fica clara a demonstração de ansiedade pelo poder e controle sobre os cérebros dos membros de escolas de samba concorrentes do G.R.E.S. Consulado. E pior, são reproduzidas por cabeças pensantes da sociedade intelectual florianopolitana, como: vamos aniquilar o adversário para não perdermos o concurso do Desfile de Carnaval das Escolas de Samba. Derivam dessas compreensões inadequadas preconceitos, estigmas, discriminações e o ódio ao oponente do carnaval, tal qual havia alguns anos quando em comportamentos primitivos partiam para brigas corporais, algumas só

apartadas pela presença da força policial. Consta na historiografia e é anterior à existência do Consulado. Entendendo que houve também lutas corporais entre consulenses e adversários. Episódios pertencidos muito mais ao campo político e do domínio intelectual que circula no interior de escolas adversárias.

Todos os fatos presentes nessa investigação científica estão atrelados ao processo nominado de modernização e profissionalização do Carnaval de Florianópolis, que é intrínseco ao processo brasileiro de espetacularização do Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Só para lembrar, o Bloco Carnavalesco Consulado do Samba e a Escola de Samba Consulado surgiram por iniciativa de empregados da Eletrosul imigrantes do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul e demais estados brasileiros, em 1976. É, então, de uma época em que se assistia pela primeira vez, pela televisão, à transmissão do desfile “diretamente da Marquês de Sapucaí” para o Brasil. A pacata Florianópolis desejava estar da mesma forma que os cariocas, tanto que inúmeras vezes cenários do Rio de Janeiro foram comparados aos de Florianópolis. Os manezinhos tinham espírito alegre, bem-humorado e a hospitalidade do carioca (até do bom malandro carioca). Desse modo, faz parte do processo de mercantilização de uma festa popular transformada pela mídia em espetáculo, cada vez mais voltado para os públicos pagantes (de quem vai para o Sambódromo) e aquele que fica em casa para assistir ao desfile, outro potencial consumidor dos produtos gerados a partir da mercadologia, tais como: LPs com os sambas-enredo, produtos e fantasias apresentados nos desfiles, consumo dos anunciantes do Desfile de Carnaval etc.

A imprensa de Florianópolis e os veículos de comunicação vivem a fase de implantação no Estado com novas parafernalias tecnológicas lançadas para expandir a comunicação no país. São lançados os satélites de transmissão via Embratel, que geram a possibilidade de assistir jogos e desfiles “ao vivo” tanto do Maracanã, quanto do Sambódromo, respectivamente. E o período é de expansão das comunicações em Florianópolis. É chegada a RBS – Rede Brasil Sul – hoje Grupo RBS, afiliada a Rede Globo de Televisão, empresa que desenhou, após a Rede Manchete, as transmissões dos Desfiles de Carnaval do Rio de Janeiro para “todo o país.” A partir desse marco, a imprensa catarinense passa a se interessar pelo novo negócio mercadológico, promissor de lucros e de organização, segundo os ditames das empresas de televisão. Aqui na Capital é mais uma vez descaracterizada a maior festa popular que sofreu as primeiras influências rumo ao padrão de mercado. A imprensa florianopolitana, que tem um caráter de defesa dos “interesses de Florianópolis”, em uma tentativa de simulacro com a imprensa dos tempos da queda do

absolutismo na França, quando os jornais traziam o discurso político partidário, assume posição, sendo que profissionais contratados pelos veículos – jornalistas e colunistas – abrem discursos desfavoráveis ao Consulado – em sintonia com lideranças de escolas tradicionais da cidade que se vêem ameaçadas pela escola caçula.

Se não foi possível desviar desse formato, as escolas de samba tomaram o rumo do mercado se ajeitando aquilo que estava por vir. Por essa proximidade com o Rio de Janeiro, pela característica de formação, organização e transcurso, o Consulado acaba se amoldando ainda mais ao formato carioca. Os fundadores conhecem esse tipo melhor do que os concorrentes que, espantados, não entendem a fundo essa trajetória. Demoram a (re)conhecer as transformações nos Desfiles de Carnaval.

Todavia, o Consulado atrai sim adeptos novos ávidos por participar de um carnaval como se estivessem se exibindo na televisão. A classe média florianopolitana, finalmente, encontra um canal uma escola de samba igual ao que imaginava para se mostrar, mesmo que não saiba sambar corretamente. Outro dado: a escola fica fora dos morros da cidade, e esse é um ponto indicado para a integração de mais pessoas de Florianópolis, além do bairro.

E para as pessoas que não têm como pagar, a escola de samba oferece a ala da comunidade. É uma estratégia para quem é de fora ter acesso e sair numa escola de samba. Isso vai mudando a aparência do Consulado, chamado até então de escola de branco. Abre a chance de maior participação popular da cidade, enquanto as escolas concorrentes contam com as pessoas da comunidade para ser representada no carnaval, como aconteceu com o Duda (que concedeu depoimento relevante para o trabalho), que era do Bloco SOS Saúde e depois que o Consulado passou a ser Escola de Samba entrou como membro da agremiação. O contexto provoca a ira de escolas adversárias. Amor e ódio ao Consulado.

Sinto, pela impossibilidade de gravar mais depoimentos para este trabalho, de ter conhecido pessoas por meio daquelas que contribuíram com seus depoimentos, ou mesmo de não ter como ir além das temáticas interessantes por demais a respeito da Escola de Samba. Sinto, mais ainda, pelo afastamento voluntário de adeptos do Consulado que bem poderiam dar suas contribuições valiosas à Escola de Samba, ainda que concordantes ou divergentes. Falo com a voz de historiador novato.

O aspecto que mais aproxima a História do Jornalismo é a entrevista. O método, embora não pertença a um campo nem a outro, é ponto de partida e de chegada na construção e narrativa histórica. A lembrança (no jornalismo) e a memória (na História) são o caminho

do dar sentido à existência e possibilitar a compreensão da representação de um dado acontecimento. Escreve, de forma simples, Paul Thompson:

O lazer, quer como um recurso dos solteiros para namorar, ou dos casados para fugir de casa para o botequim, leva na direção da história da família. Nesta área da história social o impacto da evidência oral é especialmente importante, pois permite que o historiador examine questões críticas que anteriormente eram restritas.<sup>254</sup>

A todo esse contexto há um motivo guardado bem a fundo de cada indivíduo. Cada qual, a seu modo, gosta e pratica de algum jeito. Uns mais, outros menos. E alguns até vivem desse ato. Gente, cantar é a vida, é a ação geradora de toda essa festa popular do “lado Ocidental.”

O samba-enredo é a fusão e a estória narrada por toda escola de samba em sua apresentação. A partir da década de 1990, escolas de samba do Rio de Janeiro tomam o rumo da padronização do samba-enredo com o objetivo de levantar a arquibancada, e talvez com isso impressionar a comissão julgadora por intermédio do ato de levantar o público. Mussa e Simas revelam:

Esse padrão, ultimamente, não tem tido exceções. Sambas de formato diferente não ganham mais concursos. E existe uma crença já enraizada entre os próprios compositores de que, nos carnavais de hoje, o samba tem que ser “funcional”. E ser funcional significa atender a esses parâmetros.<sup>255</sup>

Esse modelo serve como base de melodia e cadência para o G.R.E.S. Consulado. Mas ainda não havia chegado em nível proposto. Todavia, parece-nos que ainda é mantida a musicalidade anterior em alguns dos sambas com letras maiores e com a velocidade anterior.

Le Goff diz:

Assim, enquanto a reprodução mnemônica palavra por palavra estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita, executando certas práticas de memorização *ne varietur*, das quais a principal é o canto, atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas.<sup>256</sup>

Os cariocas do Consulado têm uma contribuição marcante no Carnaval de Florianópolis. Mas, como se diz nas redações jornalísticas, o *deadline* está próximo, mas ainda não se concluiu! Está incompleto e aberto a quem quiser cooperar.

<sup>254</sup> THOMPSON, Paul. *Opus Cit.* p.131.

<sup>255</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Opus Cit.* p.117

<sup>256</sup> LE GOFF, Jacques. *Opus Cit.* p. 426.

**FONTES**

## A) Impressas ou datilografadas:

*Diário Catarinense*, Florianópolis, edição 8.679, 2ª edição, da sexta-feira, 29 de janeiro de 2010.

Documentos esparsos do Acervo da ELASE.

Livro de Atas da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões. Livro 1.1986.p.1.

Pasta de documentos do Acervo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado.

## B) Orais

AMIN, Esperidião. Depoimento prestado ao autor e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis em 19 de agosto de 2009.

AZEVEDO, Rosita. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis na primeira quinzena de janeiro de 2009.

CARNEIRO, Graça. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de janeiro de 2009

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 17 de dezembro de 2009.

CORREA, Agenor V. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, 29 de julho de 2009.

DANIELEWSKI, João Carlos Maciel. Depoimento prestado ao autor em 7 de agosto de 2009.

FILHO, Salomão Lobo de Sousa. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 30 de abril de 2009

MARUJO, Elias. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 2 de novembro de 2009 e 16 de janeiro de 2010.

MATOS, Antonio de. Depoimentos prestados ao autor em Florianópolis em 17 de agosto de 2009 e em 29 de outubro de 2009.

QUADROS, Aidê Carvalho de. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em janeiro de 2009.

REAL, Tarcísio Paulo. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 29 de janeiro de 2009.

SANTOS, Nivaldo João. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 29 de abril de 2009.

SILVA, Gilberto Lopes da. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 15 de agosto de 2009.

SILVA, Marcelo da. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis, em 16 de abril de 2010

SIMON, Cedenir. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 15 de agosto de 2009.

SOUSA, Marcio. Depoimento prestado ao autor e a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis em 7 de abril de 2009.

VAZ, Jorge. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 7 de outubro de 2009.

VIEIRA, Carlos César. Depoimento prestado ao autor em Florianópolis em 14 de janeiro de 2009.

#### C) Fontes de webgrafia:

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA CULTURAL UNIDOS DO CRUZEIRO – ARUC. Disponível em: <<http://www.aruc.com.br/>> Acesso em 28 de outubro de 2009.

BASTOS, Ângela. **Suspeita** de plágio gera polêmica no Carnaval de Florianópolis. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/especial/sc/cracknempensar/19,0,2701748,Suspeita-de-plagio-gera-polemica-no-Carnaval-de-Florianopolis.html>>. Acesso em 21 de janeiro de 2010.

CLICK RBS. Disponível em: <<http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/ResultadoBusca.aspx?uf=1&tipo=categoria&texto=17&channel=46>>. Acesso em 18 de janeiro de 2010.

CLICK RBS – DIÁRIO CATARINENSE. *Para MP, suspensão de contrato da árvore não impede eventos de fim de ano em Florianópolis.* Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2748394.xml>>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

DICIONÁRIO DA MÚSICA POPULAR EM SANTA CATARINA. *Bom Partido.* Disponível em: <<http://www.dicionarionepom.ufsc.br/bompartido.htm>>. Acesso em:

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Governadores de SC – Lauro Severiano Müller.* Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/historia/paginas/governadores.html>>. Acesso em: 5 de setembro de 2009.

HAGAH – RS. Disponível em: <<http://www.hagah.com.br/jsp/default.jsp?uf=1&pg=1&coldir=1&section=Blogs&template=4>>

062.dwt&source=DYNAMIC, blog.BlogDataServer, getBlog&blog=583&tipo=1&post=255130>. Acesso em 19 de janeiro de 2010.

MICROFONE: O SITE DO RADIALISTA. *História da TV Manchete*. Disponível em: <[http://www.microfone.jor.br/hist\\_manchete.htm](http://www.microfone.jor.br/hist_manchete.htm)>. Acesso em 12 de outubro de 2009.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Humberto de Alencar Castello Branco, Marechal*. Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/info\\_historicas/galeria\\_pres/galcasbranco/galcbranco/integra\\_presidente\\_view/](http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres/galcasbranco/galcbranco/integra_presidente_view/)>. Acesso em: 5 de setembro de 2009.

SCÜCS, Carolina P. ; TRIVELLA, Luciana M. A. ; SOUZA, Marina E. F. de. *Preservando o Patrimônio da Vila Operária do Saco dos Limões*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/033R.pdf>>. Acesso em janeiro de 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Carnaval da Alegria*. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=eventopagina&event=65>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010

WIKIPÉDIA. *Consulado do Samba*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Consulado\\_do\\_Samba](http://pt.wikipedia.org/wiki/Consulado_do_Samba)>. Acesso em: 12 de setembro de 2009.

WIKIPÉDIA. *Unidos da Coloninha*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos\\_da\\_Coloninha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_da_Coloninha)>. Acesso em: 5 de novembro de 2009.

WIKIPÉDIA. *Saco dos Limões*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Saco\\_dos\\_Lim%C3%B5es](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saco_dos_Lim%C3%B5es)>. Acesso em: 13 de setembro de 2009.



**BIBLIOGRAFIA**

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história., In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Organizadoras). *Usos e abusos da História Oral*. (8ª Edição). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas* Vol. 1 (Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura). São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERNARD, C. *O Bê-á-Bá das Escolas de Samba*. Ed. Diálogo Cultura e Comunicação,.2001.

BORN, Sandra Regina. *Falas na cidade de Florianópolis*. Relações de poder e redes sociais (1945-1964) Florianópolis: UDESC, 2007, (Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura).

BUENO, Renato Santiago. *Samba, Escolas de Samba e políticas na construção da Passarela Nego Quirido em Florianópolis (1980-1989)*. Florianópolis: UDESC, 2008, (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História).

CARREIRÃO, Yan de Souza e BORBA, Julian. *Os Partidos na Política Catarinense – Eleições, processo legislativo, políticas públicas*. Florianópolis: Insular. 2006.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. (4ª Edição). São Paulo: Summus, 1986.

DINIZ, André. *Almanaque do Samba*. A história do Samba. O que ouvir. O que ler. Onde curtir. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

DYMOW, Alexander. *Escola de Samba Consulado* uma questão de identidade. Florianópolis: UFSC, 1996 (Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História).

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

FANTIN, Márcia. *Cidade dividida*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses*. Ensaio de teoria do jornalismo. Florianópolis. Editora Insular. 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A editora. 1999.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória* (5ª edição). Campinas: UNICAMP, 2003.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de Samba: ritual e sociedade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana - Florianópolis, 1950 a 1970*. Porto Alegre: UFGRS, 2002 (Tese de Doutorado em História).

MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do sol: Operação Barriga Verde*. Florianópolis: UFSC/Fundação Boiteux, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* Florianópolis. UFSC, 1997.

MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo. Identidades brasileiras*. São Paulo. Paulus. 2006.

MOTTA, Luiz G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal*. Brasília: UNB, 2002.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Organizadoras). *Usos e abusos da História Oral*. (8ª Edição). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo. Ática, 1987.

RIOUX, Jean-Pierre. *Entre história e jornalismo*, In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

SANTOS, Maria Madalena Coelho dos. *Processo de produção do carnaval em Florianópolis na SRCES Embaixada Copa Lord*. Florianópolis: UDESC, 2001 (Trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Moda: Criação e Produção).

SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira. Das origens à modernidade*. São Paulo. Editora 34. 2008.

SILVA, Marcelo da. *Os Bailes, as Casas e as Ruas*. Monografia de conclusão de curso História. Florianópolis. Udesc. 2000.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903), In: *Mana*, vol.11, no. 2, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Outubro de 2005.

TORRES, Mateus Gamba. *A Justiça nem o diabo se há de negar: A repressão aos membros do Partido Comunista Brasileiro na Operação Barriga Verde (1975 – 1978)*. Florianópolis: UDESC, 2009. (Dissertação de Mestrado em História).

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

TRAMONTE, Cristiana. *O samba conquista passagem* – As estratégias e a ação educativa das Escolas de Samba de Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 1996.

**ANEXOS:**